23602

Série PUIGGARI-BARRETO

TERCEIRO LIVRO DE LEITURA

7.ª EDIÇÃO

Premiado com medalha de prata na Exposição Universal da cidade de S. Luiz – E. U. A.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.
166, Rua do Ouvidor, 166—Rio de Janeiro
Rua de S. Bento, 65—S. Paulo
Rua da Bahia, 1055—Bello Horizonte

1911

SA
38-8
42

Biblioteca Nacional de Maestros

6 - A 10
34

00001443

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

23602

Série PUIGGARI-BARRETO

O R.
C. Nole 8

TERCEIRO
LIVRO DE LEITURA

PELOS PROFESSORES

Arnaldo de Oliveira Barreto

Ex-Inspector das escolas-modelo annexas á Escola Normal,
Director do Gymnasio de Campinas

— E —

R. Puiggari

Ex-director do 1.º Grupo Escolar do Braz

Livro approvado pelo Governo do Estado de S. Paulo e adoptado em todas as suas escolas publicas; pelo Governo Municipal da Bahia; pelos Conselhos Superiores de Instrucção Publica dos Estados de Santa Catharina e Espirito Santo; e premiado com medalha de prata na Exposição Universal da cidade de S. Luiz, E. U. A.

7.ª EDIÇÃO

MODIFICADA E AMPLIADA POR

ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

BIBLIOTECA NACIONAL DE MAESTROS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.

166, Rua do Ouvidor, 166—Rio de Janeiro
Rua de S. Bento, 65—S. Paulo
Rua da Bahia, 1055—Bello Horizonte

1911

131X180

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

Consoante já tivemos ensejo de declarar nos dous primeiros volumes desta série, nem todos os assumptos, dos que compõem o nosso trabalho, são originaes; mas, por isso que, em obediencia ao plano da obra, tiveram de ser adaptados, isto é, modificados na fórma e algumas vezes na essencia, não nos parecia legitimo pôr-lhes os nomes dos respectivos autores, o que, entretanto, fizemos com relação áquelles que foram transcriptos na sua integridade.

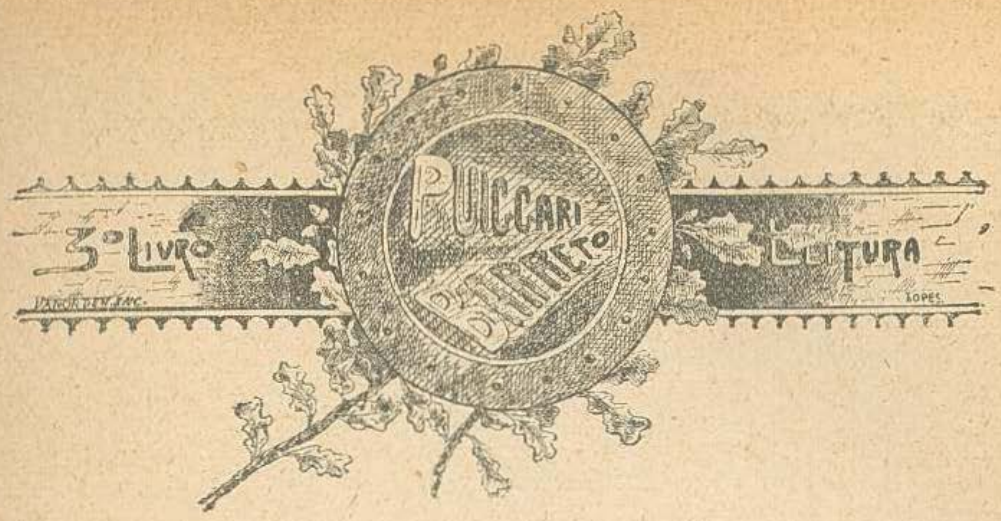
A declaração torna-se, portanto, necessaria, embora tratando-se, como se trata, de escriptores alguns dos quaes mui pouco conhecidos no nosso meio didactico, como França Junior, Venialli, Oreste Boni, Cordelia, e outros.

S. Paulo, 1 de setembro de 1904.

Os autores.

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros



Palestra util

Em casa do Dr. Silva Ramos, o generoso medico amigo da pobreza, achavam-se reunidas algumas crianças, amigos e collegas de seus filhos.

Formando circulo a um canto da vasta sala de jantar, naquella hora illuminada fartamente pelos tres bicos de gaz da arandela cheia de pingentes de crystal, — sentados uns na rêde sorocabana, outros em baixas cadeirinhas de vime, discorriam alegremente sobre assumptos diversos, com a garrulice propria da sua edade.

Narravam, uns, as festas que tinham assistido durante as férias; os que estiveram em sitios e fazendas, descreviam caçadas, pescarias, passeios a cavallo e outras diversões

Biblioteca Nacional de Maestros

proprias da roça; os que se haviam ausentado para outras cidades, para outros Estados, e viajado em estradas de ferro, contavam os episodios que mais os impressionaram, alguns tão engraçados, que provocavam francas risadas dos ouvintes.

— E faltavam apenas oito dias para recomeçarem as aulas do grupo escolar! lembrou Paulo, em quem aquellas narrativas tão interessantes despertavam desejos de que as férias fossem mais prolongadas.

— E' verdade! confirmou Zuzú; daqui a oito dias recomeçaremos a nossa faina de estudantes. Mas, vocês querem que eu fale com toda a franqueza? Estou com muitas saudades da escola.

— Eu tambem.

— Eu tambem.

Todos effectivamente sentiam saudades da escola, e dos companheiros, que não viam havia dous mezes.

— Eu fui mao estudante o anno passado, confesso, continuou Zuzú; mas, agora, vocês vão ver, estou resolvido a mudar de rumo. O tempo passa de qualquer fórma, quer a gente viva a brincar, quer a trabalhar, quer a vadiar. Já tenho pensado muito nisto.

Biblioteca Nacional de Maestros

Quem fizer, por exemplo, por aprender, todos os dias, tres palavras novas, cousas aliás em que se não gastariam nem quinze minutos diarios, no fim de um anno saberá tres vezes trezentos e sessenta e cinco novos vocabulos, ou mil e noventa e cinco termos da nossa lingua materna, tão bonita!

— E é mesmo! atalhou admirada a Luizinha.

— E querem saber como eu me convenci disso? De um modo muito simples. Nas vesperas do Natal, eu li num jornal uma poesia muito bonita sobre a missa do gallo na roça. Porque a não decora você, uma vez que a acha tão bonita? perguntou-me minha irmã Rita.

— Vontade não me falta, respondi-lhe, mas é muito grande, e eu não tenho lá grande memoria! — E é só por isso que você não o tenta?! Ora, diga-me, Zuzú, você seria capaz de comer um pão de duzentos réis? — Ora si sou, isso nem se pergunta! — Mas como o comeria você? Pondo-o inteiro na bocca? — Não; mas mastigando-o aos pedaços, aos bocados, e engulindo-os cada um por sua vez. — Pois faça o mesmo com a poesia; vá decorando-a trecho por trecho

Biblioteca Nacional de Maestros

que eu garanto que você a aprenderá toda inteira, e sem quasi sentir o trabalho.

E assim eu fiz.

Preguiçoso como era, porém, fui decorando, cada dia, um pedacinho, de modo que em oito dias a decorei toda, e posso afirmar-lhes que nunca mais ella me sahirá daqui.

E bateu na testa, como mostrando onde a poesia estava guardada.

— Por isso, concluiu Zuzú, eu penso que, para aprender qualquer outra cousa, basta seguir esse processo maravilhoso e economico.

— Tambem para ficar rico, acudiu Paulo, basta amealhar uma nota de mil réis todos os dias, para que, no fim de um anno, se consiga ajuntar trezentos e sessenta e cinco mil réis, e tres contos, seiscentos e cincoenta mil réis, no fim de dez annos.

— Exactamente como fazem as formigas, que são um bello exemplo para os homens, interveiu tio José, que, do logar onde estava, não perdia uma palavra do que conversavam as crianças. Muito bem, meus filhos; a sua palestra foi uma verdadeira palestra de philosophos, de homens criteriosamente previdentes. Muito bem, repito. E' mistér, porém,

Biblioteca Nacional de Maestros

que essas idéas não fiquem apenas em prosa: devem pratical-as. E áquelle que o fizer, eu desde já qualifico de menino sabio. Ha milhares de homens que têm atravessado a vida inteira sem nunca terem tido um momento de pensar tão acertado como esse que vocês acabam de passar. Vamos, meus Sócratezinhos de calças curtas, acceitem meus enthusiasticos applausos, e agora venham para a mesa, que o chá está arrefecendo.

A criançada, orgulhosa com os applausos de tio José, entreolhou-se satisfeita, e pouco depois explodia o seu contentamento ante os magnificos biscoutos e bolos que D. Julia fizera para festejar o anniversario da sua querida Luizinha.

Biblioteca Nacional de Maestros

A missa do gallo

Repica o sino da aldeia,
Trôa o foguete no ar;
O rio geme na areia,
Na areia brilha o luar.
Quantas vozes! Que alegria!
O povo da freguezia
Corre em chusma, folgazão.
No caminho, arcos de flôres,
Por toda a parte cantores,
Folguedos, agitação!

No grande largo da ermida
O tambor toca festivo...
Povo e mais povo em redor...
Além, a egreja, garrida,
Tendo defronte o cruzeiro,
E' toda luz e fulgor!

Biblioteca Nacional de Maestros

Chegam, de longe, as devotas,
Com seu rosario na mão.
Uns fazendeiros janotas,
Calças por dentro das botas,
Em pós do grupo se vão.

Que raparigas formosas,
Cheias de rendas e rosas,
Vão a ladeira a subir!
Parece um gorgeio de aves
Nos seus cantos mais suaves,
O que dizem a sorrir!

A brisa sopra fagueira
Brincando na larangeira,
E vae o rio enrugar.
Chegam de longe canôas,
Vogando ao rithmo das lôas,
Que sóbem alegres no ar.

O sino da freguezia
Da branca egreja da aldeia
Repica, repica mais;
O povo afflúe á porfia...
Eis a capella já cheia
De romeiros festivaes!

Biblioteca Nacional de Maestros

Como este festejo é lindo!
Que grande doçura encerra!
Poema de amor infindo
Que o Bem implantou na terra!
Salvé, crenças immortaes,
Tão puras e tão formosas,
Salvé almo berço de rosas,
Que embalou os nossos paes!

. . . . . .

Na palhoça illuminada,
Que se ergue junto da ermida,
Logo a missa terminada,
Se congrega a multidão.
Toldo de murta florida;
Flôres de magico aroma
Ornam o presepe, que toma,
Da sala, grande extensão.

Que lindo está! nada falta:
Nem esse astro milagroso
Que os magos, do céu, guiou;
Nem o gallo, que o repouso
Desprezando, por noite alta,
Tres vezes alto cantou!

Biblioteca Nacional de Maestros

Tudo o que a lenda memóra,
E consagra a tradição,
Tudo alli se vê, embora
Despido de perfeição:

Céo de estrellinhas douradas,
Moldadas em papelão;
Brancas nuvens, fabricadas
Da alva felpa do algodão;
Anjos soltos pelos ares;
Peixes sahindo dos mares;
Féras chegando de além;
A creação toda, e á frente
Os reis magos do Oriente,
Encaminha-se, contente,
Em demanda de Belém!

Vêde a lapa: o Menino
Repousa, em folhas deitado;
Seu rosto esboça a alegria
Do coração todo amor!
Em frente ao róseo bambino
Seu santo pae prosternado.
Mais perto, a Virgem Maria,
De Jericó meiga flôr!

. . . . . .

Biblioteca Nacional de Maestros

Trajando risonhas côres
Com muitos laços de fitas,
Rapazes, moças bonitas,
Formam grupos de pastores;
E, com voz fresca, brilhante,
Que rima versos festivos,
Aos pés do celeste infante
Vão depôr seus donativos:

Doces fructas sazonadas;
Ramalhetes de assucenas;
Cêra, em velas delicadas,
Pombinhas de brancas pennas!

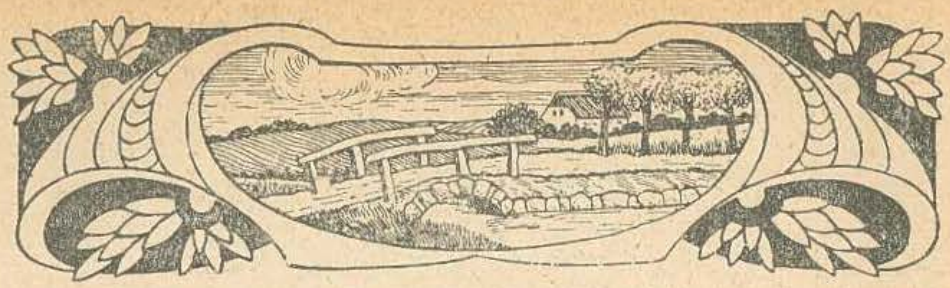
* * *

Eis o presepe singelo
Da devoção popular!
P'ra crença rude é o mais bello
Esse simples, modesto altar!
Depois... a resa acabada,
Seguem-se as festas do lar!...
A familia reunida,
Feliz se põe a ceiar.
Que noite, que madrugada!
Quanta lagrima esquecida,
Quanta tristeza apagada
Por um sorriso, um olhar!

Biblioteca Nacional de Maestros

Como este festejo é lindo!
Que grande doçura encerra!
Poema de amor infindo
Que o Bem implantou na terra!
Salvé, crenças immortaes,
Tão puras e tão formosas,
Salvé, almo berço de rosas,
Que embalou os nossos paes!

Biblioteca Nacional de Maestros



A matricula

I

Chegára finalmente o dia tão esperado da matricula.

Desde cedo, muito antes da hora annunciada para esse fim, já se via, estacionada na rua, em frente ao portão do sympathico edificio, numerosa multidão de senhoras, homens e crianças.

Dizia-se que, naquelle anno, por falta de vagas, poucos alumnos novos seriam admittidos; e, por isso, cada qual, julgando assim conquistar a primazia, se apressára em ser o primeiro a correr para a escola.

Mas a matricula só começaria ás nove horas; de modo que os que se anteciparam, tiveram de ir esperando ao portão da entrada,

Biblioteca Nacional de Maestros

formando-se em pouco tempo a grande agglomeração de gente que alli estava parada.

Alguns iam tentar pela primeira vez a matricula dos filhos; outros, mais felizes, firmados nas promessas do director, levavam quasi certeza de serem os seus os preferidos; outros, emfim, cuidavam que daquella vez sempre conseguiriam alguma cousa, visto como já era o segundo anno que pediam logares para os filhos, cujos nomes já deviam estar inscriptos no livro de pedidos.

Entretanto, não obstante o grande interesse que retinha alli, na rua, aquella gente toda, notava-se uma ordem irreprehensivel! Apenas um homem baixinho, billioso, desses homens que vivem eternamente zangados, resmungava a um canto, censurando energicamente haver tão poucas escolas para os filhos do povo, a ponto de ser preciso um homem madrugar para correr atraz de uma vaga, ás vezes incerta!

— Uma cousa que não tem proposito! continuava; obrigam-nos a tantos impostos, e quando vimos pedir o beneficio da educação de nossos filhos, quer saber o senhor? atiram-nos ao rosto com esta resposta, que nos abala os nervos: — Já não temos logar! A escola

Biblioteca Nacional de Maestros

já está cheia! e etcetera, e etcetera, e etcetera! E a gente que vá esperando até os filhos ficarem barbados!... Mas si as escolas não chegam, que abram outras, não acha o amigo? O povo o que quer, o que precisa, é de instrucção...

Bateram nove horas. Um murmurio alegre agitou a multidão, que se preparou para entrar.

Abriu-se o portão. Aquella gente toda perdeu a calma; e, comprimindo-se, empurrando-se, numa pressa absolutamente inexplicavel, precipitou-se para o largo saguão da escola, que, em poucos instantes, ficou completamente cheio.

II

Havia, effectivamente, poucas vagas. O povo, logo que se certificou disso, mostrou-se consternado.

Algumas senhoras, penalizadas, disfarçavam a sua contrariedade, gracejando com os filhos que as rodeavam, recommendando-lhes paciencia, mas notava-se que só a custo reprimiam as lagrimas, que já lhes humedeciam os olhos.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Pois não é tal qual eu dizia? exclamou, mais colerico ainda, o homem que já reclamára na rua. O estribilho é sempre esse mesmo: — Não ha vagas! Pois eu é que não mais preciso dellas, nem de matriculas, nem de nada. E passem muito bem!

E batendo o pé, furioso, suffocado pelo sangue que lhe subia á cabeça, o homemzinho retirou-se bruscamente.

Entretanto, os professores iam de um a outro grupo, explicando, delicadamente, attenciosamente, a causa de haver, naquelle anno, poucos logares para novos alumnos.

Dentro do saguão cruzavam-se os commentarios a respeito da matricula e do modo inconveniente por que se portára o homemzinho, e o ruido crescia de momento a momento.

De repente fez-se um breve silencio, e todos se voltaram para a porta da entrada. Chegava o director.

Uma senhora, rompendo a multidão, e quasi arrastando o filho, correu logo ao seu encontro; uma segunda a imitou; depois, outra e outra, ficando o director em poucos instantes envolvido por uma turba cerrada, de onde emergiam plumas, flôres e laços de fitas.

Biblioteca Nacional de Maestros

E elle, comprimido pela móle de gente, enxugando o suor, sorrindo, ensaiava responder á chuva de perguntas que lhe atiravam, fazendo menção de desvencilhar-se para se ir para o interior do edificio.

A multidão, porém, mais o apertava, num crescendo de borborinho, reclamando, pedindo, implorando quasi.

Afinal teve uma subita inspiração: chamou o porteiro e recommendou-lhe em voz bem alta para ser ouvido de todos:

— Diga a todos estes senhores que tenham a bondade de esperar um instante; que não posso attendel-os agora. E daqui a cinco minutos os introduzia, um de cada vez, no meu escriptorio.

O povo desapertou-se então, e elle pôde emfim passar.

Algumas pessoas, mais teimosas, ainda quizeram seguil-o; mas o porteiro correu para a entrada do corredor e delicadamente lhes pediu para voltar.

O Dr. Silva Ramos, que se installára pacientemente a um canto do saguão, esperando o momento para matricular os seus dous filhos e o afilhado, foi dos primeiros a ser introduzido á presença do director.

Biblioteca Nacional de Maestros

E elle lá se foi, alegre por se ver livre do aperto e do calor que produzia tanta gente reunida.

Pouco se demorou. Tinha apenas de deixar os cartões de promoção do anno anterior.

Quando voltou de novo ao saguão, ainda se ouvia o mesmo borborinho da multidão, esperando cada qual, ancioso, a sua vez de ir matricular os filhinhos.

Quadro para exercicios de imaginação

AMIGOS

Biblioteca Nacional de Maestros

Preparativos

I

Paulo e Donato é que estavam verdadeiramente impacientes para que as aulas logo recomeçassem.

Havia, para elles, naquelle anno, uma grande novidade na escola: iam ser ensinados por um professor.

— Agora sim, hein, Paulo? exclamava Donato, satisfeito.

E esse acontecimento os deixava orgulhosos a ambos, envergonhando-os quasi — vêde como a ingratidão nos assalta sorrateira! — de terem sido até então instruidos por uma senhora! Chegaram mesmo a esquecer que justamente á sua extremada solicitude e ao grande carinho de seu coração é que deviam tudo, tudo o que sabiam!

Biblioteca Nacional de Maestros

Um homem — a elles, que tinham sido como as avezinhas implumes que não pódem viver sem a constante solicitude materna — um homem não lhes teria dispensado os mesmos ternos desvelos, a mesma carinhosa paciencia, as mesmas cuidadosas attenções.

Luizinha tambem estava muito saudosa da escola e da sua querida professora, D. Henriqueta, que ia ser promovida, com a classe, para o 2.° anno.

Um pequenino sentimento de vaidade a agitava agora. Durante as férias, nos seus brinquedos de escola, com as bonecas, recordára a leitura e as contas.

Queria que as aulas logo recomeçassem para exhibir perante a mestra e as collegas o que de novo havia aprendido.

D. Julia, de seu lado, vivia numa dobadoura a preparar o enxoval escolar dos filhos. Para Luizinha fizera uns vestidinhos claros, de chita, muito leves e frescos e desataviados, para mais facilmente poderem ser lavados e passados a ferro.

A bondosa mãe aborrecia sinceramente o luxo.

Um vestido de seda, muito cheio de rendas, fitas e fôfos, valia, afinal, em sua opi-

Biblioteca Nacional de Maestros

nião, muitissimo menos que um vestido de chita, feito com toda a simplicidade.

Luxo! queriam ter luxo? Pois que o tivessem, mas no asseio escrupuloso da roupa e do corpo.

E, de accôrdo com seu modo de pensar, ia dando os ultimos pontos nas roupas de seus queridos filhinhos.

II

As crianças, numa captivante actividade, e entregues á doce satisfação que o trabalho produz, iam limpando as suas patronas de couro preto; mudando as pennas ás cannetas; apontando os lapis; lixando a moldura das pedras que ficavam como novas, tudo numa azafama alegre.

Donato, o afilhado do Dr. Silva Ramos, que chegára, poucos dias antes, da fazenda, com uma cabelleira muito comprida, corria para o cabelleireiro a cortal-a rente, á escovinha.

— Preciso de cabeça fresca este anno, minha gente, dizia elle sorrindo, mas com um tom firme de voz; vou mostrar que o filho do sertão, quando quer, tambem sabe estudar, tambem sabe aprender!

Biblioteca Nacional de Maestros

E os seus olhinhos, brilhantes de energia, confirmavam essa resolução.

Ao voltar, á tarde, de casa de seus clientes, gente pobre em geral, o Dr. Silva Ramos teve um momento de satisfação e orgulho ao presenciar aquelle rebolíço todo.

Estava habituado a ver as negras miserias alheias; e, quando desse ambiente de lagrimas e gemidos, se transportava para a luz alegre de seu lar, e lá encontrava os filhos cheios de saúde, corajosos para o trabalho e animados da expansiva actividade que a boa consciencia produz, sentia, por assim dizer, um deslumbramento!

— Trabalhem, filhos, disse elle, da porta, disfarçando a commoção; trabalhem, porque é na forja do trabalho que os homens purificam o coração!

E sentou-se no meio dos tres, examinando os livros de um, os cadernos de outro, e arredondando, com o canivete, as arestas da ponta do lapis que Luizinha tentava apontar e que mais pareciam feitas a enxó.

Biblioteca Nacional de Maestros

Os amigos condiscipulos

I

Emfim! Eis a criançada toda no espaçoso pateo do recreio, a rir, a brincar, fazendo ouvir aquelle ruido forte e alegre, que era como a alma do vasto casarão escolar.

Depois que bateu a sineta, o director desceu a escada, com uma lista na mão, e foi chamando um a um a todos os alumnos.

Cada um dos chamados respondia — *presente!* — e ia enfileirar-se no logar que lhe indicavam.

Biblioteca Nacional de Maestros

Organisadas todas as classes, o director deu um signal, e as dezenas de crianças, em pleno Sol, puzeram-se a desfilar em direcção ás aulas que lhes eram destinadas. Quando a longa fila começou a marchar, indo os alumnos dous a dous, num andar compassado e egual, muitos paes, do alto da escada que descia para o recreio, contentes da escola e da ordem que guardavam aquelles pequenos que mais pareciam soldados, com a sua blusa clara, apertada á cinta, e de calças curtas pelo joelho, manifestaram o seu enthusiasmo, exclamando: — Bravo! bravo!

Houve mesmo quem tivesse impetos de arrancar da fila os menores, os pequeninos, que vinham na frente, alegres e córados, guiando o batalhãosinho, e dar-lhes beijos, muitos beijos!

A fila, sempre a marchar cadenciadamente, entrou pelo comprido corredor, para onde davam as portas de todas as salas de aula, nas quaes iam penetrando por classes, até que a ultima porção de 40 alumnos entrou na destinada ao 5.º anno.

Fez-se um pequeno silencio. Depois, de cada aposento partiram cantos alegres. Dir-se-ia a passarada saudando o alvorecer da manhã.

Biblioteca Nacional de Maestros

II

A Paulo e Donato a escola já não parecia a mesma do anno anterior. Achavam-lhe um não sei que de tristeza, cuja causa debalde procuravam descobrir, ora fitando demoradamente os olhos nas taboas das carteiras, envernisadas de novo, cheirando muito a oleo, ora no rosto dos collegas, ora nas altas paredes cobertas de mappas de physica, de historia natural e de geographia.

A sala do 3.° anno parecia-lhes mais severa.

Paulo só voltou da sua distracção, quando o professor, o sr. Peixoto, que tinha sahido um instante, voltou á sala e tocou o tympano, attrahindo a attenção da classe.

Era um moço alto e magro, quasi imberbe, e muito sympathico.

Paulo e Donato gostaram logo delle, não obstante o seu olhar sério e grave.

Os alumnos, á proporção que eram chamados, iam ficando de pé, e o professor os ia fitando, como procurando reter a physionomia de cada um.

Conferida a lista, mandou-os sentarem-se de novo.

Biblioteca Nacional de Maestros

Havia alguns novos. Dos promovidos, tres não responderam a chamada. Que seria feito delles? Talvez nunca mais voltassem á escola. Estariam, quem sabe? já empregados, a ganhar no trabalho das officinas ou dos armazens o seu primeiro salario de homens válidos.

Ah! era justamente a ausencia delles que sentiram os corações de Donato e Paulo, e a tristeza que os invadira nada mais era que a saudade.

Os outros alumnos, os mais intimos, achavam-se todos, felizmente; lá estava o Alvaro, filho de um carpinteiro, o qual tão bem sabia Historia do Brasil; o Fabiani, o aleijadinho de um dedo; o Zuzú, o rei dos peraltas e outros e outros.

III

Quando chegou a hora do recreio, reuniram-se Paulo e Donato com os seus amigos, e, num canto do pateo, abrigados á sombra projectada por uma das paredes do edificio, entretiveram-se a contar a vida passada durante as férias.

Biblioteca Nacional de Maestros

Paulo, afóra uns quinze dias que estivera na fazenda de Donato, não tinha sahido da cidade; mas engordára e achava-se forte e bem disposto para o trabalho.

Donato, esse só voltára á cidade havia poucos dias, e lá se deixára ficar na fazenda, durante as férias todas, laçando bezerros, pescando, armando urupucas aos pobres passaritos, e até mesmo caçando com espingarda.

Zuzú e Rita ajudaram sua mãe, que era lavadeira. Emquanto Zuzú sahia para entregar a roupa aos freguezes, Rita, sentada a uma cadeira baixa, pregava botões e serzia as peças que, depois de lavadas, appareciam com pequenos rasgões.

Quanto a Alvaro, fôra o braço direito do pai, e ajudando-o na casa que este estava construindo, ficou manejando bem a enxó, a plaina e o serrote.

A's noutes, lia o livro que ganhára de premio no anno anterior, uma grande Historia do Brasil, encadernada a marroquim e com as folhas douradas. Era essa a sua leitura favorita.

— Lêr o mesmo livro tantas vezes! Que gosto estragado! Não era eu que o faria! Deus me livre! retrucou um collega.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Pois olhe, eu ainda o hei de lêr muitas vezes mais. Não me esqueço nunca do que disse o tio José no anno passado:

«Quando um livro é bom e util, deve ser lido muitas vezes». E isso é uma grande verdade, fiquem sabendo. Lêr é como comer. Para que a digestão seja boa, é preciso mastigar bem; assim tambem para que o espirito assimile o que se quer aprender, deve-se lêr reflectidamente uma, duas, muitas vezes, o livro donde se quer aproveitar o succo. E que ha ahi que mais alimente o espirito e o coração do que a leitura da Historia do Brasil? Hei de lêl-a ainda muitas vezes, repito, e que me importa que os outros não gostem? Gosto eu, e basta.

Biblioteca Nacional de Maestros

Tio José

Quem era, afinal, esse tio José que dava tão bons conselhos ás crianças? Quem já leu a historia anterior de Paulo, Donato, Alvaro, Luizinha, e da escola onde elles estudavam, sabel-o-á muito bem.

Tio José era o irmão mais velho de D. Julia, e, portanto, tio carnal dos filhos do Dr. Silva Ramos.

Commandára um navio na guerra do Paraguay; mas ao terminar-se esse prélio glorioso, em que o Brasil se cobriu de tantos louros invejaveis, cançado e já velho, tio José retirára-se á vida civil, distribuindo a sua actividade pelas flôres e fructas de sua chacara, e pela educação de seus adorados sobrinhos Victor, Paulo e Luizinha, que eram para si as flôres mais caras.

A cada um delles tratava de modo differente.

Não que estimasse a um mais do que a outro.

Apenas procedia de maneira que a sua companhia aproveitasse egualmente aos tres.

Assim, quando conversava com o Victor, que estava a terminar o curso do Gymnasio,

Biblioteca Nacional de Maestros

sua palestra se dirigia de preferencia para os estudos que elle fazia, e cada hora de conversa valia muitas vezes mais do que uma aula, porque tio José, além de muito viajado, tinha uma solida instrucção.

Relativamente a Paulo, tratava de inspirar-lhe o amor pelo estudo, e, principalmente, o culto pelo dever.

Por intermedio deste sobrinho, tornou-se conhecido e amado de quasi todos os alumnos da mesma classe em que Paulo estava.

No anno anterior tinha-lhe dado um caderno de folhas douradas, para que fizesse uma selecta de boas poesias, e de historias alegres e suggestivas.

Paulo attendeu á recommendação e apresentou-lhe uma collecção que lhe agradou.

A' vista disso, mandou fazer um lindo livro em branco, com estes dizeres na capa.

cheio de chromos em quasi todas as paginas e deu-o ao sobrinho, aconselhando-o a que

Biblioteca Nacional de Maestros

continuasse no novo livro a sua selecta, não só de poesias como tambem de contos, paginas literarias, e de todo e qualquer escripto em que se lhe deparasse um exemplo a seguir, uma lição a aprender.

Paulo acceitou-o alegremente, promettendo ser muito diligente e escrupuloso na escolha do assumpto do seu livro.

Com Luizinha, o velho marinheiro, tão sério, chegava até a brincar, esquecendo-se do respeito que infundiam as suas longas barbas brancas.

Luizinha adorava-o, e nunca o tio José foi á casa da irmã, que a sobrinha não guardasse, uma fructa, um doce, ou, quando nada para elle tinha, um beijinho.

Das fructas e dos doces só dava, porém, a metade, porque tio José, sentando-a ao cóllo, a obrigava sempre a comer a outra metade.

Era esse o tio José, que ministrava tão bons conselhos ás crianças, não só em casa, como nos passeios que com ellas costumava dar.

Biblioteca Nacional de Maestros

A primeira pagina do Album (*)

Paulo iniciou o seu *Album* com a poesia — *Conselho proveitoso* — e que dizia assim:

Sentindo-se morrer, um rico lavrador
mandou chamar seus filhos junto ao leito,
e lhes falou então deste theor:
—Ouvi-me, e tomae bem tudo isto a peito:

«Que a nossa herdade nunca vá parar
«a mãos extranhas: ella occulta e esconde
«riquissimo thesouro, num logar
«que fica... nem sei onde!
«Assim, quando chegar o mez de Agosto,
«excavae, revolvei bem toda a terra;
«que, fazendo com animo disposto,
«achareis as riquezas que ella encerra.
«Mas não vos chegue rapido o cançaço,
«nem fique, sem cavar, nenhum pedaço!

(*) RENE' BARRETO (Traduzida de La Fontaine.)

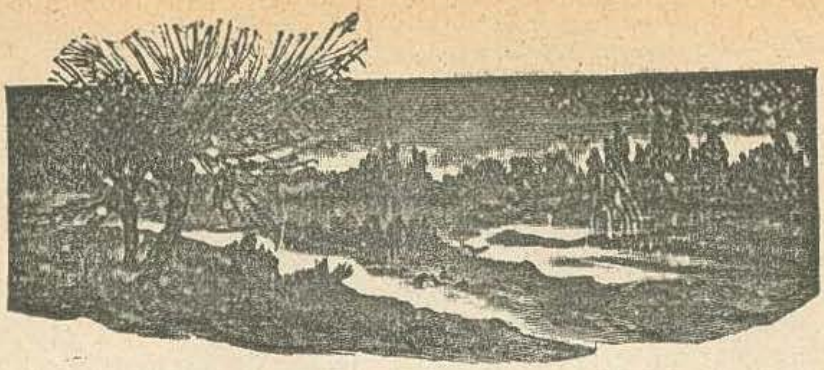
Biblioteca Nacional de Maestros

Assim fizeram. Fallecido o velho,
seguiram logo os filhos seu conselho,
e, aqui e alli, por toda parte, em summa,
não ficou, sem cavar, porção alguma;
e de tal modo foi que, desta feita,
cresceu mais de cem vezes a colheita.
Dinheiro não se achou: está bem visto
que não havia ouro.
— Que quiz o velho então dizer com isto?
— Que o trabalho é um thesouro.

Quadro para exercicios de imaginação

IMPRUDENTES

Biblioteca Nacional de Maestros



O concurso de recitação

I

Donato começava a cumprir a promessa que fizera, quando disse: «Vou mostrar que o filho do sertão, quando quer, tambem sabe estudar, tambem sabe aprender».

O professor Peixoto não passava grandes lições, mas as que dava para que os alumnos estudassem em casa, exigia que lh'as trouxessem bem sabidas.

Até ao fim do primeiro mez, Donato, por um bello esforço de vontade, andava rivalisando em notas com os melhores companheiros.

Alvaro, é certo, ainda era o primeiro em Historia do Brasil; mas em leitura e dicção estava sendo alcançado por Paulo e Donato.

No sabbado anterior, o sr. Peixoto deu uma poesia — *O Ratinho* — para que a deco-

Biblioteca Nacional de Maestros

rassem os alumnos e a recitassem, no concurso que ia realizar-se para ser escolhido o *secretario* do professor.

Danato, que almejava conquistar aquelle premio de honra, ganho por Alvaro já duas vezes, esforçára-se com uma coragem firme, vencendo as difficuldades que lhe iam surgindo, insistentemente, pacientemente, deixando de brincar para não interromper o trabalho, ora consultando o Dr. Silva Ramos, ora D. Julia, sobre os pontos da poesia que não comprehendia bem, recitando-a a todo instante, já comsigo mesmo, já em voz alta, no fundo do quintal.

E' verdade que, de seu lado, os seus companheiros não se esforçavam menos, mas não suspeitavam da tenacidade e do poder da vontade do caboclinho.

II

Quando chegou a hora do concurso, o sr. Peixoto, querendo tornal-o mais solenne, mandou convidar o Director para ouvir os quatro melhores recitadores, e que eram — Fabiani, Paulo, Alvaro e Donato.

Fabiani foi o primeiro chamado. Recitou muito bem. Quando terminou, saudou-o uma

Biblioteca Nacional de Maestros

ruidosa salva de palmas. Seguiu-se Paulo que recitou melhor ainda, voltando para o seu logar sob uma verdadeira bateria de applausos.

Quando Alvaro foi chamado, fez-se um grande silencio, produzido pelo respeito e admiração que, insensivelmente, todos dedicavam áquella criança correcta e sympathica.

Alvaro recitou admiravelmente, e o Director, no meio do ruido dos applausos de toda a classe, o abraçou.

Para os alumnos, Alvaro era a ultima palavra em perfeição. Já tendo elle recitado, desconcertaram-se da ordem que impunham o respeito e a admiração pelo seu talento, deixando a posição attenta de ha pouco. Um ou outro já conversava baixinho.

O Director tocou o tympano, pedindo silencio, e chamou Donato.

O caboclinho, um pouco pallido e commovido, subiu ao estrado, e, com um pequeno tremor na voz, começou a recitar.

A classe em peso foi-se sentindo attrahida, e no fim da primeira oitava, recitada de vagar, suavemente, já estava de novo attenta, ouvindo-o em profundo silencio, e com os olhos cravados no seu rosto, que ia read-

Biblioteca Nacional de Maestros

quirindo pouco a pouco a sua bella côr de jambo maduro.

E ia recitando, recitando; aos companheiros parecia-lhes estar vendo a scena descripta pela poesia.

Quando Donato, abrindo muito os olhos para mostrar a cobiça do rato guloso, disse:

—Deve estar muito bom! Oh! como cheira!

«Que bom boccado!

«Que petisqueira!

muitos delles, suggestionados pela sua palavra e gestos, arregalaram tambem os olhos, como si fossem elles o ratinho guloso!...

Ao terminar, diversos alumnos estavam de pé. Tinham-se levantado insensivelmente, e batiam palmas, assim como toda a classe, palmas que mais espoucaram, quando o Director, apertando-lhe sériamente a mão, o declarou vencedor do premio.

Quando Donato voltou para o seu lugar, pareceu-lhes que os collegas o olhavam com mais respeito e consideração do que antes.

Biblioteca Nacional de Maestros

O ratinho (*)

Um ratinho avistou de longe a ratoeira.

— Eu te conheço bem, disse, parando,
machina traiçoeira,
de que meu velho pae anda sempre falando.
Não chego, não, ahi!
Vendo-te assim de longe, eu fico satisfeito:
Desconfio de ti...
Mas sempre quero ver como tudo isto é feito!

E como julga ser o rato mais esperto,
vae chegando, chegando, até ficar bem perto.
E olha, e torna a olhar...
e, dando a volta inteira,
não cança de estudar
a ratocira.

De repente descobre que, lá dentro,
um pedaço de queijo mal assado,
lá, bem no centro,
a um ganchinho parece pendurado.

(*) Traduzido de Reyre.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Aquillo é tentação, tenho certeza!
«Mas o queijo está mesmo que é um regalo!
— Si pudesse de perto contemplal-o!
«Oh! que belleza!
«Mas é preciso entrar; e entrar é perigoso!
«meu pae o disse!...
«Estará mesmo armada?
«Tambem um rato assim, tão cauteloso,
«Nunca vê nada!
«Isto é tolice!

E vae entrando, entrando,
e a gulodice
sempre augmentando;
e, quando está bem perto da armadilha,
aspira-lhe o perfume,
examina-lhe a côr, as formas e o volume,
dizendo: — Eu te conheço.
«Não me pilha!
«Até já me despeço!...
Mas não póde sahir! Está tentado!
— Deve estar muito bom! Oh! como cheira!
«Que bom boccado!
«Que petisqueira!
Afinal dá a dentada.
Volta assustado,
quer sahir, mas não póde: a ratoeira
já está fechada.

Biblioteca Nacional de Maestros

O mais digno

I

Eram seis horas da tarde. O Dr. Silva Ramos, D. Julia e Victor estavam reunidos sob o alpendre que dava para o jardim.

Notava-se em todos uma certa tristeza.

Apenas as crianças, de quem se ouviam as risadas, corriam lá ao longe, pelas extensas aléas do jardim, brincando de caçada de borboletas, em que Luizinha representava o insecto, e, Paulo e Donato, os caçadores.

O sino da matriz badalava compassadamente a Ave Maria, augmentando, com a sua voz de bronze, a tristeza que a sombra da noute vinha espalhando sobre a Terra.

D. Julia e o Dr. Ramos estavam apprehensivos com a molestia de que enfermára a boa avósinha, e combinavam a retirada das crianças por alguns dias. Já tinham accor-

Biblioteca Nacional de Maestros

dado em que Luizinha iria ficar para a casa de D. Gertrudes, mãe de Zuzú e de Rita; e Donato e Paulo, para a casa do irmão de D. Julia, o tio José.

Entretanto, as crianças, descuidosas, continuavam o seu alegre brinquedo, e a borboletinha cada vez esvoaçava com mais vivacidade. Já estavam cançados, quando a trefega menina, sempre correndo, quiz calcular a distancia em que vinham os perseguidores, mas ao voltar a cabeça para traz, tropeçou, indo cahir abraçada á cintura do tio José, que chegava naquella occasião. O bondoso velho achava-se como sempre, correctamente abotoado na sua sobrecasaca preta, que mais lhe fazia sobresahir a longa barba branca, cahida ao peito.

II

— Quasi foi a pique! exclamou o velho marinheiro, amparando-a apressadamente.

— Ah! era o tio José! Desculpe-me, sim?

— Não tenho de que desculpar-te, minha filha: navegavas sem bussola, e por isso foste de encontro ao rochedo.

Nesse instante chegavam Paulo e Donato.

— Venha tambem de lá um abraço, senhor Donato! disse tio José, logo que elle se

Biblioteca Nacional de Maestros

approximou; contaram-me o *brilharetur* que fez hoje na escola. Olhe, Donato, hoje você me obrigou a commetter um peccado mortal.

— Um peccado mortal! Credo, tio José! exclamou Luizinha.

— Um peccado mortal, sim; tive-lhe uma grande inveja! Quem começa assim, ha de ser *alguma cousa,* eu lhes garanto. E tu, Paulo, continuou dirigindo-se ao sobrinho, não achas que Donato vale hoje muito mais do que valia hontem?

Paulo ficou meio perturbado, mas a sua consciencia estava a dizer-lhe que sim.

— Achas, certamente; hoje, sem o quereres, depositas neste seu collega, mais confiança do que lhe depositavas hontem, porque sabes que elle é capaz de levar a cabo qualquer cousa que emprehenda! E' assim que se fazem os homens uteis! Era assim que eu desejaria ver-te tambem, Paulo, corajoso para o trabalho, e animado de uma invencivel força de vontade.

Quando chegaram ao alpendre, alli só estava o Dr. Silva Ramos e Victor. D. Julia fôra sentar-se á cabeceira da enferma. O Dr. Ramos communicou ao cunhado a resolução que tinha tomado de lhe mandar para casa,

Biblioteca Nacional de Maestros

desde o dia seguinte, os dous meninos, e para a casa de D. Gertrudes, a Luizinha.

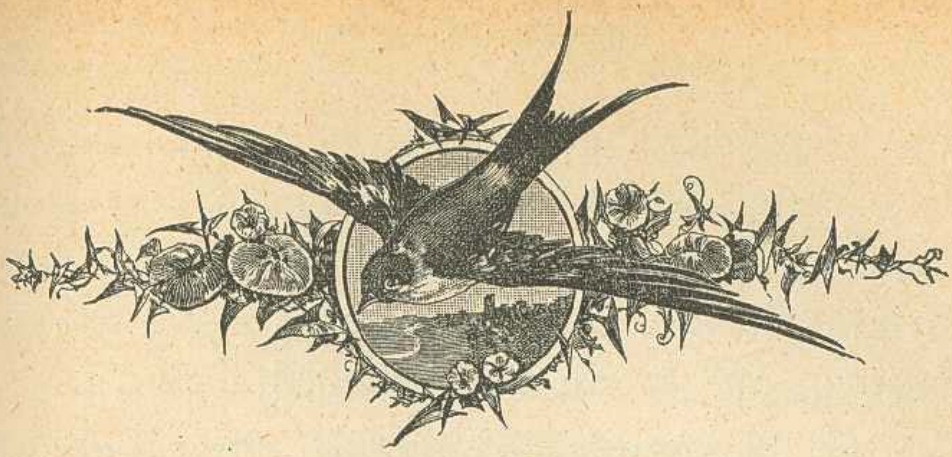
O capitão José achou muito acertada a resolução.

Elle sempre recebia com a maior satisfação a visita das crianças; e, desta vez, pretendia mesmo aproveitar o ensejo para lhes dar uteis lições, mostrando-lhes, com magnificos exemplos ao vivo, quanto valem as vontades bem exercitadas.

Quadro para exercicios de imaginação

Quem creou a Bondade e a Justiça

Biblioteca Nacional de Maestros



Em casa de tio José

I

Em casa de tio José residia um velho soldado da guerra do Paraguay, que lhe fôra camarada durante a campanha, e que, depois de ser promovido a sargento, se tornára o seu mais fiel amigo. Acabada que foi a guerra, viera morar em sua companhia. Chamavam-lhe sargento Benedicto, ou simplesmente Sargento.

O sargento Benedicto, rigorosamente falando, não era sinão uma ruina de homem.

No logar do braço esquerdo pendia-lhe a manga dobrada do paletot de panno preto; a sua perna direita elle comprára em casa de

Biblioteca Nacional de Maestros

um carpinteiro, e a esquerda trazia-a sempre de arrasto! Na fronte, rasgada por uma larga cicatriz, brilhavam, porém, uma calma e uma jovialidade taes, que o tornavam bastante sympathico, apezar de tanta deformidade.

Ao contemplar-se aquelle olhar radiante de serena energia, ao ouvir-se aquella voz grossa e firme, sentia-se que a victima da maior das selvagerias, que é a guerra, conservára, não obstante, a alma forte e san, apezar das horriveis mutilações physicas.

— Em que batalhão foi o senhor para o Paraguay? perguntou-lhe Paulo, uma noute, á hora do chá.

— No setimo de voluntarios; nesse punhado de bravos que primeiro poz o pé no solo paraguayo, e que caminhou sempre de victoria em victoria.

— E que edade tinha nesse tempo, *seu* sargento?

— Não me lembro bem, meu commandante, mas parece que orçava pelos quinze annos.

— Tão moço!

— Pois então? Não ha edade para a gente ser patriota! Quer na guerra, quer na paz; no trabalho ou no estudo, a gente deve

Biblioteca Nacional de Maestros

sempre ser util á sua Patria, sem lembrar-se de que é menino, moço ou velho!

— Mas para que foi então para a guerra tão criança?

Antes de responder, o sargento tirou um cachimbo do bolso, encheu-o de fumo e accendeu-o, chupando com força algumas fumaçadas. Depois, voltando-se para Paulo, que seguia curiosamente todos os seus gestos, disse:

— Olha, meu filho, eu nem sei porque é que fui para a guerra. Francamente, não gostei nunca disso, porque a considero uma barbaridade. Os homens, no campo da batalha, transformam-se em féras e a sua maior preoccupação é destruir, matar, derramar sangue. Mas era preciso que todos lá fossem, e eu tambem fui.

Nesse tempo eu trabalhava de marceneiro, sem pensar que o Brasil exigiria de mim, algum dia, outro dever que não fosse o do meu trabalho de modesto operario.

II

Mas, a coisa passou-se assim.

Deu-me um dia na veneta ir visitar um meu velho tio. Quando lá cheguei, encontrei-o

Biblioteca Nacional de Maestros

meio adoentado, estendido numa cadeira de braços, e com a perna de pau apoiada sobre outra cadeira (como vê o meu amigo, isto de perna de pau é mal de familia; a de meu tio ganhou-a elle na guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul). Logo que me viu, depois do indispensavel abraço e de ter indagado da minha saúde, perguntou-me em tom muito sério:

— O' Benedicto, não sabes o que se passa nas fronteiras de Matto Grosso e do Rio Grande do Sul?!

— Eu, não, senhor meu tio!

— Pois fica sabendo que a Patria está em perigo!

Abri a bocca, perplexo, sem nada comprehender; mas as suas palavras mexeram-me cá por dentro, produzindo-me um mal estar que não sabia explicar, assim uma especie de constrangimento, uma vergonha de ignorar alguma cousa que tinha obrigação de saber. Meu tio parece que adivinhou o que eu sentia, porque immediatamente continuou:

— Ah! tu nunca pensaste, talvez, no que é Patria!... E percebendo o meu embaraço; Patria, meu filho, é tudo isso que te cerca, tudo o que te nutriu e educou,

Biblioteca Nacional de Maestros

tudo o que amas,— este campo, estas casas, estas arvores. As leis que te protegem; o pão que paga o teu trabalho; a doce lingua em que traduzes as tuas idéas e os teus desejos; a alegria e a tristeza que te vêm dos homens e das cousas entre as quaes vives, eis o que é Patria... O pequeno quarto onde outr'ora aprendeste as primeiras orações dos labios de tua mãe; as recordações que ella te deixou; a pequena porção de terra em que ella repousa, tambem significam Patria. Tu a vês, tu a sentes, tu a respiras por toda a parte! Imagina, finalmente, meu filho, reunidos, sob um só nome, teus direitos e teus deveres, tuas affeições e tuas penas, tuas necessidades, tuas recordações, tuas esperanças e tua gratidão, e esse nome te traduzirá claramente o que é Patria.

Eu estava tremulo de commoção.

Meu tio continuou: — Pois bem, Benedicto, a familia brasileira, este pedaço de mundo, onde Deus prendeu o nosso corpo e a nossa alma, estão em perigo actualmente!

Então elle me descreveu a invasão dos paraguayos no Rio Grande do Sul e em Matto Grosso. E ao ouvir relatar a insolencia dos inimigos, senti o sangue affluir-me todo ao

Biblioteca Nacional de Maestros

coração, fazendo-o bater como nunca tinha batido até aquella hora.

Tres dias depois alistava-me num batalhão de voluntarios, e seguia para a guerra, onde deixei o braço esquerdo e a perna direita. Eram da Patria, á Patria os dei!

Da campanha trouxe apenas as divisas de sargento e este cachimbo que tomei a um paraguayo... Não; trouxe tambem uma cousa sagrada, a nossa querida bandeira, que elles lá quizeram arrancar-me das mãos, mas que eu defendi á custa... deste braço que me falta.

Biblioteca Nacional de Maestros

O REI JUSTO (*)

Estava na caçada um rei do Oriente,
Um rei sabio, potente,
Um desses grandes reis, cuja memoria,
Conserva a historia
Como exemplo real da majestade,
Da lei e da equidade.

Sahiu a comitiva á madrugada.
Fôra grande a caçada.
O sol ardia.
Em todo o longo dia
Não acharam nem agua, nem bebida
Com que molhar a bocca resequida,

Eis que avista, á beira do caminho,
Um misero ranchinho,
E, ao redor, um pomar de larangeiras,
E lindas tamareiras.
A fructa vermelhava na folhagem.
A sêde da viagem
Pensou o rei saciar, no mesmo instante,
No pomar verdejante.

(*) Paraphrase de FLORIAN.

Biblioteca Nacional de Maestros

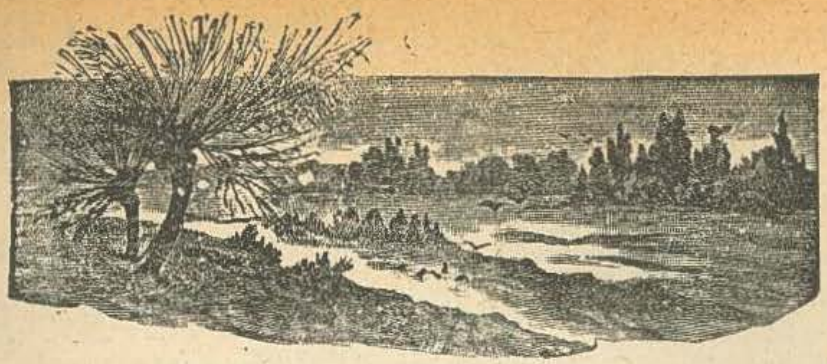
O rei bateu á porta da morada,
Chamou... mas nada:
Devia estar ausente o proprietario,
No serviço diario.

Podia o rei colher o que quizesse...
Não havia perigo que viesse
O dono a reclamar o prejuizo.

Mas, do alto juizo
Do poderoso rei, como um lampejo
Maior que o seu desejo,
Formou-se um generoso pensamento:

Si, naquelle momento,
Désse elle o exemplo, a sua gente
Cahiria, inclemente,
Sobre o fresco pomar tão cubiçado,
E o pobre proprietario, confiado
Na lei e no direito,
Que se tinha ausentado satisfeito,
Julgando a propriedade garantida,
— Ao vel-a destruida,
Perderia a esperança,
Perdendo na justiça a confiança.

Biblioteca Nacional de Maestros



Uma heroina

I

Si D. Julia tinha escolhido a casa da mãe de Rita para lá ficar a Luizinha, não fôra certamente sem alguma forte razão.

Não costumava nunca deixar-se levar pela sympathia que nasce espontaneamente, sem motivo algum, mórmente quando se tratava dos filhos, sua principal preoccupação na vida, os quaes absolutamente não confiaria a qualquer familia extranha, si não conhecesse que, embora pobre, essa familia possuia outra riqueza de mais valor, a do coração.

O Dr. Silva Ramos, a principio, fôra de opinião que todas as crianças deviam ir para casa do tio José.

— Na chacara de teu irmão, justificava elle, os meninos não perderão tempo, e emquanto não puderem ir á escola, ouvirão ao menos as bellas lições praticas em que é

Biblioteca Nacional de Maestros

versado o capitão, lições que valem bem as dos professores.

D. Julia concordou quanto aos rapazes; mas em relação á Luizinha, insistiu para que fosse ficar em casa da mãe de Zuzú:

— Aproveitaremos esta occasião para lhe mostrar a nossa confiança, de que é aliás bastante merecedora. Demais, Luizinha ficará mais perto de mim, e de vez em quando poderei dar uma fugida para vel-a.

— Mas é tão peralta o tal senhor Zuzú!

— E' peralta, concordo, mas tem um bello coração; e a Rita é um anjo, um verdadeiro anjo!

— Parece-me que exaggeras!

— Não, não exaggero. Si eu te contar o que ella fez ha poucos dias, dar-me-ás razão e convencer-te-ás de que Luizinha, ficando em companhia de Rita, terá tambem muito que aprender em sua modesta casa.

— Pois bem, isso é lá comtigo! Melhor do que eu sabes o que convém fazer para felicidade de nossos filhos. Faze, pois, o que entenderes. Mas sempre estou com curiosidade de saber que milagre praticou essa tua santinha!

Biblioteca Nacional de Maestros

— Deixa-me ficar mais socegada que logo o saberás, sim?

Luizinha foi, pois, para casa de D. Gertrudes, afim de lá passar aquelles tristes dias em que a vovó absorvia completamente a attenção de seus paes.

II

A' noute, quando a boa velhinha descançava immersa em pesado somno, D. Julia e o Dr. Silva Ramos, a um lado da sala de jantar, fronteiro á porta aberta do quarto da enferma, puzeram-se a conversar baixinho sobre os filhos ausentes; e a boa senhora, aproveitando a occasião, narrou então ao marido a historia de Rita, a quem chamára um anjo, um verdadeiro anjo.

— Dona Gertrudes, como sabes, dizia ella, é viuva e vive exclusivamente do seu trabalho de lavadeira e engommadeira. O marido, que era pedreiro, não lhe deixou, ao morrer, peculio algum e todas as suas economias foram empregadas na modesta casinha de porta e janella em que hoje mora. Entretanto, como não paga alugueis de casa, e é muitissimo trabalhadora, vai regulando a

Biblioteca Nacional de Maestros

sua vida, mais ou menos confortavelmente, e educando os filhos.

Ha dois mezes, porém, quando trabalhava, á noute, no concerto das roupas de seus freguezes, teve a infelicidade de espetar num dedo a agulha com que costurava. Sentiu uma dor fortissima, mas não suspendeu o trabalho.

Meia hora depois, o dedo já estava tão inchado que ella julgou prudente deixar a tarefa para a manhã seguinte.

Depois de banhal-o com arnica, e envolvel-o em um retalho de linho, foi deitar-se.

Seus filhos dormiam já de ha muito.

No dia seguinte, quando Rita se levantou, notou que sua mãe só se servia da mão esquerda nos diversos trabalhos a que se entregava; a direita estava muito inflammada e crescida.

Rita ajudou-a a fazer o almoço, de que a pobre mulher não provou boccado.

— E' preciso mandar vir um medico, mamãe; aconselhou a menina.

— Isto não é nada, minha filha; depois, nós, os pobres, não temos tempo para ficar doentes...

Biblioteca Nacional de Maestros

Rita não quiz de forma alguma ir á escola naquelle dia, e não foi; era o primeiro ponto que dava.

Ao cahir da tarde, aggravou-se o mal de D. Gertrudes, augmentando-se-lhe a febre que, desde manhã, já se havia declarado.

A doente teve, pois, de ir para a cama.

Rita veiu aqui correndo procurar-te, mas como não estavas, aconselhei-a a que fosse chamar o Dr. Castro, visto tratar-se de caso urgente.

Quando o medico lá chegou, verificou que o mal tinha certa gravidade. Havia-se já manifestado um começo de erysipela, e a febre tinha subido muito.

Recommendando o maximo repouso á doente, o doutor receitou um remedio para ser tomado de meia em meia hora.

Rita sentiu os olhos cheios de lagrimas ao saber que sua mãe estava mais doente do que julgára; mas tomando uma resolução corajosa, esforçou-se por fazer cara alegre, e disse-lhe:

— Procure descançar, sim, mamãesinha? O serviço da casa correrá por minha conta.

— Ai! e o trabalho que eu prometti entregar hoje, sem falta, aos freguezes, e que ainda não está prompto! Que dirão de mim,

Biblioteca Nacional de Maestros

minha Nossa Senhora?! exclamou D. Gertrudes, afflicta.

— Só por isso, não se incommode, mamãe; o Zuzú irá avisal-os de que a senhora está doente de cama.

A' noite, Rita e Zuzú revezavam-se velando á cabeceira da enferma.

Até mesmo o Zuzú, o endiabrado Zuzú, como lhe chamas, se transformou em um excellente enfermeiro. Escrevia os conselhos do medico para os não esquecer; tomava nota da hora em que devia dar o remedio; aconchegava cuidadosamente á enferma os lençóes e a sua voz, habitualmente gracejadora, tomava, ao falar com ella, umas modulações commovidas e cheias de carinho, que produziam um effeito salutar na pobre senhora. E o dia inteiro, de volta da escola, que não deixou de frequentar, elle ficava no quarto, sentadinho ao lado de sua mãe, prompto para o primeiro chamado que ella fizesse.

Desse modo iam-se passando dias sobre dias, e a doença a prolongar-se.

Zuzú vivia extremunhado de somno e cançaço, mas não abandonava o posto, e, carinhosamente, consolava a boa senhora, quando esta, desesperada por não poder en-

Biblioteca Nacional de Maestros

tregar-se ao trabalho, se punha a chorar cheia de desalento.

III

Uma tarde, emquanto a doente dormia, mais alliviada de dores, Rita experimentou passar a ferro a roupa que já estava lavada; e era tanta a vontade com que se dedicára a este serviço, que apesar da sua nenhuma pratica, conseguiu desempenhal-a irreprehensivelmente.

Prompta a roupa, mandou o Zuzú leval-a no dia seguinte aos freguezes.

Esperou ainda uns dous dias por alguma reclamação, pois não tinha ainda confiança no seu trabalho.

Todos os freguezes, porém, mostraram-se satisfeitos, e Zuzú, sempre que voltava de casa delles, trazia a cesta cheia de roupa para engommar.

Rita atirou-se então ao serviço de lavandeira.

Era mais trabalhoso, mais difficil, mas a boa vontade tudo vence.

E' verdade que Zuzú ainda lhe foi ahi um auxiliar de primeira ordem; pois, emquanto

Biblioteca Nacional de Maestros

a irmã ensaboava as roupas, elle ficava junto ao leito de sua mãe, a contar-lhe umas historias muito sem graça, que inventava na occasião, para distrahil-a, dando tempo assim a que a lavandeirinha não interrompesse a sua tarefa, a qual, entretanto, largava de tempos a tempos, em rapidas fugidas para o quarto da enferma, a ver si ella queria ora um caldo, ora uma chicara de café.

D. Gertrudes bem notára aquellas prolongadas ausencias, mas, enfraquecida como estava, não lhes dava maior importancia.

Quando vinha o medico, reclamava-lhe sempre:

— Doutor, faça-me levantar logo, preciso frabalhar; pois é só do meu trabalho que sustento a minha casa.

O medico respondia-lhe que sim, mas não cessava de recommendar completo repouso até que a febre desapparecesse de todo.

Este estado de cousas cantinuou alguns dias ainda, até que a enferma foi declarada em convalescença, tendo, porém, de ficar ainda um dia no quarto.

O primeiro cuidado de D. Gertrudes, logo que se levantou, foi perguntar o que se tinha feito da roupa dos freguezes.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Vai indo, vai indo! respondeu-lhe Rita gracejando.

— Como vai indo? Então?...

...A roupa da semana passada, já foi toda entregue, e a desta semana está quasi prompta.

— Mas quem fez todo esse serviço?

— Não sei, mãesinha; parece que foi a fada da Gata Borralheira!

D. Gertrudes ficou meditativa um instante. Pelo pensamento passou-lhe então uma vaga lembrança de que durante certas horas, no periodo da sua maior febre, pareceu-lhe ter visto a Rita entrar furtivamente no seu quarto, ora com o rosto afogueado, ora com as vestes molhadas, e arregaçadas as mangas até acima do cotovello...

Quando, no dia seguinte, sahiu finalmente do quarto, a entregar-se aos seus affazeres de dona de casa, descobriu tudo; e ao tentar agradecer a dedicação daquella criança, só o pode fazer com um apertado abraço, porque a commoção lhe tolhera a fala, espremendo-lhe pelos olhos as mais doces lagrimas.

Zuzú, que estava presente, exclamou:

— Mamãe viu para quanto prestam seus filhos?

Biblioteca Nacional de Maestros

— Meus filhos, não; minha filha é que devias dizer!

— Isso não, mamãe, corrigiu a Rita; si não fosse Zuzú eu nada teria conseguido.

— Que achas agora para dizer? perguntou D. Julia ao Dr. Ramos, ao terminar a narração.

— Acho Julia, concordando comtigo, que nossa filhinha não poderia ir para melhor companhia.

Quadro para exercicios de imaginação

OS FILHINHOS

Biblioteca Nacional de Maestros

Solução exquisita

Durante a molestia de sua mãe, Zuzú andava muito mudado na escola.

Não tinha mais aquella vivacidade de sempre, e o seu rosto, de ordinario corado, apresentava um aspecto de cansaço, com profundas olheiras de côr macilenta.

A sua roupinha de brim, que todos estavam habituados a ver passadinha a ferro, andava agora amarrotada e com algumas nódoas.

Biblioteca Nacional de Maestros

Nem mesmo os cabellos elle os trazia penteados com o esmero antigo. Mas o que mais attrahia a attenção era a pallidez doentia do seu rosto, e uma somnolencia invencivel que o trazia sempre distrahido.

Não havia ainda tres dias, á hora em que o calor era mais intenso, no exercicio de calligraphia, elle dera um cochilão tão forte, que a testa foi de encontro ao tampo da carteira, produzindo um ruido abafado, Despertou subitamente com a pancada, muito assustado, e olhou medroso para o lado do professor. Alguns companheiros, que, desde instantes, o estavam observando maliciosamente e esperando aquelle desfecho, desataram a rir.

O sr. Peixoto enrugou a testa contrariado, e tocou o tympano para impor silencio. Depois chamou o Zuzú, que ficára côr de lacre, e pondo-lhe delicadamente uma das mãos sobre a cabeça, perguntou-lhe si estava doente.

— Não, senhor! respondeu Zuzú com os olhos baixos.

O incidente parou ahi.

Quando chegou a hora da arithmetica, ao dar a nota nos problemas que mandou os

Biblioteca Nacional de Maestros

alumnos fazerem em casa, o sr. Peixoto ficou repentinamente muito corado ao ler uma das provas, e resmungou baixinho:

— Parece até caçoada!

Depois elevando a voz, ordenou em tom secco:

— Venha cá, Zuzú!

Este foi até á escrivaninha.

— Explique-me o que isto significa! disse, apontando para o papel, e olhando-o reprehensivelmente.

Zuzú cravou os olhos demoradamente no ponto indicado, mas sem revelar na sua physionomia ter comprehendido cousa alguma. Depois o seu olhar foi-se tornando abstracto, inconsciente, e de novo olhou com ar apalermado para o professor.

— Então disse este, falando afinal, um operario que ganha 500 réis por hora, no fim de nove horas de trabalho ganhará... leia... sulfato de quinino?!

Os alumnos quizeram rir, mas um olhar severo do sr. Peixoto os deteve.

— Francamente, continuou elle, numa voz entre triste e encolerisada; francamente, não valia a pena dar-se a tanto trabalho! como tambem não vale a pena, sabe sr. Zuzú?

Biblioteca Nacional de Maestros

estar a gente aqui a esfalfar-se para ensinar aos senhores, e no fim de contas chegar a este resultado, que, quando menos, denota muita falta de educação! Póde ir sentar-se, mas fique certo de que me magoou profundamente com a sua insulsa brincadeira.

Zuzú, entretanto, parecia não tel-o escutado. e continuou parado, de pé, sem se mexer, na mesma abstracção de ha pouco, os olhos vagos fitos no soalho, e completamente alheiado de todo!

— Vá sentar-se! repetio o professor, impaciente.

Elle estremeceu, como que despertando bruscamente de um somno profundo e voltou para o seu lugar muito envergonhado.

Pelas faces corriam-lhe duas lagrimas.

Biblioteca Nacional de Maestros

O professor Peixoto tambem quiz collaborar no bello album de Paulo, e quando este recebeu do seu mestre o estimado livro que lhe fôra pedido emprestado ficou surprehendido ao verificar que havia mais uma poesia, escripta com a propria letra e com a sua assignatura-*A. Peixoto.* Era esta:

ALBUM DE PAULO

MINHA LYRA

CANÇÃO

Criança! ouve e admira
Nas cordas de minha lyra
Estas bellezas sem par...
Foi vendo as nossas campinas,
Tão ricas de essencias finas,
Que a emoção me fez cantar!

A' sombra fresca de um galho
Que me roreja de orvalho,
Como me sinto feliz!

Biblioteca Nacional de Maestros

Tudo me encanta e me assombra
Vendo a esmeralda da alfombra
A meus pés, como um tapiz.

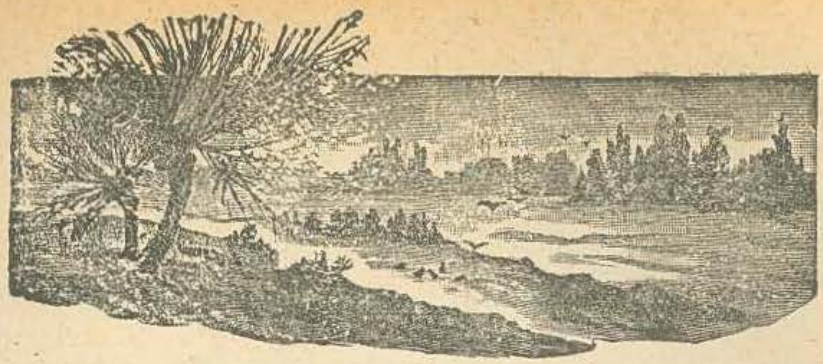
A estupenda matta virgem
Quasi me causa vertigem...
Tanto a opulencia e vigor
Com que, junto dos arbustos,
Crescem os caules robustos
Na força da seiva em flor.

E essa eterna primavera
Que entorna o riso e abebera
Os corações de amor,
E' aquella ainda que assoma
Nos prados, cantando o aroma,
E a symphonia da côr!

Fóra as pompas! Fóra os faustos!
Sorvamos antes, aos haustos,
O oxygenio do sertão!
Oh! incorre até num crime
Que á vida e ao sol se exime
No seio azul da amplidão!

Criança! ouve e admira
Nas cordas de minha lyra
Estas bellezas sem par...
Foi vendo as nossas campinas
Tão ricas de essencias finas
Que a emoção me fez cantar!

Biblioteca Nacional de Maestros



As historias do Sargento

— . . . A cousa é essa, meus bravos ! A' gente, quando é criança, succedem mesmo cousas que valem bem bôas lições.

Isto dizia o sargento Benedicto, a proposito de uma historia que tio José estava contando ás crianças, sentadas muito attentas no caramanchão de maracujás.

— Pois eu tambem, no meu tempo, tive algumas que bem me abriram os olhos para o futuro, e ahi vai uma dellas. . .

Estendendo então a perna de pau, para ficar mais commodamente sentado, e accendendo o seu inseparavel cachimbo, o sargento começou:

«Quando eu era criança, em uma segunda-feira, ao ir para a escola, encontrei um dos meus condiscipulos, cujo nome até hoje me lembro — o endemoninhado Maneco dos Santos — munido de uma pata de perú.

Biblioteca Nacional de Maestros

Logo que me avistou, chamou-me, gritando todo açodado:

— Venha vêr, rapaz, venha vêr!

Eu attendi, correndo.

Elle segurava o apice da pata com as duas mãos, e por um certo movimento que lhe imprimia com a direita, os quatro dedos abriam-se e fechavam-se como os dedos de uma mão humana.

Fiquei perplexo e maravilhado.

Como poderia mover-se aquella pata? De que artificio usaria o endemoninhado Maneco para conseguir aquillo?

Olhem, meus bravos, uma criança que acompanhasse com a vista e subida de um balão, não ficaria mais attenta, mais curiosa, mais acachapada — com perdão da palavra — do que eu, deante daquella pata de perú!

Cada vez que os dedos se abriam e se fechavam, parecia passar-me pelos olhos um deslumbramento. Eu acreditava estar presenciando um prodigio!...

Depois de chupar tres ou quatro fumaçadas do cachimbo, e depois que a nuvem de fumaça se dissipou, o sargento proseguio:

Quando o Maneco, que era mais velho do que eu, vio o meu enthusiasmo elevado á

Biblioteca Nacional de Maestros

mais alta temperatura, enfiou malignamente no bolso a maravilha, e poz-se a andar.

Eu me emparelhei com elle, acompanhando-lhe os passos, calado, pensativo, vendo sempre agitar-se deante dos meus olhos, como uma teimosa visão, aquella terrivel pata de perú.

— Si fosse minha? pensava eu. Ah! como me divertiria a abrir-lhe e fechar-lhe os dedos. Resolvi pedir-lh'a.

E propuz-lh'o então, corajosamente, mas meio suffocado pelo receio de uma formal recusa.

— Olha, Maneco, bem podias dar-me a tua pata de perú! Como eu ficaria satisfeito si a possuisse!

— Que? Dar-te isto? Ora, não faltava mais nada!

E deu uma risadinha de escarneo.

A recusa aguçou mais ainda o meu desejo.

— Não m'a queres dar, então?

— Que duvida!

— Pois bem, vende-m'a.

— Ah! queres compral-a? Pois sim, vendo-t'a; e quanto me dás por ella?

Puz-me a calcular o dinheiro que tinha no bolso, e que meu tio me mandava ás segundas-feiras para o lanche da semana toda.

Biblioteca Nacional de Maestros

Dou-te um tostão, queres?

— Um tostão! exclamou elle, dando uma gargalhada de desdem; ora, ora, ora! um tostão por uma pata magica como esta! Estás a caçoar!

E, empunhando de novo aquella tentação, poz-se a movel-a bem perto dos meus olhos.

Eu estava desesperado de vontade de possuil-a. — Dou-lhe duzentos réis; hein, que dizes! duzentos réis!

Meu peito arfava de commoção.

— Duzentos réis, dizes? retrucou o malvado, rindo-se; mas olha só quanto isto não vale!

E os quatro dedos sempre a abrir-se e a fechar-se diante dos meus olhos.

— Mas afinal, quanto queres por isso? perguntei-lhe tremendo.

— Quinhentos réis, nem um vitem menos!

— Quinhentos réis... Mas é muito caro. Quinhentos réis é justamente o que eu tenho para o lanche da semana!

— E' si quizeres. Eu cá não faço empenho de vendel-a.

Dizendo isto enfiou de novo a maldita pata no bolso, e afastou-se.

Eu corri para alcançal-o, e propuz-lhe quasi supplicando:

Biblioteca Nacional de Maestros

— Olha, dou-te tres tostões!

— Não, só a vendo por cinco.

Oh! Maneco damnado! Que bella carreira não terá elle feito por este mundo! Como conhecia já o coração humano!

Cada vez que aquellas palavras — *cinco tostões* — me feriam os ouvidos, eu affrouxava um pouco a resistencia.

Ao cabo de dous minutos não pude mais.

— Pois sim, dou-te os cinco tostões! exclamei vencido; deixa-me vêr esse diabo de pata!

E contei-lhe alli, á vista, os cinco tostões em moedas de nickel e de cobre, as quaes recebeu, entregando-me finalmente a desejada pata de perú.

Agarrei-a açodadamente! No fim de alguns segundos, descobri o segredo, e comecei a puxar o tendão, que servia para mover os dedos, tão peritamente como o fazia o Maneco. Aquillo me divertia loucamente; mas, passados dous minutos, o enthusiasmo foi arrefecendo, arrefecendo, de modo tal que já fazia funccionar a peça apenas para aproveitar o meu rico dinheirinho.

Invadia-me já o desencanto. Depois veio-me a tristeza, ao lembrar-me que ia passar

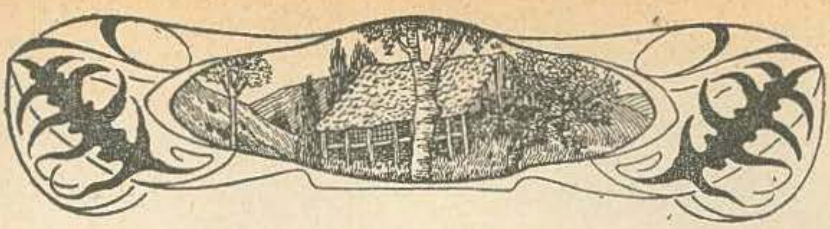
Biblioteca Nacional de Maestros

sem lanche toda a semana! Depois... veio a convicção da minha asneira... primeiro, cheia de amarguras; depois, transformada em colera, que me levou ao fim de dez minutos, a olhar a pata com odio, e, finalmente, a arremessal-a por cima de um muro, para nunca mais a tornar a vêr!

Quadros para exercicios de imaginação

Colherada amarga!

Biblioteca Nacional de Maestros



Injustiça reparada

Depois que D. Gertrudes sarou e pôde francamente dedicar-se ao trabalho, Zuzú foi recuperando as côres perdidas, a alegria foi-lhe voltando tambem pouco a pouco, e apenas de tempo em tempo ficava por alguns momentos profundamente pensativo, como a relembrar scenas passadas.

Uma manhã, logo depois de entrarem para a aula, quando já estavam todos os alumnos sentados em suas carteiras e com as pedras e os lapis diante de si para fazer o exercicio de atithmetica, o sr. Peixoto tangeu o tympano compassadamente, indicando-lhes que deviam ficar novamente de pé. Elle tambem se levantou.

— A primeira lição de hoje, disse, deve ser ouvida de pé, porque é a mais importante do dia.

Todos prestaram attenção, curiosamente, no meio de um grande silencio.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Ha quasi um mez, reprehendi severamente o Zuzú por uma cousa que julguei ser um acto de desattenção para commigo. Vacês todos hão de lembrar-se disso. Fui, porém, injusto, confesso-o, e antes assim. Quero reparar agora a injustiça perante toda a classe. Para quem pratica um engano, uma falta, embora involuntaria, não ha melhor allivio do que confessal-a francamente e reparal-a quanto fôr possivel.

Como vocês todos devem lembrar-se, Zuzú, num problema que mandei fazer em casa, deu-me como solução que um operario, que percebia 500 réis por hora, no fim de nove horas ganharia... *sulfato de quinino.* Julguei ser aquillo um gracejo de mau gosto, e reprehendi-o severamente.

Mas si eu então soubesse o que hoje de manhã tive a ventura de saber, em vez de um castigo, seria um abraço de verdadeiro amigo que lhe daria, abraço que lhe estou devendo, mas que lhe vou pagar immediatamente...

E chamou Zuzú para perto de si, e abraçando-o, disse-lhe:

— Receba este abraço, como um signal de amizade e admiração ao filho extremoso,

Biblioteca Nacional de Maestros

ao alumno distincto, quem sabe si um dos melhores desta classe, pela sua coragem e pela sua bondade.

Continúe a fazer sempre assim, meu filho, que será um homem feliz quando crescer, porque é bom filho e será bom amigo, bom visinho, bom cidadão. Ser forte e ser bom são as primeiras condições para ser feliz. Vá agora sentar-se, meu digno rapaz.

E, batendo o tympano, deu signal para que toda a classe se sentasse.

II

Na hora de fazer a lição de linguagem escripta, o sr. Peixoto disse que ia contar uma historia para que os alumnos a reproduzissem em seus cadernos. E começou assim:

— Um alumno do terceiro anno de certa escola passára cinco ou seis noites quasi sem dormir, ao lado de sua mãe enferma. Andava tresnoitado, mas dominava o somno para não deixar a doente sósinha. Além dos dous, no casa apenas havia mais a irmã do rapaz, a qual se encarregára de todo o trabalho domestico.

A irmã substituia-o, é verdade, muitas vezes; e nessas occasiões elle se retirava para

Biblioteca Nacional de Maestros

um quarto proximo, onde havia uma pequena mesa, em que preparava suas lições.

Raras vezes dormia. Sentado á mesa, com um livro deante de si, vigiava, atravéz da porta aberta, a irmã sentada aos pés da cama da doente.

E dava-se por feliz da sua precaução, porque a irmã, exausta pelos trabalhos do dia, em que substituia corajosamente a mãe, muita vez, no profundo silencio da noite, deixava-se assaltar pelo somno, e, encostada á guarda da cama, dormia a bom dormir.

Elle então levantava-se devagarinho, cautelosamente, e respeitando o somno da irmã, velava com todo o cuidado pelas duas.

O medico recommendára-lhe diversas vezes:

— Olha, rapaz, si amas a tua mãe, não me deixes de dar-lhe o remedio alternadamente e a horas certas.

O pequeno, então, á proporção que ia dando o remedio, ia tambem escrevendo, num papel, a hora e o medicamento ministrado, afim de se não enganar.

Estava uma noite a fazer os problemas que o seu professor passára, quando, ao escrever-lhes os resultados, soou a hora em que sua mãe tinha de tomar sulfato de quinino

Biblioteca Nacional de Maestros

Levantou-se immediatamente para cumprir as ordens do medico.

A irmã, essa, cançada, dormia profundamente.

Acordou então sua mãe, de mãnsinho, deu-lhe o remedio, e alli ficou ao seu lado até que ella de novo adormecesse.

Eram quasi seis horas da manhã quando correu á mesa para registar o remedio; mas, tonto de somno, enganou-se no papel, e escreveu em frente ao problema: — sulfato de quinino.

Quando a irmã acordou, conseguiu elle dormir um pouco, levantando-se quasi á hora de partir para a escola. Almoçou ás pressas, tomou o caderno onde estavam escriptos os trabalhos escolares, seguiu para a aula, e entregou ao professor aquella solução tão exquisita.

Toda a classe comprehendeu que se tratava de Zuzú, e em todas as composições figurou o seu nome ao lado do de Rita, que tambem era de todos elles conhecida e estimada.

Na hora do recreio, o heroico rapaz foi alvo de uma verdadeira manifestação de respeitoso affecto dos seus condiscipulos.

Biblioteca Nacional de Maestros

O GRILLO (*)

Um pequenino grillo,
occulto sob um pé de violeta,
lançava o triste olhar, de seu asylo,
a uma azul borboleta.

Era bella, si o era! lindas côres,
brilhavam tanto ao sol, que parecia
uma flôr a voejar por entre as flôres
num sonho de alegria.

— Que triste sorte a minha!
pensava o pobre grillo com tristeza:
foi commigo mesquinha,
bem parca a natureza;
a ella deu a côr, o vôo gracioso,
a mim nem côr, nem fórmas elegantes;
ella, percorre o céo esplendoroso,
eu, o chão, rastejante.
Para viver de todos esquecido,
antes mil vezes não haver nascido!

(*) Livremente de Florian.

Biblioteca Nacional de Maestros

. . . . . .

Um bando de meninas
corre pelos canteiros,
entre camelias, rosas e boninas,
esmagando as touceiras de craveiros.
Uma agita o chapéo; a borboleta
desperta-lhe a cobiça:
e a turba, alvoroçada,
alegre, desinquieta,
entra na liça
atraz da borboleta ambicionada.

Cae vencida na lucta,
e, cada qual querendo possuil-a,
arma-se a disputa.
Nas mãosinhas rosadas e pequeninas
o insecto se anniquilla,
num côro de risadas crystalinas!

E o pequenino grillo,
occulto sob um pé de violeta,
lançando o triste olhar, de seu asylo,
á infeliz borboleta,
não mais lhe inveja as côres...
A' belleza funesta,
prefere a vida placida, modesta,
mas sem penas nem dores.

Biblioteca Nacional de Maestros

Tristezas

Reina profundo silencio em casa do Dr. Silva Ramos.

Todas as janellas se acham quasi cerradas, privando os aposentos da luz franca e alegre do sol.

Anda-se em bicos de pés, cautelosamente, para evitar o menor ruido.

O fumo da alfazema, queimada em uma caçoula de louça, a um canto da sala de jantar, invade a casa toda com o seu cheiro enervante e adocicado.

Nem risos de crianças, nem cantos de passarinhos perturbam o pesado silencio. A não ser algum carro que passe rapido pela rua, fazendo estremecer a casa toda e tilintar a louça do armario, ou o grito de algum vendilhão ambulante que apregôa lá fóra as suas mercadorias, nada mais se houve que um leve rumor de vozes, que parte do quarto da vóvó.

Biblioteca Nacional de Maestros

A pobre velhinha, cada vez mais enfraquecida, com certeza não resistiria até a noite. Era gravissimo o seu estado. Como ficára assim tão doente?

Levada pela bondade de seu coração, vencendo as suas forças e as exigencias da edade, fôra, apezar do mau tempo, levar aos seus amigos, aos enfermos pobres, a esmola do seu dinheiro e do seu carinho, e numa dessas visitas, sahindo bruscamente de um quarto abafado para o vento frio e humido da rua, apanhára uma grande constipação.

Uma constipação não seria nada com certeza, si não viesse aggraval-a a sua maior doença — os setenta e muitos janeiros que lhe pesavam.

O Dr. Silva Ramos não se illudiu com a gravidade da molestia em pessoa daquella edade; e por isso, para que não perturbassem o cuidadoso tratamento da enferma, retirou as crianças de casa.

Fazia isso seis dias já e a boa velhinha alli estava agora, prostrada, contando os seus poucos instantes de vida, quasi a partir para a eterna viagem.

Os dous collegas do Dr. Silva Ramos, que acabavam de sahir do quarto, desvaneceram

Biblioteca Nacional de Maestros

francamente as ultimas esperanças... O fatal momento estava por horas, por minutos talvez.

Por isso, para o assistirem, foram chamados a toda pressa tio José e as crianças.

E assim, rodeada a velhinha de todos os que ella estimava, lançando a cada um delles um terno olhar de despedida, placidamente, sem um gemido, sem um estertor, foi-lhe a vida diminuindo quasi imperceptivelmente, até extinguir-se de todo.

Tio José e D. Julia, ajoelhados ao pé da cama, beijavam-lhe as geladas mãos.

E sobre aquella scena, majestosa e triste, um crucifixo de marfim illuminado por duas velas de cera, parecia lençar a sua bençam.

Biblioteca Nacional de Maestros

Pelos netinhos

Ide em paz, meigos velhinhos
Ide no céu descançar!
Sentis deixar os netinhos,
Bem sei; mas ao fustigar
Das lufadas hibernaes,
Os mimosos passarinhos
Não se vão tambem dos ninhos
Em busca de outros beiraes?
Tambem nos punge a saudade,
Tambem lagrimas vertemos,
Mas si a amizade lhes temos,
Devemos nos conformar!

Seria rude crueldade
Que da velhice o inverno
Fosse, além de triste, eterno,
Fosse sem fim o penar.
Desejaes ter a ventura
De afagar sempre os netinhos!
Mas pensae: Quando os anjinhos

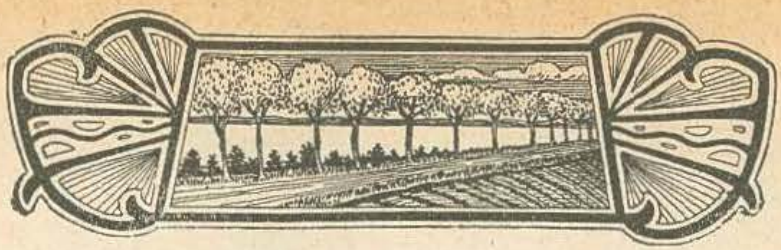
Biblioteca Nacional de Maestros

Voarem á excelsa altura
Para a mansão luminoso,
Em procura de irmãos seus,
Quem ha de em voz carinhosa
Recommendal-os a Deus?
E á hora do adormecer,
Sob as noites estrelladas,
Quem os irá entreter
Com bellos contos de fadas?
E quando pelas abertas
Que os astros rasgam nos céus,
Frio vento penetrar,
Quem lhes irá aconchegar
Aos mimosos corpos seus
As arminhadas cobertas?

Si lá no céu aos pequenos
Faltarem ternos vovós,
Como chorarão tão sós
Naquelles jardins serenos!...

Ide, pois, meigos velhinhos,
Ide aos anjos esperar...
Deixaes cá vossos netinhos?
Lá vos irão encontrar..,

Biblioteca Nacional de Maestros



Mais um fogão

I

A lembrança da vovó ia-se esbatendo no coração das crianças como essas densas nuvens, que, ao impellir do vento, pouco a ponco vão deixando o céu sereno e azul.

Concorriam para isso as preoccupações dos estudos, que se tornavam cada vez mais difficeis, e, principalmente, a companhia de tio José e do sargento Benedicto, que vinham todas as tardes fazer um longo serão em casa do Dr. Silva Ramos.

Tambem Paulo, Donato, Victor e Luizinha nunca encontraram companheiro mais divertido e alegre do que o mutilado do Paraguay.

Naquelle sabbado, a convite de Alvaro, iam todos assistir a inauguração da nova casa que o honrado carpinteiro, seu pae, tinha afinal concluido. Levou quasi um anno a edifical-a numa admiravel persistencia, com o producto de suas economias, amealhadas mez a mez na

Biblioteca Nacional de Maestros

caixa economica; e agora, ao ver realisado o seu sonho, desejava reunir sob o novo tecto todos os amigos, e offerecer-lhes em regosijo um *copo d'agua*.

A casinha era modesta, mas destacava-se, garrida, dentre as outras, pela brancura da cal, pela vermelhidão das telhas novas, e pelas bandeiras que tremulavam ao sopro da viração.

Quando o grupo chefiado por tio José appareceu na esquina proxima, Alvaro, que estava de espreita na porta, deu um signal e, do fundo do quintal subiram ao ar muitos foguetes, espoucando lá bem alto as bombas ruidosas. Era o começo da festa. Os donos da casa vieram immediatamente esperar os convidados, introduzindo-os na pequenina sala de visitas, já cheia das familias dos operarios que auxiliaram a construcção.

O sargento Benedicto, arrastando a sua unica perna, sentia na alma um grande contentamento.

— Rejubilae, minha gente, rejubilae, exclamava elle, enthusiasmado; é um novo fogão que se accende na cidade; é um novo tecto que se cobre para a hospitalidade brasileira! Viva o sr. Anselmo! Viva a sua esposa!

E ia, risonho, distribuindo abraços por todos.

Biblioteca Nacional de Maestros

O enthusiasmo do Sargento communicava-se aos outros. Todos estavam satisfeitos.

II

Antes de irem para a mesa, o pai de Alvaro, seguido de todos os convidados, foi mostrar a casa. Apezar da modestia com que fôra feita, possuia todos os commodos necessarios, e não tinham sido esquecidos os preceitos da hygiene. No espaço entre o soalho e o solo circulava perfeitamente o ar; não havia aposentos sem janellas, e as paredes eram caiadas e adornadas com pinturas simples.

Quando chegaram ao quintal, deu-se uma scena que a todos fez rir. O sargento Benedicto, aproximando-se de um bello cão da Terra Nova, de Alvaro, fez uma continencia militar, dizendo:

—Olá! Eu conheço este camarada! Tu és militar, meu Terra Nova, e deves saber o exercicio!

O cão olhava-o fixamente, como si esperasse alguma ordem.

Então, o sargento, tirando o cachimbo da bocca, e levantando-o ao ar, commandou com voz forte e imperiosa: —Apresentar... armas!

Com surpreza de todos, o cão obedeceu ao commando, sustentando-se sobre as patas

Biblioteca Nacional de Maestros

trazeiras, e estendendo as dianteiras como um verdadeiro soldado apresentando armas!

— Bem dizia eu! exclamou o Sargento, piscando os olhos, e rindo-se satisfeito. E fazendo com a mão uma imitação de corneta, deu um toque militar. Os outros convidados tinham parado, curiosos, e o cão sempre na mesma posição, sem se mexer.

— Attenção ao commando de marcha! Depois, imitando o ruido do tambor e marchando para traz a passos curtos, o Sargento commandou: Marche! e poz-se a tocar: Rataplan! Rataplan! Um dois... um, dois... um, dois...

O Terra Nova, com uma gravidade comica, que divertia a todos, poz-se então a marchar compassadamente para o lado do veterano, com as longas orelhas cahidas sobre o pescoço, a lingua de fóra, e a cauda em fórma de arco.

Os assistentes estavam maravilhados.

— Alto! gritou o Sargento.

O Terra Nova parou incontinente.

— Descançar! commandou ainda.

O cão deixou-se cahir sobre as quatro patas, sacudindo a cabeça e coçando a nuca com uma pata trazeira, como a dizer:

Biblioteca Nacional de Maestros

— Ha dous minutos que uma pulga me incommoda, mas não ousei coçar-me para não interromper o exercicio!

As crianças estavam perplexas, sem poder acreditar no que estavam vendo. Alvaro sorria-se sorrateiramente. Fôra elle quem ensinára tudo aquillo ao seu cão.

III

—A' mesa meus amigos! A mesa! veiu, dahi a pouco, dizer o sr. Anselmo.

Pouco depois só se ouvia o barulho dos talheres batendo nos pratos, e o confuso vozear de vinte e tantas pessoas a conversar, satisfeitas por se acharem reunidas num banquete de amizade.

A mesa estava garridamente coberta de pratos de assados, de presunto, e de doces; de calices de geléa, garrafas de vinho e de cerveja, destacando-se no centro, sobreposta a uma fructeira cheia de laranjas, o gargalo prateado de uma garrafa de champanhe.

— Chega de comer, minha gente! Treguas aos dentes! Na guerra como na guerra! Suspensão de hostilidades por um minuto!

Biblioteca Nacional de Maestros

Era o sargento quem fallava, de pé, com um calice de vinho na mão.

Todos prestaram attenção.

— Bebamos á saúde do proletario honrado, que, mais previdente que muita gente rica, construiu um ninho para sua familia, e nos regala hoje com perú, leitão e champanhe. Hip! Hip!

Um hurrah sonoro respondeu á sua saudação.

— Obrigado! Obrigado! dizia o sr. Anselmo commovido, sem parar no mesmo logar, correndo, solicito, a cada um dos convidados, para lhes offerecer mais uma cousa, mais outra.

— Capitão José, mais um calice de geléa? Luizinha, Donato, *seu* Victor, que é que estão fazendo parados?

E ia servindo a todos, andando sempre em torno da mesa.

Chegou a hora do champanhe. Coube a tio José a honra de abrir a garrafa. Todos empunhavam as taças. O velho marinheiro quebrou os arames que prendiam a rolha, e, virando o gargalo para o tecto, fel-a saltar, estourando. O vinho espumejou, emquanto as crianças levantavam as mãos para o ar, com receio de que a rolha, ao cahir lhes batesse na cabeça.

Biblioteca Nacional de Maestros

– Hurrah ! gritou o Sargento.

– Silencio ! recommendou o tio José; cabe-me a mim saudar agora aos nossos amphytriões.

E, depois de encher as taças, que lhe estendiam, chamou Alvaro e seus paes, e disse:

—Meus amigos. Uma casa que se inaugura é uma nova familia que se fórma. Costuma-se festejal-a, porque a novo lar terá certamente uma porta sempre aberta á santa hospitalidade. E' uma saudação á caridade; mas é tambem uma saudação ao progresso da Patria, porque é do seio da familia que saem os seus servidores. Daqui, desta modesta casa que sahirá? Não o sabemos ainda; o que nella já existe, porém, é o que todos estamos vendo; a alegria, a bondade, a fraternidade, o trabalho intelligente e honesto. A' saúde desta familia é que eu vos convido a beber. A' saúde do sr. Anselmo e da sua digna familia! Hip! Hip!

—Hurrah ! Hurrah! Hurrah! corresponderam todos os convidados com grande enthusiasmo.

Biblioteca Nacional de Maestros

O sonho de Luizinha

LUIZINHA

— Nuvemzinha branca, branca como a neve, e que estás suspensa tão graciosamente no céu azul, dize-me, onde vaes tão depressa? Fica neste logar e olha para a minha janella. Tu és tão pequenina! Tens agora a semelhança de um cordeirinho que levanta a cabeça.

A NUVEM

— Não posso deter-me, porque o vento me impelle, me impelle sempre.

LUIZINHA

— Vento poderoso, eu te peço, não sopres com tanta força; deixa tranquilla a nuvemzinha branca.

O VENTO

— E' verdade que poderia descançar porque já estou muito fatigado, já trabalhei

Biblioteca Nacional de Maestros

muito hoje; já transportei uma grande quantidade de sementes das arvores e dos arbustos que crescem na montanha.

Soprei muito nas velas dos barcos que tu vês no lago; depois enxuguei toda a roupa que estava estendida na cerca, e sahia da floresta, esbaforido, quando, ao vêr a nuvemzinha branca sósinha, pensei que devia aborrecer-se, e por isso, cheguei correndo, e, como vês, a vou levando.

LUIZINHA

— Mas, dize-me, para onde queres conduzil-a?

O VENTO

— Não vês lá em baixo, lá ao longe, no logar onde o Sol se deita, umas lindas nuvens rosada? São as suas amiguinhas que a esperam; eu a levarei até lá; depois repousarei.

A NUVEM

— Obrigada, bom vento; sem ti, teria passado uma triste noite.

Biblioteca Nacional de Maestros

LUIZINHA

— Mas que fizeste, grande vento, sopraste sobre as pernas e sobre a cabeça do carneiro! Que pena! Ah! mas a nuvemzinha fica assim mais bonita: parece uma bola de neve.

Von, on, on, fazia o vento, soprando com força.

— Cada vez mais bonita, dizia a criança batendo as mãos. Agora ella tem uma corôa branca, como a que a mamãe recebeu no dia de seus annos. A corôa abre-se, adelgaça-se, estende-se... Agora parece um grande peixe!

O VENTO

— Vamos mais depressa, pois temos de chegar antes do anoitecer.

— Adeus bom vento; adeus, nuvemzinha! disse a criança, alto, bem alto, porque elles já iam muito longe.

— Até á volta, disseram os viajantes, afastando-se rapidamente. Luizinha segui-os com o olhar durante muito tempo ainda; viu-os chegarem perto das outras nuvens. A nuvemzinha misturou-se com as outras e tornou-se da mesma côr. O Sol descia por traz da montanha; tudo se tornou sombrio, Luizinha fechou a janella e deitou-se.

Biblioteca Nacional de Maestros

Ah! pensava ella, eu não sabia que o vento tinha tanto trabalho. Eu tenho sido bem preguiçosa; apenas tenho dado uns pontos no meu trabalho. Mas que fará a nuvemzinha rosada? Eu bem queria saber. De certa viaja todo o dia. Deve ser muito bonito passear pelo céu azul; depois, ir vêr o Sol que se deita! Ah! se eu fosse nuvem, não precisaria estar lidando com este trabalho que não quer ir por deante.

Foi pensando no grande vento e na nuvemzinha branca que ella adormeceu.

E' de manhã. Luizinha acaba de levantar-se. Vae vêr a janella si faz bom tempo: mas não, não se vê o céu azul, que está occulto por grandes nuvens que o vento impelle. Grandes gottar começam a cahir. Oh! como batem nos vidros! Eis passa pela rua uma menina sem guarda-chuva; vae molhar-se, pobrezinha!

A chuva diminue; está parando. Ella teria regado meu jardim? Vejamos si meus amores-perfeitos levantaram a cabeça!

— Bom dia! Bom dia! Bom dia! — disseram muitas vozitas, quando a menina se approximou do jardim.

— Quem me chama?! exclamou Luizinha, olhando para todos os lados.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Aqui, aqui, aqui! — disseram as gottinhas de agua que estavam sobre as folhas. Nós somos a nuvemzinha branca que tu viste hontem no céo.

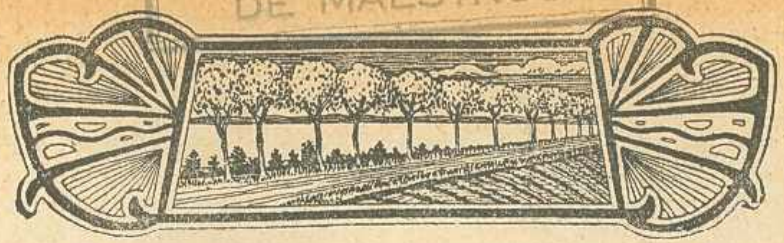
O vento amontoou todas as nuvens durante a noite, e as conduziu para este lado; tu vês, viemos regar teu jardim.

— Gentil nuvemzinha, disse Luizinha, eu scismava mesmo que tu devias ter algum serviço; fizeste bem por te lembrares do meu jardim.

Neste momento uma rajada de vento sacudiu as folhas e fez cahir todas as gottinhas ao chão. Ficou apenas uma, sobre uma rosa, que Luizinha colheu, e levou para D. Julia, contando-lhe a historia da nuvemzinha.

Biblioteca Nacional de Maestros

BIBLIOTECA NACIONAL
DE MAESTROS



Mudança (*)

I

Vae um reboliço horrivel pela casa do Dr. Silva Ramos.

Estão de mudança.

Desde a porta da rua até a cozinha, nos quartos, na sala, está tudo revolvido e em desordem.

Este desprende os quadros das paredes; aquelle, desarma as camas; est'outro, enche os balaios de taquara, com pequenos objectos; aquell'outro, entrouxa a roupa da cama, os colchões, os travesseiros. D. Julia, sentada ao chão, arruma cuidadosamente, nos gavetões da commoda e nos cestos, a louça que a criançada vae embrulhando em retalhos de jornal; tio José, o Dr. Ramos, o Sargento, aqui, alli, arrancam os pregos da parede, desparafusam o guarda-roupa e o armario — num vivo afan que os deixa suados, sob a elevada temperatura.

(*) Imitado de França Junior

Biblioteca Nacional de Maestros

Por toda a parte louça quebrada, caixinhas de pillulas, vidros vasios, de remedio, latas velhas de manteiga e de conserva, que rolam de vez em quando aos tropeções dos que vão e vem, apressados, pela casa, preparando a primeira *viagem* dos quatro carroções, que, ha meia hora quasi, esperam á porta da rua.

— Então, vae ou não vae? grita aos carregadores o chefe dos carroceiros, impaciente pela demora.

— Apre! espere lá mais um pouco, que ninguem aqui é electrico!

O Tupy, desnorteado no meio do desusado barulho, nervoso, ladra atôa, por qualquer motivo, augmentando a desordem.

— Pódem começar pela sala! ordenam aos carroceiros; mas cuidado com as cadeiras e com o sofá! Muito cuidado, hein!

Alguns carregadores enveredam para a sala e augmentam o barulho, gritando uns com os outros no seu dialecto, arrastando os moveis, gemendo ao peso dos que lhe arrumam ás costas, tão pesados que, para sustental-os, cambaleiam e retezam os musculos dos braços e do pescoço...

Biblioteca Nacional de Maestros

—Cuidado com isso, ó desastrado! Abaixa mais! Olha a porta! Vira um pouco para a direita! Assim!

—Olá, ó Margarida! Que é do martello que agora mesmo puz aqui? Vae procural-o, anda, rapariga!

— Foi nhô-Donato que tirou.

— Vocês me escangalham com essas cadeiras, ó seus italianos!

— Não tenha cuidado, patrão!

—Luizinha, você tambem parece que não tem juizo! Saia de traz do armario, menina.

— Não ha perigo, tio José!

— Paulo! Paulo! Onde já estará esse diabinho? Vai procural-o, Zuzú, e manda-o depressa ao visinho buscar a escada de abrir, para tirar os globos das arandelas.

— Paulo não está aqui; foi levar a cesta com os bibelots! informou D. Julia.

— Que é? Que foi, Victor?

— Cortei o dedo com esta lata!

— Ponha o dedo em baixo da torneira, anda, que o sangue logo estanca.

— Chama ahi o Sargento, Julia!

— Está occupado na sala a tirar os espelhos.

— E o papagaio, sinhá, não vae agora?

Biblioteca Nacional de Maestros

— Deixa-o lá na cozinha. Irá á noite, na ultima carroçada.

— As carroças já estão cheias, patrão! veiu avisar o carroceiro.

— Então, *via, via!* disse o Sargento, em italiano, ordenando que partissem.

Emquanto as carroças, rodando pesadamente, aos solavancos, pelas desegualdades das calçadas, se iam para a nova casa, os que ficaram descançaram um pouco, tomando o café que a Margarida veiu trazer sobre a tampa da lata de assucar, em chicaras e tigellas desbeiçadas.

II

— Tan-tan-tan.

— Quem é que está ahi? Veja lá, Victor.

— São os pretos que vieram buscar o piano.

— Que entrem.

Seis negros reforçados, de rodilha á cabeça, entraram na sala.

— Antão e tio Bento seguram na frente. Os outros vão no meio e atraz! ordenou o que parecia ser o chefe.

— Prompto! Deita *muque*, minha gente.

E com um esforço enorme, arrastaram o piano até o corredor, deixando as suas rodas

Biblioteca Nacional de Maestros

que foram chiando, um risco lustroso no soalho; dalli puxaram-no para a rua, descendo a escada cuidadosamente. Finalmente, num esforço masculo, levantaram-no ao ar, repousando-o sobre as encarapinhadas cabeças, protegidas pelas rodilhas de toalhas felpudas.

Todos da casa correram á janella para vêr sahir o movel.

Os pretos organisaram-se num instante. Depois, acertando o passo, puzeram-se resolutamente em marcha: sempre com o mesmo passo egual, certo e cadenciado, de modo a parecer que o piano era um monstruoso animal de seis pernas a caminhar pesadamente pelo meio da rua. Logo que os carregadores dobraram a esquina, o que fizeram de um modo elegante e correcto, marcando passo os que iam na frente e dando uma grande volta os que sustentavam o piano por de traz, todos sahiram da janella e se entregaram de novo á tarefa interrompida, isto é, afim de aprom-ptarem os *trens* para as outras carroçadas.

III

Só ás 6 horas da tarde terminou a mudança. As crianças, logo que chegaram á casa nova, correram a examinar os quartos ainda

Biblioteca Nacional de Maestros

desarranjados, escolhendo aquelle em que desejavam ficar.

Mas, por toda a parte, ainda a mesma desordem, ainda a mesma confusão.

Uma mesa desconjunctada equilibrava-se encostada a uma pilha de canastras e de caixas de chapéus; além, um colchão, estendido no sólo, vomitava os intestinos de palha; acolá, juncto á parede, enfileirava-se a bateria de panellas, quasi de mistura com os travesreiros e taboas das camas; por toda a parte, em summa, uma promiscuidade indescriptivel, gavetas e cestos de todos os tamanhos, repletos de papeis, garrafas, sapatos, vidros e escovas.

D. Julia, derreada de cansaço, não tinha tido tempo ainda de arrumar cousa alguma.

Deixára isso para o dia seguinte. Naquella noite só tratára de descançar.

Sentada a uma canastra, ao meio da sala de jantar, ella passa uns olhos curiosos por aquelle desarranjo todo, calculando o trabalhão que vae ter para por tudo em ordem, no dia seguinte.

— E a Negrinha, mamãe? veiu perguntar-lhe Luiza, consternada, junctando as mãosinhas.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Deve estar por ahi, minha filha.

As primeiras necessidades despertaram os primeiros protestos.

—Onde puzeram os meus chinellos? Quem é que sabe?! Vae procural-os, Victor.

— Não queria a cama collocada assim, mamãe! reclamou Paulo.

— Porque, menino?

— Pois mamãe não vê que fico com os pés para a rua?

— E que tem isso?

— Ora! eu não quero morrer logo!

— Que martelladas são estas?

— Sou eu, padrinho, que estou pregando o cabide.

— Deixa isso para amanhã, rapaz.

— Olhe os chinellos onde estavam, mamãe, em baixo da gaiola do papagaio!

— Chama a Margarida para fazer as camas aqui no chão.

Depois do café, as crianças foram deitar-se nos colchões estendidos no soalho, e a casa pouco a pouco entrou num silencio profundo, apenas cortado pelo barulho da agua da torneira esguichando sobre as panellas, que a cozinheira, lá na cozinha, tratava de lavar.

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

A melhor composição

Naquella semana fôra ainda o Alvaro quem ganhára o premio de secretario do professor.

Era realmente difficil concorrer com o rapazinho em qualquer uma das materias do programma. Só uma força de vontade á moda Donato conseguiria vencel-o!

E isso mesmo só se déra uma vez, porque tambem do seu lado Alvaro redobrára de esforços, meio receioso do seu rival, que agora lhe inspirava tanto respeito, e conseguiu ainda uma vez ganhar o premio.

E' verdade que Donato, durante quasi todo aquelle mez, tivera varios contratempos, que o impediram de estudar, mas, independente disso, Alvaro sentia-se com forças para medir-se com elle.

O Snr. Peixoto tinha distribuido uma estampa para, sobre ella, fazerem os alumnos uma composição livre.

Biblioteca Nacional de Maestros

A de Alvaro distinguiu-se superiormente da de todos os seus collegas, pela originalidade, pela linguagem e pelos conceitos, comquanto a de Donato, a de Paulo, e a de Fabiani não estivessem más, como declarou o professor.

O Snr. Peixoto, ao lêl-a, disse que Alvaro bem merecia ser promovido immediatamente para o 4.º anno.

Dizia assim a composição premiada:

«Manhã bellissima!

No extenso campo, onde se acham estes meninos, a Natureza mostra-se em toda a sua harmonia; raios de sol, como delgadissimos filetes de ouro, parecem furar as petalas para exgottar-lhe a essencia; essencia de flores a perfumar os pingos de orvalho; pingos de orvalho a refrescar as gargantas das avezizitas, que, por sua vez, as transformam em purissimas melodias, que sóbem e se espalham pelo ar, impregnando o campo todo de alegria e de festa!

E é uma guerra de exterminio a estes pequeninos artistas que as crianças alli estão a fazer.

Um delles, joelho em terra, imitando traiçoeiramente o canto do pintasilgo, chama

Biblioteca Nacional de Maestros

o bando que vae voando, alto, alto no espaço. Na mão direita segura os fios que communicam com quatro alçapões, armados lá ao longe, em pontos differentes.

Mas o bando passou, felizmente, assustado pelo chôro da criancinha que está no braço do que carrega um samburá á tira-cóllo.

E si este apanhasse do outro que está com o murro armado, seria muito bem feito, não só por ter trazido uma criança chorona ao logar onde era necessario muito silencio, como tambem por haver-se desviado, com as duas irmanzinhas, do caminho do mercado, onde os mandára sua mamãe.

Mas, foi bom assim. Ha males que vêm para bem. O mal foi para os tres garotos que perderam um dia de escola, e voltaram para casa sem conseguir caçar um só pinta-silgo; o bem foi para as pobres avezitas, que continuaram a gosar da sua liberdade, e a alegrar a bella campina com o seu canto perfumado do perfume das flôres que os raios do sol, delgadissimos como filetes de ouro, extrahiam das petalas.

ALVARO DE SOUSA.»

Biblioteca Nacional de Maestros

CORAÇÃO DE PAE

(A Arnaldo Barreto)

O Sr. Almeida era um pobre empregado publico. Ganhava 300$000 mensaes, reduzidos ainda pela obrigação do Monte-Pio.

Tinha uma ninhada de filhos, que lhe custava os olhos da cara.

Todos os dias lá lhe apparecia mais uma despeza extraordinaria...

A Ritinha disse um dia:

— Papae, eu preciso de um caderno de linguagem, que se compra no Espindola; custa 500 réis.

— Eu tambem preciso de um de calligraphia, accrescentou Joanninha.

Lili, a mais velha:

— Eu quero dois lapis de Faber, numeros 2 e 3, que a professora pediu; ah!... e tambem uma borracha e papel de desenho.

— Papae, reclamou Raul, o professor disse que eu levasse hoje uma folha de mataborrão.

— Sim, sim, atalhou o pae, coçando a nuca, já impaciente com tantos

Biblioteca Nacional de Maestros

pedidos. E vm.ce, seu Pedro Mal'as-Artes não precisa tambem de alguma cousa? perguntou ironico.

Pedrinho, um tanto embaraçado, gaguejou:

— O Tonico do Padeiro quebrou minha pedra de contas... e... eu... perdi aquelle livro, que eu lia na escola, e a professora ficou zangada ..

— Bem, meus filhos, vou comprar tudo isso e tirou do bolso uma nota de 10$000. Olhem, vou ficar privado, por alguns dias, do meu lanche habitual, para poder gastar este dinheiro com vocês! Mas vejam lá, tenham juizo!...

Na manhã seguinte, a mamãe preparou seis embrulhos com o lanche; distribuiu cinco pelos filhos, e sem que estes o percebessem, enfiou o sexto no bolso do sobretudo do marido.

Pedrinho, entretanto, curioso e peralta, abriu a sua cestinha, para vêr o que ella encerrava, e exclamou despeitado:

—Ora! que boa graça! Que *pedaciquito* de pão!... E eu que ao meio-dia tenho sempre tanta fome!

Biblioteca Nacional de Maestros

O pae, ao ouvir a reclamação, tirou do bolso seu lanche; partiu em cinco pedaços o pão com queijo de que elle constava e distribuiu cada parte a cada filho.

A mulher interveiu afflicta:

—Que é isto, homem?! Então você ha de ficar sem nada?!

— Paciencia! respondeu elle, e continuou, depois de um suspiro: «Estes, que ainda são crianças, necessitam mais do que eu! Precisam crescer os meus pobres filhos!...

Nós, minha cara mulher, somos *bananeira que já deu cacho!..*

Nenhuma das crianças quiz mais tocar nas cestas do lanche; foi preciso uma certa energia dos paes para que as levassem á escola.

Quando, depois da aula, se acharam reunidas as cinco crianças, Ritinha confessou:

— Oh! Meu Deus! Como fiquei triste ao vêr que papae desistiu do seu lanche por nossa causa!

— E então eu?! replicou Joanninha; querem vêr? E abriu a sua cestinha, mostrando intacta a merenda.

Biblioteca Nacional de Maestros

E a mais velha declarou que os lapis e a borracha haviam de durar muito, e que no papel de desenho procuraria fazer alguma cousa que significasse gratidão ao papae.

O pequeno Raul jurou não manchar seu mataborrão, e o Pedro Mal'as-Artes, o Pedrinho endiabrado, fez tambem o seu protesto:

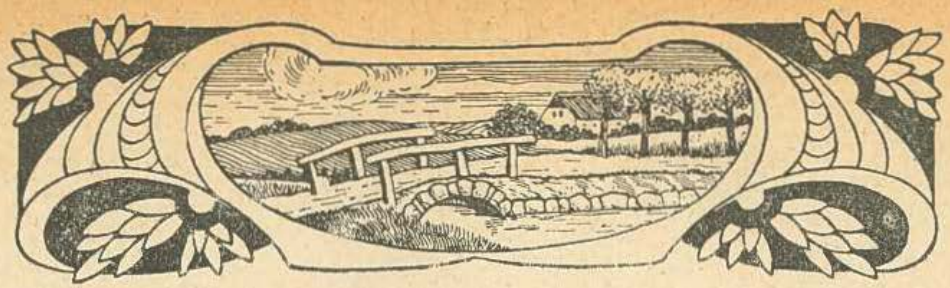
— Nunca mais empresto minha pedra ao Tonico do Padeiro, e nunca mas hei de perder meu livro...

— Bravo! Muito bem! applaudiu a mais velha. Vamos nos lembrar sempre de que tudo quanto estragamos ou esperdiçamos é um pedaço de pão que tiramos da bocca do papae, que é tão bom e que é capaz de retalhar seu coração para repartil-o por nós!

Jenny Maya.

Fevereiro de 1904.

Biblioteca Nacional de Maestros



Margarida

Margarida era a creadinha da casa do Dr. Silva Ramos.

Entrára para alli ainda criança, como *pagem* de Paulo, quando este começára a andar.

A convivencia de quasi dez annos e o carinho sincero que ella dedicava ao menino, fizeram com que D. Julia a tratasse mais como uma filha do que como aggregada.

Margarida tambem adorava a patrôa, e procurava adivinhar-lhe os desejos para se lhe tornar agradavel.

Mas tinha um defeito: a mania exaggerada do asseio.

Tantas recommendações ouvira de D. Julia a esse respeito, que inconscientemente, se tornára, como se diz, mais realista que o rei.

A principio era de vassoura ou de espanador que revolvia a casa inteira, mas o Dr.

Biblioteca Nacional de Maestros

Silva Ramos lhe observára que era pessimo tal systema de limpeza, e ella o abandonou.

O pó, levantado pelo espanejamento, não só viciava o ar, prejudicando a saude, como ao pousar de novo, tornava a sujar os moveis.

Um panno humido substituiu, pois, aquelles dois instrumentos da limpeza.

Margarida levava agora o dia inteiro a lavar o soalho, os vidros, os batentes e bandeiras das portas e das janellas, os quadros, os espelhos, o piano, os moveis, tudo emfim, com um verdadeiro frenezi.

E, como nunca achava sufficientemente limpo o que antes acabára de esfregar, tornava a passar o panno em quasi toda a casa.

Acontecia, por isso, nessa febre de limpeza, desbeiçar muitas vezes chicaras e vasos de porcellana, partir os cyrstaes e mutilar as bellas estatuetas que eram a paixão do Dr. Silva Ramos.

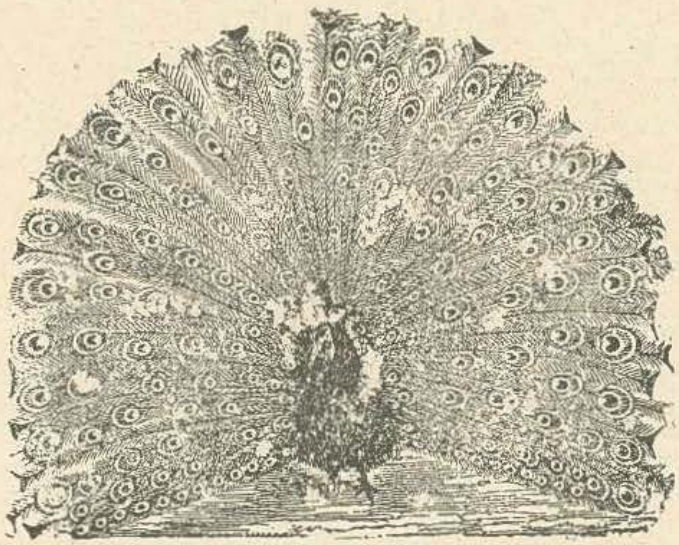
D. Julia, porque tambem era rigorosa no asseio de sua casa, fazia vista-grossa a todos esses desastres, não deixando, entretanto, de recommendar-lhe que tivesse mais um pouco de cuidado para que elles não se reproduzissem.

Biblioteca Nacional de Maestros

Mas só em uma semana Margarida fez tres *baptisados:* partiu um espelho, arrancou a um bule de porcellana o bico recurvado, e quebrou a perna de um espanhol de *biscuit,* em attitude de dansar o *boléro.*

D. Julia contrariou-se dessa vez, e, fingindo-se agastada, reprehendeu-a, promettendo mandal-a embora para casa dos paes si acaso não fosse mais cuidadosa.

Nem de leve, porém, pensava em executar a ameaça; mas a creadinha, amedrontada, tornou-se mais solicita, a ponto de se passarem dias e dias sem que as chicaras perdessem as suas azas; as cadeiras,os seus enfeites; e os *bibelots,* a sua integridade!



Biblioteca Nacional de Maestros

Bumba!

Um domingo cedo, D. Julia sahira para ir á missa acompanhada do marido.

Victor tambem se fôra para o seu club de gymnastica.

Paulo e Luizinha, não tendo onde ir, deixaram-se ficar na cama.

Margarida, como de costume, entregou-se á sua tarefa, começando a limpeza pela sala de visitas.

Armada de um panno humido e de outro enxuto, e trepada á escada de mão que encostára á parede, poz-se a esfregar os espelhos, os quadros, as molduras.

Cada objecto lhe merecia um especial cuidado.

Passou depois para o *porta-bibelots*. Primeiro limpou bem a madeira do movel, que ficou reluzente como um espelho. Olhou e tornou a olhar para ver si estava bem limpo.

Não encontrando nem um grãozinho de pó, tratou de descer,

Biblioteca Nacional de Maestros

Mas, ao fazel-o, o panno enroscou-se no tridente de uma estatueta de Neptuno, a cavalleiro num finissimo relogio de bronze, e o deus do mar e mais o relogio foram abruptamente precipitados ao chão.

A estatueta era de fragil porcellana e partiu-se em mil pedaços.

Margarida, perplexa, afflicta, a derramar copiosas lagrimas, alli ficou estatelada a contemplar-lhe os destroços.

Paulo e Luizinha, ouvindo o barulho da queda, saltaram depressa da cama, e mesmo de camisolas, voaram para a sala.

Não foi preciso que ninguem lhes dissesse nada.

O relogio quebrado e Margarida alli, ao lado, a soluçar afflicta, explicavam claramente do que se tratava.

Luizinha teve-lhe pena, e, silenciosamente, commovida com as suas lagrimas, poz-se a ajudal-a a apanhar os cacos de louça.

Paulo, pensativo, mas tambem commovido, deixou-se ficar immovel, imaginando o desgosto que ia sentir seu pae ao regressar.

Aquelle relogio era uma lembrança de uma viagem delle á Europa. Comprára-o na

Biblioteca Nacional de Maestros

Suissa, onde estivera tres mezes, numa das épocas mais felizes de sua vida.

Margarida continuava a soluçar desconsolada.

Isso deixava Paulo mais pensativo ainda.

Estimava-a como irmã, e não queria que sua mão a despedisse.

Que fazer? Oh! que difficuldade terrivel!

— Não vale a pena chorar, Margarida! disse elle, afinal, para a consolar; mamãe comprehenderá que foi uma infelicidade tua, e tudo ficará assim mesmo.

Intimamente, porém, não tinha muita esperança no que estava dizendo.

D. Julia tinha promettido despedil-a na primeira reincidencia, e, quando promettia, cumpria sempre.

— Não; eu sei que vou ser despedida! Sei que sou uma desastrada, mas não quero sahir desta casa! gemeu, chorando, a pobre creada.

Paulo sentia como um nó a apertar-lhe a garganta.

Não sabia que responder.

O desastre realmente tinha sido grande daquella vez, e era quasi certo sua mãe

Biblioteca Nacional de Maestros

despedir a Margarida... E si fosse elle quem tivesse quebrado o relogio?!...

Bateu repentinamente com a mão aberta, na testa.

— Que é? Que foi? perguntaram assustadas as duas.

— Nada. Escutem: já achei um meio de não seres despedida, Margarida. Vou dizer que fui eu o auctor disto. E' uma mentira, mas não é dita por mal, e si algum dia a descobrirem, mamãe m'a perdoará. Tu, que tanto gostas de limpeza, limpa tambem agora as tuas lagrimas e deixa a cousa por minha conta.

Era tal o sentimento de Margarida, ao lembrar-se de ser despedida daquella casa, que tanto amava, que acceitou o sacrificio de Paulo como uma salvação dimanada do céu.

Por isso serenou e continuou seu serviço.

Biblioteca Nacional de Maestros

A mentira

Pouco depois chegava D. Julia, de volta da missa.

Paulo correu logo ao seu encontro, e, fingindo uma cara desconsolada, para mais depressa ser acreditado, fez-lhe a mentirosa confissão.

— Oh! que massada! exclamou d. Julia, consternada. E agora, quando o teu pae o souber, que desculpa lhe darás, hein, Paulo? Um relogio que elle estimava tanto!

— Que aconteceu? perguntou o Dr. Silva Ramos, chegando justamente na occasião.

— E' que este estouvado atirou ao chão o teu relogio de bronze.

—O relogio suisso? Oh! que desastrado!

E, contrariadissimo, o doutor precipitou-se para a sala.

O relogio não estava no seu costumado logar.

— Mas onde o puzeram? De que fórma o quebraram.

Biblioteca Nacional de Maestros

Sorria-lhe uma esperança. Talvez todo o mal não passasse da quéda.

Nesse momento, Margarida, com os olhos baixos, entrava na sala carregando uma cesta cheia de cacos.

O Doutor approximou-se della e verificou que, á excepção do relogio propriamente dito, e que parecia intacto, tudo mais estava irremissivelmente perdido.

A bellissima estatua partira-se em pedaços tão pequenos que era impossivel juntal-os.

Dominando, entretanto, o seu azedume quasi a explodir, o doutor chamou Paulo e disse-lhe com a maior calma, accentuando bem as palavras:

— Quem não tem cuidado, que soffra as consequencias! Tu quebraste um objecto que valia duzentos mil réis, além do valor estimativo que, como uma lembrança, eu lhe dedicava. Tinha-te preparado uma surpreza, para o dia de teus annos; ia dar-te uma bicycleta ingleza.

Não mais a ganharás.

O dinheiro que teria de gastar com essa compra, empregal-o-ei agora em mandar restaurar o meu querido relogio, pondo-lhe um

Biblioteca Nacional de Maestros

Neptuno de prata; porque, afinal de contas, duzentos mil réis não são quantia que se despreze em beneficio de um menino estouvado!

Paulo sentiu apertar-se o coração.

Uma das suas maiores ambições era possuir uma bicycleta, e, justamente nas vesperas de possuil-a, via o seu sonho completamente desfeito como uma fumaça a esvair-se no ar.

Foi um golpe terrivel o que soffreu!

Mas estava resolvido a levar a sua boa acção até ao fim.

Por isso, curvou-se ás palavras de seu pae, e não respondeu cousa alguma, porque não *quiz* responder.

Margarida é que estava visivelmente constrangida.

Olhava ora para Paulo, ora para a cesta, ora para o Dr. Silva Ramos.

Seus olhos pareciam querer contar o que a lingua, paralysada pelo medo, se recusava a dizer.

Via-se bem que, difficilmente se conformava com o sacrificio do seu amiguinho.

Biblioteca Nacional de Maestros

E não sei si a confissão não lhe ia escapar, quando o Dr. Silva Ramos, tomando o bronze, mandou que ella atirasse ao lixo os destroços da estatua de Neptuno.

Quadro para exercicios de imaginação

Uma lição de musica

Biblioteca Nacional de Maestros

Surge a verdade

A Verdade é como o Sol; uma nuvem póde encobril-o, mas nunca fazel-o desapparecer.

O Dr. Silva Ramos, levando comsigo o bronze, foi sentar-se á sua escrivaninha de trabalho.

Queria examinal-o minuciosamente, a ver si ainda era possivel dar-lhe algum concerto.

Uma cousa, porém, chamou-lhe desde logo a attenção; o relogio tinha parado ás 7 horas e um quarto..

Esta observação suggeriu-lhe outra:

Como é que as crianças, que, aos domingos, só sahiam da cama ás 8 horas, se tinham levantado mais cedo naquelle dia?!

Qual a razão disso?

Ora, Margarida ficára encarregada de chamal-os áquella hora; porque teria desobedecido, acordando-os mais cedo, ella que era tão escrupulosa no cumprimento das ordens recebidas?

Biblioteca Nacional de Maestros

Chamou Paulo. Era preciso esclarecer aquillo.

— Que horas eram quando te levantaste?

— Não sei, não, senhor; Margarida é que sabe.

Chamou Margarida.

— A que horas acordaste as crianças, Margarida?

— A's 8 em ponto. Estavam ainda sonhando quando os chamei, conforme as suas ordens.

— Então, explica-me uma cousa: como é que Paulo tendo-se levantado ás 8 horas, pôde quebrar a pendula ás 7 e um quarto?

E os seus olhos iam de um a outro, perscrutadoramente.

Margarida e Paulo estavam desapontados.

O Dr. Silva Ramos continuou.

— Demais, um relogio que ha quinze annos trabalha admiravelmente, não é crivel que parasse assim átôa, e justamente hoje, na minha ausencia. Tambem não foi com a mudança que elle se desarranjou, pois, além de ser trazido com todo o cuidado, faz já tres dias que aqui estamos e ainda hoje de manhã regulava muito bem. Não: aqui ha um mysterio que é preciso desvendar.

Biblioteca Nacional de Maestros

Estavam descobertos. Os dois puzeram-se a chorar.

D. Julia fitava-os curiosamente, sem nada comprehender ainda; mas seu marido adivinhára tudo, e dirigindo-se á creada, accusou-a em tom firme, porém, com mais indulgencia que severidade:

— Quer isto dizer que a culpada foste tu!

— Perdão, perdão! supplicou Margarida.

— Mas, porque mentiste então, creatura? E tu, Paulo, com que fim te attribuiste o desastre?

— Tive pena de Margarida, que estava verdadeiramente desesperada, além de que fiquei com medo que mamãe despedisse a pobrezinha, que nos estima tanto! Sei que fiz mal em mentir! continuou Paulo; mas papae póde castigar-me por isso, não me dando a bicycleta.

— Pois sim, veremos. Vae pôr agora o relogio sobre o aparador. Antes, era um bello objecto, e recordava-me um tempo feliz da minha mocidade; hoje, está bem mais feio, é certo, mas recordar-me-á egualmente um momento de grande felicidade ao meu orgulho de pae: o de conhecer os bons sentimentos de

Biblioteca Nacional de Maestros

meu filho. Com essa significação elle me parecerá mais bello do que no passado!

Dá-me um beijo, meu querido filho; é a recompensa que mereceste! Tudo mais que fique acabado.

Quadro para exercicios de imaginação

O vovô

Biblioteca Nacional de Maestros

A MODESTIA (*)

Pelas flôres proclamado
Rei da campina virente,
Um lindo cravo encarnado
Deu principio ao seu reinado
Na primavera nascente.

Eram de fausta riqueza
As folhas assetinadas
Do manto de realeza,
Que bordou a natureza
Com gottinhas irisadas.

A providencia primeira
(E o rei não se esqueceu della)
Era escolher companheira:
Do seu dominio a mais bella,
A mais pura e verdadeira.

O desempenho da lei
Causou immensa delicia
Pela numerosa grei.
E correu logo a noticia
Pelos estados do rei.

(*) Traduzido do hespanhol—José Selgas.

Biblioteca Nacional de Maestros

Em revôlta actividade
Cada flôr abriu o arcano
Da primaveril beldade,
Para prender a vontade
Do formoso soberano.

Cada qual teve o cuidado
De enfeitar-se para a festa,
E amanheceu adornado,
Desde o campo até á floresta,
Do Cravo o florido Estado.

O rei, vendo tantas flôres,
Com indecisão procura:
Umas têm bonitas côres;
Outras, ricas em odores;
Todas com muita frescura.

E o rei caminha, caminha,
Sem saber qual escolher;
Parou, vendo uma flôrinha
Que parecia que tinha
Receio de apparecer.

—Porque te escondes medrosa,
«E não mostras tuas côres?
«Não sabes que a mais formosa
«Escolherei, e ditosa
«Será Rainha das flôres?»

Biblioteca Nacional de Maestros

Mais acanhada ainda a flôr,
Mas fremente de prazer,
Respondeu: Oh! meu senhor,
«Quem sou para merecer
«O vosso régio favor?»

Replica o rei com doçura:
—Entre as flôres desta festa,
«A que mais me agrada é esta:
«Porque a melhor formosura
«E' a formosura modesta.»

Logo a brisa perfumosa
Proclamou por toda a grei:
Que a violeta candurosa
Fôra a esposa venturosa
Escolhida pelo rei.

Biblioteca Nacional de Maestros

A doença de Luizinha

I

Era sempre com alegria que Luizinha se apromptava para ir á escola.

Nunca lhe faltára a vontade para isso, assim como nunca deixára de preparar em casa as lições que a mestra determinava.

Mas um dia a preguiça invadiu-lhe o corpo!

O suave calor das cobertas deu-lhe uma invencivel molleza; e quando D. Julia entrou no quarto para avisal-a de que já era tarde, de que devia levantar-se, ella encolheu-se toda, e disse com uma vózita abafada, uma vózita que mais parecia um gemido:

— Ai, mamãe! Não me sinto bem! Com certeza estou doente!

Não o parecia, entretanto. Suas faces, frescas e marcadas com duas rosas; seus olhos,

Biblioteca Nacional de Maestros

brilhantes e buliçosos atravez dos intersticios das pestanas semi-cerradas, «como dous grillinhos presos em gaiolas de seda», desmentiam-lhe as palavras.

Mas o tom dolente de sua voz não deixou de impressionar um tanto á D. Julia, que, depois de tomar-lhe a temperatura da testa, pareceu indecisa, e permittiu-lhe ficar deitada, indo apressar o almoço de Paulo e Donato.

Luizinha conseguiu o seu intento: não iria á escola.

A's oito e meia o Dr. Silva Ramos entrou no quarto. Examinou-lhe a lingua, que estava limpa, limpa; tomou-lhe o pulso; premeu-lhe o estomago; poz-lhe o thermometro sob o braço, e com um sorriso ironico, disse que aquillo não era cousa de cuidado, mas que não poderia sahir da cama, porque não se devia facilitar com molestias!

— E, em vez de café e pão com manteiga, accrescentou, tomarás hoje um chá, simplesmente um chá... de herva cidreira, por exemplo.

Luizinha deixou-se ficar na cama.

Mas, dalli, com o ouvido attento, acompanhava todo o rumor que ia pela casa.

Biblioteca Nacional de Maestros

Percebeu Paulo e Donato sahirem de seus quartos; ouviu-os darem os bons-dias á D. Julia e ao Dr. Ramos; sentiu-os, pelo barulho das chicaras, a tomar café na sala de jantar; advinhou-os depois a estudar as lições na mesinha do canto, perto da janella.

Mais tarde ouviu o ruido da louça do almoço.

Paulo indagou de Luizinha, e sabendo que estava doente, quiz vel-a. D. Julia não o deixou, dizendo:

— Não; a pobresinha está dormindo; não convém acordal-a!

Sentaram-se á mesa, almoçaram, levantaram-se.

Luizinha não perdia um só de todos esses movimentos.

Os meninos despediram-se para irem á escola e sahiram, acompanhados do Dr. Silva Ramos, que tambem se ausentava em visita a seus clientes. Ouviu bater a porta do corredor, com um ruido secco e rapido... Depois, fez-se um grande silencio na casa, interrompido apenas pelo rodar da machina de costura, movida por D. Julia, e pelo gorgear do canario belga, que procurava imitar

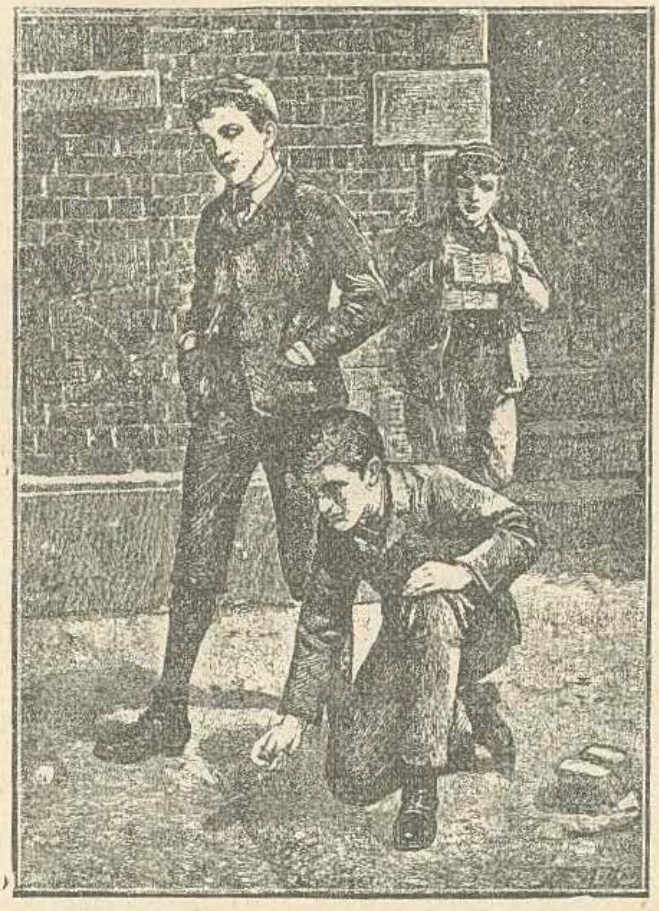
Biblioteca Nacional de Maestros

aquelle ruido, rolando na garganta notas sobre notas.

Luizinha sentia um grande mal-estar na cama. O corpo já estava cançado de conservar-se inactivo.

Começava a arrepender-se de *estar doente!*

Quadro para exercicios de imaginação



O jogo das bolinhas

Biblioteca Nacional de Maestros

A doença de Luizinha

II

A's dez horas sentiu-se afflicta.

Parecia-lhe que o estomago se transformára em um sacco vasio, mas pesado, que muito a incommodava.

Agora sim, parecia verdadeiramente doente, mas de fome.

Não supportou mais. Levantou-se devagarinho, e descalça, para não fazer barulho, foi até o lavatorio, lavou o rosto, escovou os dentes, penteou os cabellos, limpou as unhas, vestiu-se com um vestido branco que D. Julia lhe levára ao quarto na vespera, á noite, e quiz sahir para a sala de jantar. Não teve coragem.

Sentou-se de novo na cama a scismar.

Ou tinha de continuar a mentir, ou havia de confessar toda a verdade. Que faria?! Deus que a inspirasse!

Tanto uma cousa como outra eram tão difficeis!

Biblioteca Nacional de Maestros

D. Julia terminára a costura, e estava passando agora, sobre a mesa de jantar, a roupa branca que, de manhã, a lavandeira trouxera.

Com o ferro quente alisava peça por peça cuidadosamente, sem deixar-lhes dobra nenhuma.

Luizinha ouvia o barulho abafado do ferro a bater sobre o tecido.

Teve uma idéa rapida.

Levantou-se e dirigiu-se pé por pé para onde estava sua mãe, e perguntou-lhe meiga e timidamente.

— A senhora não quer que eu a ajude?

— Não, minha filha; estás doente, e o calor do ferro póde fazer-te mal! O melhor é voltares para o teu quarto, sim?

Luizinha obedeceu, meio amuada, e desgostosa de si mesma.

Para distrahir, foi ao armario e tirou a boneca, a sua querida Zilda, para brincar.

Parecia-lhe, porém, que a cara de Zilda era mentirosa, e tinha um aspecto de doente manhosa e fingida.

Não achou graça no brinquedo. Tornou a guardar a boneca.

Biblioteca Nacional de Maestros

Sentou-se de novo na cama, desanimada. As colicas do estomago iam, porém, augmentando cada vez mais; estavam transformando-se em uma dôr impertinente. Veiu-lhe a vontade de chorar.

Chorou baixinho para que sua mãe a não ouvisse. Que fazer?! Lembrou-se de Nossa Senhora! Rezou baixinho um Padre Nosso. Ficou um pouco mais animada!

Ao meio-dia D. Julia chamou-a para comer alguma cousa.

Correu satisfeita. Sobre a mesa apenas encontrou um pires com um mingau de araruta.

Comeu o mingau. Gostou e repetiu.

D. Julia voltára de novo ao seu trabalho, mas, disfarçadamente, de soslaio, não perdia os movimentos da filha.

Acabado o mingau, Luizinha tentou brincar ainda, mas não o conseguiu; achou tudo sem graça.

Seu estomago não estava satisfeito: exigia comidas salgadas.

E faltava ainda tanto para a hora do jantar!

Os ponteiros do relogio, donde não tirava os olhos, caminhavam tão vagarosos!

— Oh! meu Deus!

Biblioteca Nacional de Maestros

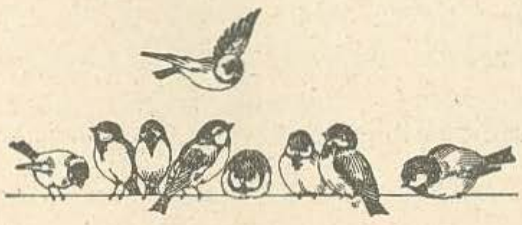
E as lagrimas abotoaram de novo nos seus olhos, escorrendo-lhe pelas faces.

— Estás ainda doentinha, minha filha; vae deitar-te outra vez! disse D. Julia.

A estas palavras, Luizinha não pôde mais resistir; rompeu num pranto forte, e confessou tudo.

D. Julia, enxugando-lhe então as lagrimas, disse-lhe carinhosamente:

— Eu bem conheci a tua manha, filhinha, mas aguardei anciosa a hora em que os teus bons sentimentos a vencessem. Não perdeste, entretanto, por ficares em casa. Viste sahirem alegres para o seu trabalho teu irmão e Donato. Compára agora a alegria delles com o motivo das lagrimas que derramaste, e, ahi, tu acharás bem extremada a differença entre quem cumpre o seu dever e quem não tem coragem de cumpril-o.



Biblioteca Nacional de Maestros

Amigos... amigos!

Fabula de Lafontaine (*)

Tinha um esquilo, por amigo, um cão,
um lindo cão de caça.
Como a Orestes e Pylades, enlaça
esses dois seres uma estreita união.

Sahiram a viajar um certo dia.
Num bosque a noite alcança-os de improviso,
e como não houvesse hospedaria,
na qual fizessem pouso, foi preciso,
após muito trabalho,
metter-se o cão no ôco dum carvalho,
e nos ramos, o esquilo achar abrigo.

Algum tempo depois que o par amigo,
cançado da pernada,
já se entregára aos braços de Morpheu,
uma astuta raposa esfomeada
alli appareceu.
Levantando o focinho para o ar,
lá sobre os ramos avistou o esquilo,
e, logo, aquillo
cheirou-lhe a bom jantar...

(*) Traducção livre de René Barreto.

Biblioteca Nacional de Maestros

Mas, emprezas como esta,
rendosas, tem escolhos...
Ella só devorou-o... com os olhos;
e, com a lingua, só lambeu... a testa!

Mas, como aquillo que ella cubiçava,
lá sobre os ramos, bem seguro estava,
sobreveiu-lhe á idéa um bom recurso,
e, então, fez ao esquilo este discurso:

«Desculpae-me, senhor, minha ousadia
de interromper o vosso somno agora;
mas não posso conter tanta alegria,
que me ri n'alma e ao mesmo tempo chora:

Meu senhor, escutae,
Vós sois meu primo-irmão!
Vossa mãe, que Deus tenha em protecção,
Era uma irmã de meu defunto pae.
Morrendo, o honrado velho encommen-
dou-me

que procurasse o primo,
e me fez prometter, por santo nome,
que eu vos daria protecção e arrimo,
vos dando, ao mesmo passo,
a metade dos bens de minha herança.
Vinde, pois, meu irmão, e que um
abraço
Solennise este encontro, esta alliança.
Si eu pudéra subir aonde estaes,
já vos déra os abraços fraternaes.»

Biblioteca Nacional de Maestros

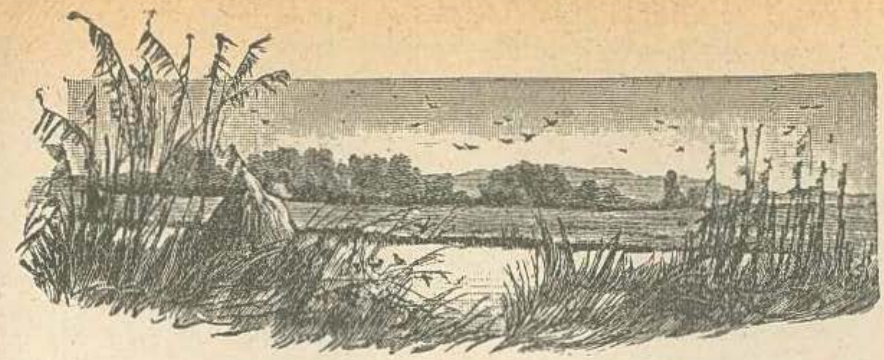
Porém, o esquilo, que não era idiota,
deixou-a *desfiar o seu rosario,*
e, percebendo que era *falsa a nota*,
não cahiu nesse *conto do vigario...*
(Não, que os esquilos nunca foram parvos!)
e logo respondeu neste teôr:

«Acreditae-me, senhora, o que vos digo:
Morro de impaciencia para dar-vos
abraços mil de fraternal amor;
mas primeiro queria
apresentar-vos um fiel amigo,
que me segue desd'o primeiro dia.
Elle está a dormir ahi nesse ôco...
Batei um pouco,
que, penso, gostareis de conhecel-o».

A raposa deixou-se lograr pelo
esquilo, e foi bater,
cuidando, não um só, mas dois comer.
Porém, o cão fiel
cahiu sobre ella, rapido, ligeiro,
e fez-lhe tal qual faz um cozinheiro
á carne com que vae encher pastel!

Do exposto se conclue que na amizade
tem alicerces a felicidade;
e o espirito subtil ás vezes pilha
fazer cahir o armante na armadilha.

Biblioteca Nacional de Maestros



De mal a peior

Porque o Zuzú, lembrando-se talvez dos tempos de grande peraltagem, se distrahisse na lição de geographia, entretido a contar uma collecção de bandeirinhas de maços de cigarros, o professor abaixou-lhe a *nota* de comportamento. Immediatamente, no meio do silencio respeitoso que se fez para ouvir a reprehensão, alguem pronunciou estas palavras: — Bem feito!

— Bem feito?! repetiu o professor, voltando-se para o lado de onde partira a voz; mas, quem externou estas palavras commetteu uma acção ainda mais censuravel que a de Zuzú.

Regosijar-se pelo mal acontecido a outrem é uma prova de mau coração, e gravissima, por tratar-se de um collega, de um companheiro, de um quasi irmão. Felizmente não pude perceber quem foi.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Foi o Carlos! disse, levantando-se, um menino que havia entrado de pouco para a escola.

— Vamos de mal a peior! exclamou o sr. Peixoto, fitando nelle, demoradamente, o olhar, com uma expressão physionomica indicativa do profundo desgosto que lhe ia n'alma; e accrescentou:

— Zuzú praticou uma falta das que está habituado a commetter, e de que, felizmente, se vae libertando pouco a pouco. Carlos foi cruel: deixou de ser amigo; desmereceu do bello nome de camarada! Mas você foi delator, isto é, praticou a acção mais antipathica, mais asquerosa que um homem póde praticar.

— Eu cuidei que o senhor queria castigal-o, e não o fazia por não poder descobril-o...

— Ainda assim! Não é acceitavel a sua desculpa! Demais, nunca desejo castigar a ninguem. A's vezes sou obrigado a isso, mas é sempre constrangido que o faço, e é você quem me vem proporcionar agora tal desgosto, obrigando-me a castigar os tres em vez de um.

Zuzú já teve a sua pena; Carlos ficará sem recreio hoje, para bem avaliar que falta nos fazem os companheiros; e você me vae copiar duas vezes, meditando bem nella, uma

Biblioteca Nacional de Maestros

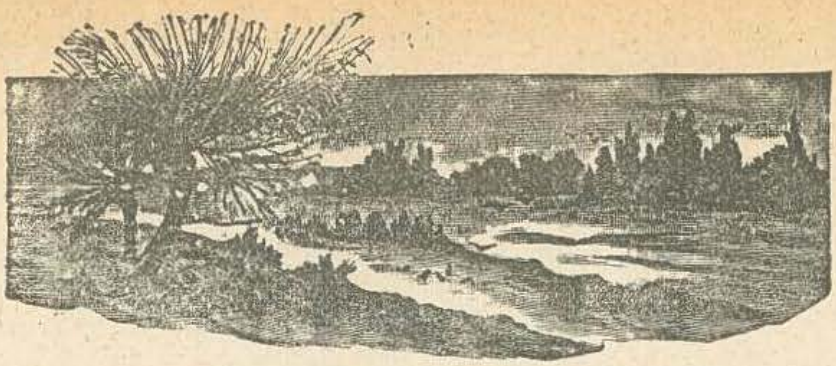
pagina que reservo para estas occasiões. E si tem bom coração, como acredito que o tenha, nunca mais praticará faltas similhantes.

Tirando então da gaveta um livro e uma folha de papel, o sr. Peixoto levou-os á carteira do menino indiscreto, e indicou-lhe a pagina a copiar, a qual tinha por titulo — *Maledicencia.*

Quadro para exercicios de imaginação

A FLORESTA

Biblioteca Nacional de Maestros



Maledicencia

Deus, dando-nos dois ouvidos e uma só bocca, quiz ensinar-nos que mais devemos ouvir do que falar. E assim é, na verdade.

Não acrediteis na maledicencia dos outros.

Infelizes ha, a quem chamo defeituosos moraes, e cujo maior prazer é propalar o mal, seja elle real ou não. São verdadeiros commerciantes de noticias desagradaveis. Quando encontram uma, procuram logo tirar della todas as consequencias. Pouco lhes importa saber si a noticia é falsa ou verdadeira; basta-lhes o prazer de poder ser o primeiro a transmittil-a, carregando-a das mais vivas côres.

O homem de bem, o homem generoso, nunca procura propalar accusações; prefere espalhar elogios.

Antes mil vezes fazer um elogio, ainda mesmo immerecido, do que uma accusação falsa.

Biblioteca Nacional de Maestros

O elogio, muitas vezes, previne uma falta; a censura raramente a corrige.

Si o assumpto de uma conversação, a que estejaes presente, fôr a maledicencia, melhor fareis conservando-vos calados. A sentença popular: — Falar é prata; calar é ouro — em nenhuma occasião será mais bem aproveitada.

Quando em uma reunião, ouvirdes constantemente criticar actos alheios, fugi della: é uma reunião que não vos convém.

Aquelle que nos outros só descobre defeitos, está muito longe de ser perfeito; as mais das vezes tem facilidade em encontral-os, porque, intimamente, tambem os possue.

Quando ouvirdes alguem falar mal de todo o mundo, evitae-o tambem. Ficae certo de que um dia falará igualmente de vós.

A maledicencia é a mãe da calumnia, e a calumnia é a arma mais perversa de que os máos pódem lançar mão.

Biblioteca Nacional de Maestros

Recordações da guerra

No quintal da casa para onde se mudára o Dr. Silva Ramos, havia plantadas umas dez larangeiras enormes, quasi unidas umas ás outras, e formando um aprazivel caramanchão natural.

No tempo da florescencia tornava-se então o ponto mais agradavel de palestra.

Assim o entendeu o nosso bom medico, que alli mandára collocar, além de commodos bancos de encosto, duas redes cearenses, suspensas aos velhos troncos.

Todas as tardes, depois do jantar, á hora do lazer, ahi se reuniam o Dr. Silva Ramos, D. Julia, tio José, as crianças e, algumas vezes, o Sargento.

Na tarde a que nos referimos, á excepção do medico, que tinha sahido em visita a um doente, achavam-se alli reunidos todos os outros.

Biblioteca Nacional de Maestros

O Sargento, meio deitado em uma das redes, com a perna de pau estendida, tirava grandes fumaradas do seu inseparavel cachimbo.

A brisa agradavel que soprava, mal fazendo mover a folhagem verde-negra, e a calma que reinava em tudo, como que convidavam a scismar.

De repente, porém, abruptamente, o Sargento exclamou:

— Foi um heróe o terrivel alagoano!

Os outros olharam espantados para elle, como pedindo o sentido daquella exclamação.

— Ah! querem saber? Pois eu lhes conto. Estava pensando em uma das passagens do Paraguay. E dando um gemido indolente, sentou-se direito na rede.

— Era em Curuzú, no dia 30 de Maio de 1867.

O inimigo rompeu contra nós um bombardeamento damnado, de fogo cruzado pela frente e pelo nosso flanco direito. Choviam sobre nossas cabeças balas de 68, 36, 30, 24 etc.; bombas, granadas e estilhaços de todos os tamanhos. Silvavam no ar, como si fossem uma legião de locomotivas aéreas, em differentes-tons e escalas.

Biblioteca Nacional de Maestros

O effeito moral de tal bombardeamento, só o veterano encanecido nas guerras será capaz de imaginar. Um profano não póde fazer uma fraca idéa, por tratar-se de coisa que não conhece. No entanto, alli estavamos, vendo estupidamente approximar-se a morte de nós, sem podermos oppôr-lhe a minima resistencia.

Não nos dominava o desanimo mas sim a tristeza, deante daquella monstruosa chuva de ferro fundido que nos arrebatava tantas e tão preciosas vidas.

Nesse comenos, cáe perto de nós, cerca de 10 braças, amortecendo os *ricochetes,* uma granada de calibre 68, com a espoleta inflammada, a qual parou junto de um soldado que atravessava a linha de bandeira do acampamento.

Um trovão medonho, uma myriade de silvos atroou no ar, ensurdecendo-nos.

Olhámos e... vimos.

Um soldado, com um sorriso de desdem acompanhado da continencia militar, cumprimentára a granada, na acção de detonar, e, voltando-se para o nosso grupo, disse, rindo-se e perfilado:

— Não era ainda a *nossa,* senhores officiaes!

Biblioteca Nacional de Maestros

A calça branca do bravo estava chamuscada até á altura do joelho!

A bomba detonára dois a tres passos distante das pernas do valente guerreiro!

Recebemos com admiração o espirituoso dito do soldado, e, espantados de tamanho sangue frio, perguntámos:

— De que provincia é você, camarada?

— De Alagoas, meus officiaes.

E, cortejando, accrescentou, mostrando-nos a fazenda chamuscada:

— Vou lavar a minha calça para outra *diaba* vir sujar.

— Cortejou, militarmente, e foi-se embora, sorrindo.

Biblioteca Nacional de Maestros

A bicycleta

Até que emfim se realisava uma das mais afagadas aspirações que Paulo e Donato de ha muito acalentavam no seio: cada um era dono agora de uma solida bicycleta de boa fabricação ingleza!

Ellas alli estavam, á vista dos incredulos, encostadinhas a uma parede da sala de jantar, reflectindo provocadoramente, pelas suas peças nickeladas -- guidon, pedaes, manubrios — não só a luz do gaz que nellas cahia viva, lambendo-as com cem linguas de fogo, mas as scintillações dos olhos alegres dos dois rapazes, que não se cançavam de contemplal-as, de examinal-as, de quasi adoral-as!

Alli estavam, sim, como si se dissesse, na realidade mais núa, mais scintillante que jamais se viu de dois sonhos até então julgados irrealisaveis!

Custou! Mas não foi o Dr. Silva Ramos quem ganhou as demonstrações de alegria dos dous rapazes.

Biblioteca Nacional de Maestros

O caso foi este: O pae de Donato tinha ido ao Rio de Janeiro vender uma grande partida de algodão, colhido em sua fazenda. Tendo feito um negocio melhor do que esperava, trouxe, não uma, mas duas bicycletas para os meninos.

Não se descreve a alegria em que ambos ficaram ao vêr o carregador entrar, logo após o fazendeiro, com os dous cavallos de ferro! A casa quasi veio abaixo com os vivas e pulos que deram! E o pobre velho quasi foi ao chão com tantos abraços.

Desengradal-as, puxal-as para o quintal e logo fazel-as entrar em acção, foi obra de um momento.

Donato que era mais corajoso, e sabia montar a cavallo, foi o primeiro a experimentar a delle. Paulo, amparando-lhe a bicycleta ajudou-o a collocar-se no assento. Em vão, porém, Donato tentou rodal-a: não deu nem uma volta. A bicycleta tombava ora para um, ora para outro lado.

Paulo nem isso, porém, conseguiu fazer.

Sabiam agora, por experiencia, que andar de bicycleta é um pouco mais difficil do que pensavam, e aprendiam egualmente este salutar aviso - que mesmo aquillo que parece

Biblioteca Nacional de Maestros

mais facil, para bem executar, é preciso habito, pratica e exercicio, assim como não é da primeira vez, nem da segunda que se consegue saber as cousas com resultado satisfactorio. E' pela continuação e pela persistencia que se realisam todos os intentos.

Ambos já estavam gottejando de suor e ainda não tinham conseguido vencer, montados, oito metros.

Donato, porém, em um dado momento, conseguiu finalmente equilibrar-se, e movendo os pedaes, pôde descer um pequeno declive. Quiz voltar, cahiu. Tentou subir de novo, e, apezar de todos os esforços, tornou a cahir. Ia tentar pela quarta ou quinta vez a difficil subida, quando D. Julia os chamou mandando que guardassem as bicycletas.

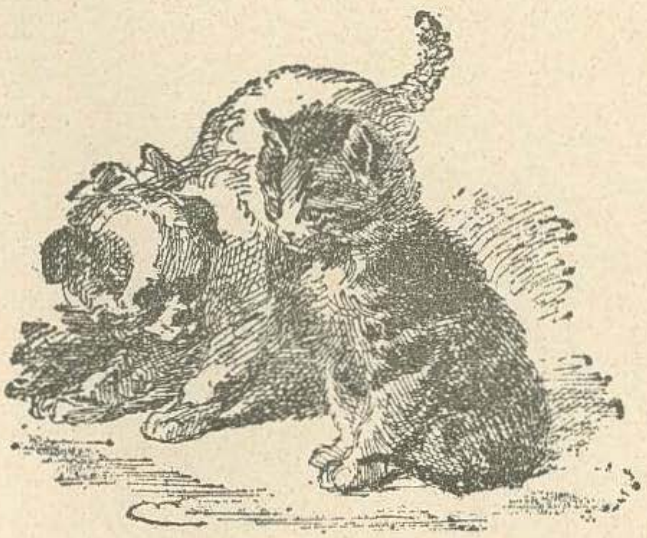
Vieram elles empurrando as suas machinas, corados, derramando suor, mas satisfeitos e esperançosos de, com mais alguns esforços, poderem fazer correr no dia seguinte os seus ginetes de ferro!

Ao chegarem á casa, encostaram as bicycletas á parede da sala de jantar, tomaram um banho frio, mudaram a roupa, e foram jantar com o mais salutar appetite.

Biblioteca Nacional de Maestros

O Dr. Silva Ramos, satisfeito por vêr o prazer com que os rapazes comiam, exclamou:

— Estão vendo como é hygienico o exercicio physico? Mas vocês não devem abusar como hoje. Havendo excesso, elle produz mais males do que beneficios. Um exercicio leve, moderado, todos os dias, é o melhor meio de obter-se o vigor de que todos nós precisamos, emquanto que, levado á brutalidade, anniquila o organismo.



Biblioteca Nacional de Maestros

O desastre

Depois de muita quéda e de muito esforço, Paulo e Donato aprenderam emfim a andar soffrivelmente de bicycleta. Precisavam agora de campo mais vasto para se exercitar melhor. D. Julia permittiu-lhes que, pela manhã, durante uma hora, sahissem á rua com as suas machinas, recommendando-lhes, porém, que não se afastassem para muito longe. Donato, mais temerario e audaz, não encontrando os estorvos que a cada passo se lhe deparavam no quintal, montou na sua bicycleta e, achando o campo livre, tocou-a logo a toda a velocidade, deixando Paulo cá muito atraz.

Este, que não tinha pressa, ia pedalando a sua, de modo a não fazer excessos, nem cançar-se inutilmente. Seu pae dissera que exercicios violentos só prejudicam, e elle que o dizia era porque como medico, o sabia perfeitamente. Não seguia, por isso, o exemplo de Donato.

Biblioteca Nacional de Maestros

Donato ia e vinha, vertiginosamente, alegre, zombando de Paulo todas as vezes que com elle cruzava, e o certo é que de dia para dia se tornava mais arrojado e habil.

Um dia achava-se em um desses exercicios de grande velocidade. Pelo caminho estreito e ladeado por um vallo e uma cerca de arame farpado transitavam, naquella hora, muitas carroças carregadas de tijólos.

Com admiravel habilidade, sem diminuir a marcha, elle desviava a bicycleta ora para um, ora para outro lado das carroças, já beirando o vallo, já a cerca.

Os carroceiros olhavam-no ao passar, admirando-se da calma imperturbavel com que o rapazinho affrontava todas as difficuldades; e elle, enthusiasmado com o *successo*, que bem percebia, dava de pedalar com mais força!

Ao chegar, porém, pertinho de uma encruzilhada, viu, com espanto, surgir á sua frente, uma preta velha, trazendo na cabeça um taboleiro, e cercada de duas ou tres crianças. Sentiu um aperto no coração... Parar era impossivel com a velocidade em que ia. Pensou em desviar-se; mas de um lado e de outro o caminho estava impedido pelas carroças. Que fazer?! Tres metros apenas o separavam

Biblioteca Nacional de Maestros

da quitandeira. Um generoso pensamento passou-lhe, como um relampago, pelo cerebro. Sem pensar em mais nada, sem medir qualquer consequencia, torceu resolutamente o *guidon*. A bicycleta resvalou rapida pela beira do vallo, precipitando-o ao fundo.

Alguns minutos depois chegava Paulo. Os carroceiros acabavam de ajudar Donato a sahir do vallo, emquanto a preta limpava cuidadosamente a bicycleta.

O valente rapazinho estava um pouco pallido, e querendo fazer-se de forte, disse, sorridente, mas com difficuldade:

— Isto não foi nada: um *tombazio* apenas!

Mas via-se que manquejava!

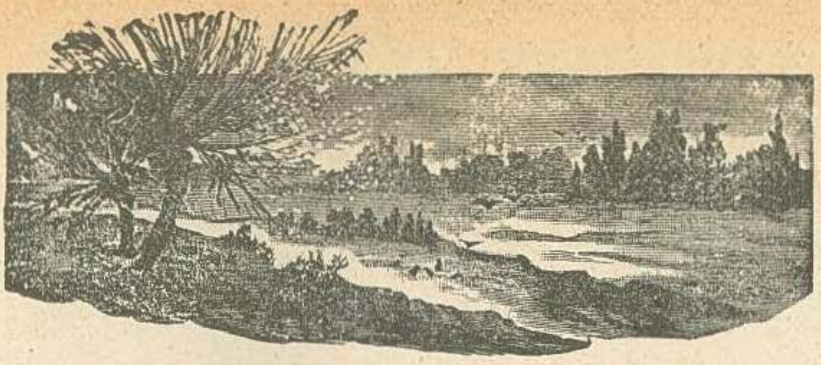
A bicycleta nada soffrera.

Um carroceiro propoz leval-a na sua carroça.

— Nada! nada! protestou elle vivamente; dá-m'a cá; já disse que não sinto dôr nenhuma. Obrigado!

E fazendo um esforço, cavalgou a bicycleta, mas desta vez era Paulo quem o esperava, porque de momento a momento elle se sentia peior, e só por muita força de vontade é que conseguiu chegar á casa.

Biblioteca Nacional de Maestros



De cama

Deitado de costas, e com uma perna a descançar sobre um travesseiro, Donato relata pela terceira vez naquella noite o caso da quéda.

Em torno do leito estão Paulo, Alvaro, Zuzú, tio José e Luizinha.

O quarto está todo impregnado do cheiro da solução phenicada com que lhe banharam a perna magoada. Apenas insignificantes escoriações no joelho e no pé apparecem exteriormente, e, entretanto, Donato ha já tres dias que está de cama: soffreu uma febre de 39 gráus, mas, graças aos cuidados do Dr. Silva Ramos, achava-se completamente fóra de perigo e em via de convalescença.

Donato nem ao menos queria deitar-se; entendia que aquellas *arranhaduras* não mereciam cuidado algum; entretanto, foi obrigado a ficar alli na immobilidade massadora

Biblioteca Nacional de Maestros

dos doentes. Foi mesmo preciso que tio José o convencesse com uma proveitosa lição de anatomia e physiologia.

— O homem, disse tio José — não é, como parece que julgas, similhante a uma boneca, que quando se desmancha, nós o conhecemos immediatamente, examinando-lhe exteriormente os rasgões da tela de que são feitas as pernas, ou o arame que lhe movimenta os braços. Não, nosso corpo é uma machina complicadissima, cujas partes internas são muito mais delicadas que as externas; o coração, os pulmões, o cerebro, o estomago, e o figado, são orgãos delicadissimos, cujo funccionamento é mais perfeito que o do mais delicado relogio.

— Mas quando cahiu o relogio da sala, o que se quebrou foi o Neptuno de louça, emquanto que a machina apenas parou, respondeu Donato.

— Apenas parou, dizes tu! Mas sabes o que significa na machina humana uma paralysação semelhante á que se deu no relogio, motivada pelo choque? A sua paralysação é a morte; porque o nosso corpo é bem a imagem do homem honesto: não póde deixar de trabalhar, porque o trabalho lhe é a vida.

Biblioteca Nacional de Maestros

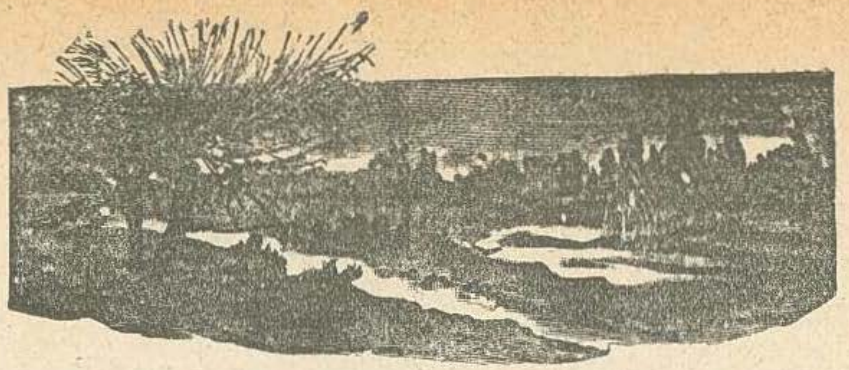
— Então, nesse caso, quasi que nada vale a pena a gente viver, si basta um simples tombo para nos mandar para outro mundo!

— Não só os simples tombos. Uma falta de cuidado qualquer – passando-se, por exemplo, de uma temperatura muito alta para um logar frio – uma digestão mal feita, um descuido na occasião em que se desenvolvem doenças contagiosas, tambem produzem a morte.

— Mas isto é um horror!

— Não, não é um horror: porque para os casos, como o que te aconteceu, ha o remedio da prudencia, e, para os outros ha os remedios que nos ensina uma sciencia que muito vos recommendo a todos — a hygiene.

Biblioteca Nacional de Maestros



Fumando

— Que caras assustadas vocês me trazem hoje!...

Paulo e Donato, quasi suffocados pelo cansaço e escorrendo suor, mal podiam respirar, quanto mais responder á exclamação de tio José, ao vel-os entrar na sala de jantar.

— Vocês vieram correndo! insistiu o capitão.

Os dous entreolharam-se hesitando, mas afinal, tomando uma resolução, Paulo animou-se a dizer:

— Viemos, sim, tio José! Mas foi Zuzú quem teve a culpa.

— Alguma peraltagem talvez?!

— Pois foi. Mas o senhor não se zanga si eu contar?

— Conforme! Depende isso da maior ou menor parte que vocês tomaram na acção

Biblioteca Nacional de Maestros

que elle praticou, e que devia ser muito grave, porque vocês, por um motivo sem importancia, não viriam a correr por essas ruas como dous desesperados!...

— Mas nós não tomamos parte no que fez Zuzú, titio! Olhe, eu vou contar-lhe tudo:

Ao sahirmos hoje da escola, eu ouvi Zuzú convidar o Carlos para fumar. Elle trazia no bolso um maço de cigarros, que arranjou não sei onde...

— Trocou por 50 bandeirinhas, explicou Donato.

—.....Mas, Carlos disse que não, que sua mãe promettera castigal-o rigorosamente si acaso soubesse que elle fumava! Zuzú insistiu, dizendo-lhe que sua mãe não iria adivinhar, e que lavando-se a bocca, depois de fumar, desapparecia todo o cheiro do sarro.

— Ensinando o outro a ser velhaco, o peralta! resmungou tio José.

—.....E tanto disse e tanto fez que convenceu Carlos, e cada um accendeu o seu cigarro...

— E onde estavam vocês?

— Estavamos vendo o que elles faziam, mas não fumamos, não, tio José.

— Lavaram tambem a bocca, hein?

Biblioteca Nacional de Maestros

— Não fumamos! O senhor quer que eu jure?

— Não; não é preciso, e nem se jura por coisas tão futeis! Acredito no que me dizes... Vamos adeante!

— ..... Fumaram o cigarro inteirinho! Quando acabaram, Carlos tentou levantar-se da pedra onde se achava sentado, mas não pôde; estava tonto, tonto. Nem assim! O corpo delle estava molle! Depois, deixou cahir a cabeça sobre os braços, que estavam apoiados sobre os seus joelhos, foi ficando muito pallido e teve nauseas que pareciam sahir do fundo do estomago. Um soldado que estava de guarda na esquina, correu para elle, acudindo-o....

— Bonito!

— .... Zuzú, assustado, fugiu a toda a força das pernas. Nós dois fizemos o mesmo com medo de que o soldado nos prendesse, julgando que fomos nós que haviamos maltratado o Carlos que lá ficou sósinho.

II

— Ora ahi está! Que bonita acção praticaram vocês e mais o Zuzú!

Biblioteca Nacional de Maestros

— Nós, titio?

— Pois que dúvida! Não acham que foi uma covardia, uma vergonhosa falta de caridade deixarem abandonado na rua, em estado de embriaguez, a um camarada? Não acham que os senhores são tão criminosos como o leviano Zuzú, assistindo impassiveis, indifferentes, como cumplices portanto, a uma scena que sabiam ter as peiores consequencias? E entendem que não são culpados?! Oh! envenenam a um collega... Olham-me assustados, hein? Pois repito; envenenam a um collega, sim, com um toxico terrivel, e quando o vêm a soffrer os effeitos do veneno, fogem miseravelmente, abandonando-o ás moscas e a um guarda... Não; os senhores procederam incorrectissimamente, fiquem sabendo.

Essas coisas só acontecem aos meninos que, como o Carlos, não têm força de vontade para reagir contra as más insinuações de falsos amigos, e áquelles que não ouvem os conselhos de seus paes.

O fumar é muito prejudicial á saude! dizemos nós, os mais velhos, a vocês! Mas estes criançolas, que ainda conservam o cheiro da mammadeira, julgam-se mais sabios do que nós, e não nos ouvem, tomando

Biblioteca Nacional de Maestros

por impertinencia o que é o resultado de nossa longa experiencia.

Felizmente tiveram hoje um bello exemplo.

Vão fumar vocês tambem, andem!

Mas fiquem sabendo que envenenarão o estomago, de onde o veneno passará para o sangue, e portanto para o corpo inteiro, produzindo molestias terriveis, dos quaes, cito uma só, a dyspepsia, que basta para flagellar para sempre a vida de um homem....

Tio José foi interrompido um instante pelo barulho da perna de pau do Sargento, que vinha entrando na sala de jantar, baforando grandes cachimbadas.

— Olhem para aquelle! Alli está quem teria muitos mais dias de vida, si não fosse o seu mau vicio de fumar....

— Prompto, capitão! A's ordens!

As crianças, comquanto impressionadas, sorriram-se sem querer, á vista da continencia que fez o Sargento, ao ver-se alvo das palavras do seu antigo capitão.

— Eu dizia, Sargento—repetiu tio José, — que o senhor teria muito mais saúde si não fumasse tanto!

Biblioteca Nacional de Maestros

— E' a pura verdade, capitão! Mas agora já estou quilotado, e o sarro não me envenena mais, embora eu fume *até fazer picuman na aba do chapéu!...*

Quadro para exercicios de imaginação

O DUETO

Biblioteca Nacional de Maestros

Os passeios de tio José

I

Quando tio José sahia a passear com as crianças, procurava sempre chamar-lhes a attenção para as scenas da Natureza, afim de acostumal-os a ser observadores e reflectidos.

Outras vezes procurava conversar com os caipiras que iam encontrando pelo campo, mas dirigindo as perguntas de modo que as respostas trouxessem ensinamentos aos seus companheirinhos.

Homem intelligente e de vasta instrucção, era-lhe facil dirigir a educação dos sobrinhos do modo que imaginára.

— Os livros, dizia-lhes muitas vezes, é verdade que ensinam muito; mas o mundo ensina ainda mais. Não ha objecto, por insignificante que seja, que não nos offereça ensejo de aprendermos alguma cousa.

Biblioteca Nacional de Maestros

Tudo quanto nos rodeia, tudo quanto cáe na esphera do nosso olhar, é como se fosse um professor silencioso que aguardasse apenas a nossa attenção para começar a falar.

— Querem ver? perguntou depois, apanhando um seixo do chão. E dirigindo-se á pedrinha redonda que tinha na mão:

— Fala, mestra. Conta a tua historia.

— Eu venho de longe, continuou, falando pelo seixinho; venho de muito longe. As aguas das chuvas racharam a pedreira onde eu morava, arrebentaram-na; levaram-me a um rio por onde vim rolando, rolando...

— Comprehendeste, Donato?

— Comprehendi perfeitamente. O seixo é redondo porque veio rolando pelo fundo do rio, perdendo as suas arestas no attrito com a areia do leito.

— E essa areia donde veiu?

— Naturalmente de muitos outros seixinhos, que, como este, as aguas tambem fizeram rolar.

— Mas quem te ensinou isso? Não seria este seixo?

Os meninos estavam muito admirados, verificando só então que todo o objecto, para fazel-o dizer alguma cousa ao nosso espirito

Biblioteca Nacional de Maestros

ensinando-nos verdades que passariam despercebidas si não lhes prestassemos acurada attenção, basta um só instante de reflexão.

II

Naquella tarde iam estender mais longe, pelo campo, o seu passeio.

Os pequenos lavradores tratavam da sementeira de cereaes.

Tinham, já ha dias, queimado o campo, e esperavam apenas que a chuva molhasse a terra para começar a sementeira.

Ora, justamente á noite, tinha cahido um grande aguaceiro, acompanhado de trovões e relampagos.

O logar, por onde se dirigiam tio José e as crianças, era um campo extenso, em declive suave, terminando lá embaixo por um rio de aguas transparentes, o qual parecia uma larga fita de ouro sob os reflexos do sol.

O espaço do terreno, que o fogo tinha lambido, era de forma quadrada, e as cinzas humedecidas, pretejando aquelle quadrado, davam-lhe a idéa de um enorme panno alcatroado que alli estivesse estendido, orlado de um verde lindo, lindo, e lantejoulado de brilhantes.

Biblioteca Nacional de Maestros

Tio José parou um instante para respirar as agradaveis emanações que a brisa fresca lhe trazia e, tomando uma forte inspiração disse:

— Oh! como isto é agradavel! Como os pulmões se sentem bem com este cheiro!

Predominava o perfume suavissimo do cambará.

Lá em baixo, no meio do campo, um lavrador robusto e corado, camisa aberta ao peito, calcava a rabiça do arado, puxado por possantes bois, o qual ia rasgando o sólo num sulco avermelhado e recto.

Trabalhava em silencio, lentamente, sem esforços inuteis.

A junta de bois não se apressava mais do que elle; mas, devido á continuidade de um trabalho sem distracção e da economia de forças bem poupadas, o campo ia-se retalhando em todos os sentidos, emquanto um filhinho delle, uma criança de nove annos, com a enorme grade, puxada a duas juntas, vinha espalhando os torrões vermelhos que ficavam bordando os sulcos.

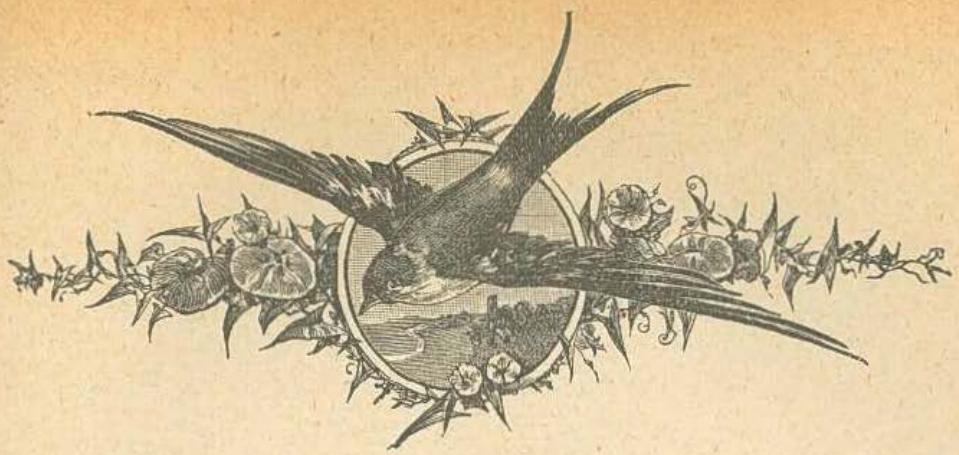
— Eis alli o homem mais feliz, meus filhos, disse o tio José, commovido.... Não tem vaidades, não tem ambições, não tem

Biblioteca Nacional de Maestros

hypocrisias. Mora em um rancho e não o troca por palacios. Formou o seu coração com as verdades que lhe ensina o sólo sagrado, onde vae buscar o seu sustento. Não estudou e é mais util do que nós: planta, colhe, e, alegremente, vae ao mercado vender o fructo do seu trabalho, de que todos nós aproveitamos. Tambem sabe ler e escrever, e nunca se esquece de mandar o filho á escola, mas o filho ha de ser lavrador como elle. Entre os homens da cidade, uns querem ser bachareis; outros medicos; outros, ainda, engenheiros. Mas o Brasil precisa mais de lavradores como aquelle que alli está; e, no dia que todos assim pensarem, a nossa patria será a nação mais forte, porque os seus filhos todos serão robustos, e a mais rica do mundo.

Aquelle obscuro lavrador, debruçado alli sobre o seu instrumento de trabalho, é mais patriota do que cada um de nós, porque, assegurando a abundancia dos nossos lares, contribue para a riqueza do nosso sólo.

Biblioteca Nacional de Maestros



A amiga de Zilda

Rita, a irmã de Zuzú, era a melhor amiga de Luizinha.

Todas as vezes que o terrivel peralta vinha trazer a roupa que sua mãe lavava para a familia do Dr. Silva Ramos, a boa menina o acompanhava.

Era isso uma providencia, porque ella, sempre carinhosa, sempre ajuizada, incutia um certo respeito e uma certa veneração ao travesso rapaz, o que o impedia de fazer alguma travessura pelo caminho.

Com onze annos apenas, parecia, entretanto, uma moça pelo seu aspecto serio e reflectido, e pelos modos correctos com que se portava em toda parte.

D. Julia estimava-a muito e gostava de a aconselhar, ensinando-lhe muitas das obrigações de uma boa dona de casa.

Biblioteca Nacional de Maestros

Rita pagava-lhe a amizade e as obrigações ouvindo-a como si fôra ella sua propria mãe, e amando Luizinha como a uma irmã.

E por isso, ás vezes, fazia-se criança, mas criança ajuizada, para ser agradavel á sua amiguinha, ora levando a sua boneca Zizi para visitar Zilda, a boneca de Luizinha, ora cortando e costurando roupinhas para os dois seres de louça que pela amizade das donas, era de crêr que tambem fossem muito amigas.

Como a dona de Zilda era mais rica do que a dona de Zizi, a boneca da primeira assumia naturalmente o papel de protectora da boneca da segunda.

Assim, quando Luizinha queria dar um vestido á boneca de Rita, pegava em Zilda e punha-a sobre uma cadeira, dizendo-lhe:

— Ouve, minha filha, tua amiga está com seu vestidinho roto; não deves consentir que uma tua protegida, uma tua amiga, ande assim esfarrapada. Todo o mundo o repararia, e isso ficaria feio para ti, não é verdade? E' preciso, pois, dar-lhe um dos teus vestidos novos, porque ella é pobre e não póde comprar outro. Si quizeres, eu mandarei aquelle azul, com rendas brancas.

Biblioteca Nacional de Maestros

E como Zilda não respondia, olhando-a com os olhos azues muito abertos, Luiza concluia por ella:

— Uma vez que te calas, é porque consentes.

E dava o vestido indicado.

Mas se Zilda dava a Zizi, vestidos novos e lindos enfeites, em compensação, Zizi, retribuindo a gentileza, presenteava-a com bellas peças de roupa branca, muito limpas e muito perfumadas.

Luizinha gostava disso immensamente, porque não se esquecia nunca das palavras que ouvira tanta vez da bocca de sua mãe:

— A roupa branca deve merecer mais cuidado do que a roupa de côr. Eu de mim, não me envergonho de andar com um vestido velho, uma vez que seja limpo; mas não posso absolutamente supportar uma camisa rôta ou uma saia desfiada.

Ritinha era perita na costura. Seu trabalho, neste mistér, era de um grande auxilio á sua mãe. Mas preferia fazer obras de maior vulto do que remendar ou pregar botões nas roupas dos freguezes.

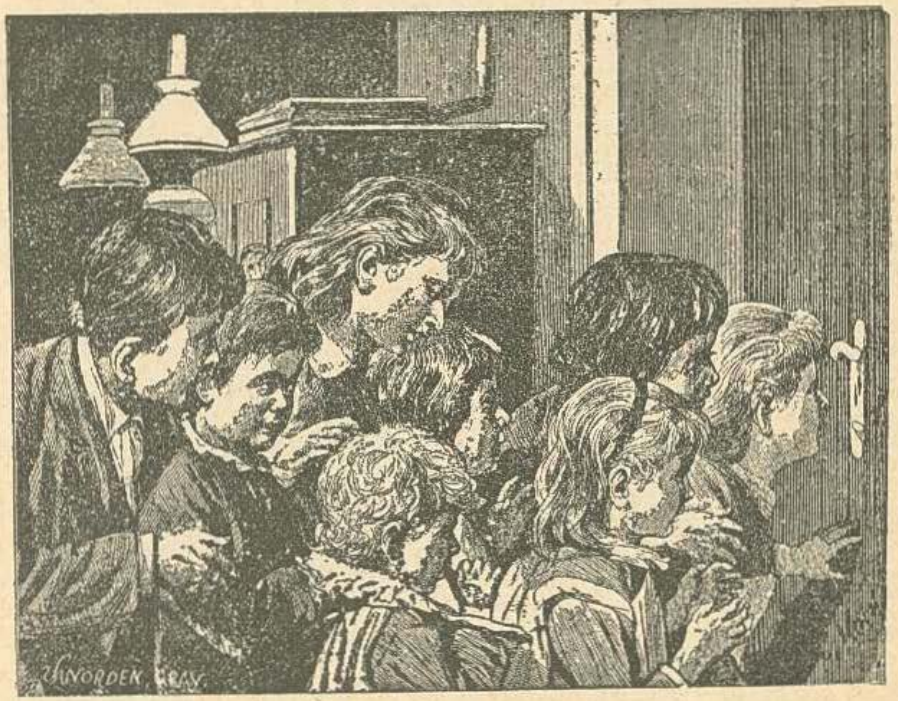
Falou disso uma vez á sua mãe, e esta para ser-lhe agradavel, tomou de uma loja de

Biblioteca Nacional de Maestros

roupas feitas o encargo de costurar camisas de chita e calças grosseiras de algodão.

E não se arrependeu, porque Rita a ajudou a fazel-as e tão perfeitas, que o dono da loja augmentou as encommendas, entrando assim naquella laboriosa casa de pobres maïs um pouco de conforto e de abastança.

Quadro para exercicios de imaginação



CURIOSIDADE

Biblioteca Nacional de Maestros

O baptisado

(Jenny Maya)

Depois da tempestade sempre vem a bonança.

Na vespera, Luizinha quasi ficára doente, mas desta vez de verdade, ao ver o endiabrado Tupy rasgando nos dentes a sua formosa Zilda, que elle encontrára não se sabe onde e reduzira a um estado deploravel.

Zangou-se, quiz matar o Tupy, mas quando Paulo, para consolal-a, deu um ponta-pé no cãosinho, ao ouvir-lhe o ganido doloroso, contra o irmão é que se voltou a sua indignação. Poz-se a chorar e impensadamente chamou-lhe—bruto!

Mas a boneca foi restaurada cuidadosamente por D. Julia, e posta em seu pequenino berço de vime.

— Pobre Zilda! exclamava agora Luizinha, contemplando-a amorosamente...

De repente acudiu-lhe uma lembrança.

Biblioteca Nacional de Maestros

— E si Tupy a espatifasse outra vez, de modo a não poder mais ser concertada? Morreria pagã a Zilda? Não! Cruzes! Era precizo baptisal-a, e o mais cedo possivel... no dia seguinte mesmo, que era domingo. E firme nesta resolução, chamou Margarida.

— Olha, Margarida, vae á casa de Rita, e dize-lhe que amanhã baptizo a Zilda ás 10 horas da manhã. Ella que venha e traga o Zuzú para servir de padre... ouviu?

II

Estamos no Domingo.

Luizinha não dormiu muito bem, architectando, durante quasi toda a noite, as minucias da festa.

Levantou-se muito cedo; poz o Paulo e o Donato p'ra fóra da cama, e pediu-lhes que fossem preparar a pia para a ceremonia do baptismo, e a sala para a festa.

A sala e a egreja ficaram promptas em meia hora e occuparam um só compartimento: o bosque de laranjeiras, marchetado de pontos vermelhos pelos fructos que emergiam abundantes da densa folhagem verde-escura.

Biblioteca Nacional de Maestros

Lá puzeram uma mesinha e um pilão, ambos enfeitados de papeis de côres. O pilão era a pia.

Entrecruzando-se no ar, e agitados pelo vento da manhã, viam-se cordões de galhardetes suspensos dos troncos das arvores.

A's nove e meia chegaram a Rita, que seria a madrinha; e o padre — o Zuzú.

O pádre em dois minutos paramentou-se. Serviu de batina um vestido preto de D. Julia, atado por sob as axillas; e de sobrepeliz, uma saia rendada de Luizinha.

A estola foi feita de um pedaço do *Jornal do Commercio*, e, o barrete, de uma folha de papel pardo de embrulhar assucar.

Estava tudo prompto. Procedem ao baptisado.

Margarida, madrinha *apresentadeira*, tem nos braços uma toalha rendada, sobre a qual está a Zilda meio *concertada*, com o narizinho refeito á cera branca, a cabelleira loura e crespa repregada com gomma arabica!

Victor, tio José e Rita — os padrinhos — vestem a roupa domingueira, e a um lado a mesa de doces, bem sortida, espera os convidados para depois da ceremonia. Gomos de laranja mexeriqueira em pratos de folhas de

Biblioteca Nacional de Maestros

mamono; amoras rôxas, fingindo de cachos de uvas; pedaços de biscoutos e de rapadura em salvas de prata, representadas por tampas de lata de manteiga — eis o que enfeita a mesa, provocando agua na bocca da criançada.

O pilão da *passoca* supporta uma bacia de rosto cheia de agua perfumada com agua-de-colonia; e dous vidros vasios de pilulas anti-dyspepticas, com as respectivas rolhas varadas por palitos, encerram os imaginarios Santos-Oleos.

Grave, séria, compenetrada da sua missão, uma negrinha, bem retinta, da visinhança, toalha rendada ao hombro, segura sobre um prato o classico copo d'agua, em que o padre deverá lavar as mãos.

E no chão, a atravessar as pernas dos presentes, o Tupy, sem remorsos nem máguas.

Começa a ceremonia. Todos ficam em silencio.

Circumspecto, amavel, o reverendissimo Zuzú pergunta:

— Como se chama a neophyta?

Este termo fôra tio José quem ensinára ao sacerdote.

— Zilda — responde Luizinha, meio impressionada com a gravidade do sacerdote

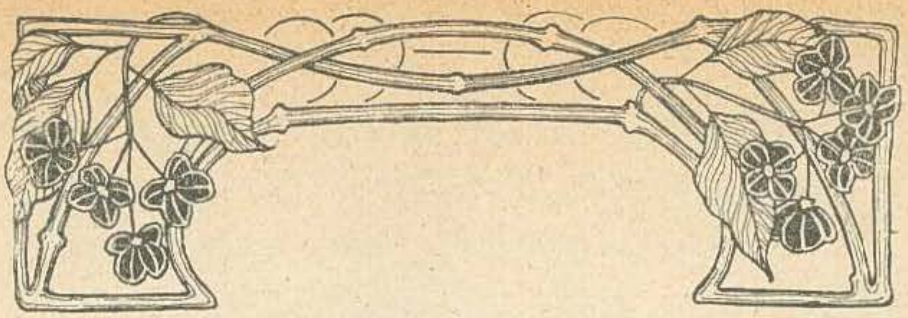
Biblioteca Nacional de Maestros

Depois de haver collocado a boneca em posição conveniente, isto é, de bruços, nos braços do Victor, Zuzú encheu na bacia a *cuia* da farinha, que fazia as vezes de concha, e despejou-a inteirinha, de uma certa altura, na cabeça da baptizanda, dizendo:

— Zilda! *Ego te baptiso...*

Deveria ter dito: Ego te mato! Porque sob a acção da agua, o nariz cahiu, a cara de cera rachou, e lá se foi de novo a cabelleira mal pregada, ficando completamente calva a pobre Zilda, debaixo das risadas de todos e das lagrimas da Luizinha, que entretanto, pouco depois ficava consolada e tomava alegremente parte no banquete, porque tio José prometteu dar-lhe uma outra boneca muito mais bonita.

Biblioteca Nacional de Maestros



Nuvens tempestuosas

I

Quem observasse com attenção o que naquelle dia se passava no pateo do recreio, antes de começar as aulas, notaria qualquer cousa de anormal no proceder da criançada.

Em vez das conversas francas e leaes; do riso alegre e communicativo; do borborinho habitual, viam-se os meninos a conversar uns com os outros em voz baixa, formando grupos, e alguns, talvez os mais indisciplinados, percorrerem os pontos de palestra, e pararem a escutar o que nelles se dizia.

O recreio estava silencioso e triste. Quando algum dos professores passava por perto de um grupo, os que o formavam ou emmudeciam immediatamente, ou mudavam de conversa, ou se afastavam disfarçadamente para logo depois se ajuntar de novo.

Biblioteca Nacional de Maestros

Apezar, porém, de falarem em voz baixa, percebia-se, pela gesticulação energica, que o assumpto de que tratavam era de certa gravidade.

Um ou outro mostrava cautelosamente, levantando a aba do paletot, qualquer cousa que trazia á cinta ou na algibeira do collete. Os grupos então se apertavam mais, olhando os mais timoratos para os lados, receiosamente.

O porteiro da escola, que andava pelo pateo, extranhando aquelles modos dos meninos, prestou sentido ao que elles diziam mas sem dar nenhuma demonstração.

Logo depois soava a sineta e todos entravam para as classes.

No recreio do meio-dia, porém, reproduziram-se as mesmas scenas da manhã.

O director appareceu no topo da escada seguido de um professor, e alli ficaram a conversar longo tempo, fingindo-se despreoccupados, mas, na realidade, observando o que faziam os meninos.

Terminado o recreio, o porteiro, com uma lista escripta pelo proprio director, foi de classe em classe convidar os alumnos, cujos nomes ia lendo, a que fossem ao gabinete da directoria.

Biblioteca Nacional de Maestros

Eram uns vinte.

O director ainda não se achava alli.

— Estamos pegados! dizia um.

— O Angelo é que foi o culpado!

— E', agora carreguem toda a culpa sobre minhas costas!

— E foi mesmo. Si não os tivesses provocado, não haveria nada.

— Não fui eu, foram elles que me provocaram primeiro, sabe?

— Eu queria mas é saber quem foi contar!

— Tambem parece que o director adivinha tudo! Não esqueceu nenhum!

— Sabem o que eu penso? Que foi o professor Moura quem contou; elle tem um sobrinho na outra escola...

A porta do gabinete abriu-se e entrou o director.

Todos abaixaram a cabeça.

II

O director sentou-se á escrivaninha e, fitando nos alumnos o seu olhar penetrante, pronunciou vagarosamente estas palavras:

Biblioteca Nacional de Maestros

— Disseram-me que vocês estavam preparando um ataque contra os alumnos da escola da rua da Liberdade. Não sei, nem quero saber o que produziu essa desavença; mas qualquer que seja o motivo, eu o desapprovo e os aconselho a todos para que deixem dessas cousas! Os alumnos de todas as escolas da cidade, de todas as cidades do Estado, de todos os Estados do Brasil, trabalham para um mesmo fim, grande e santo, que é o de se tornarem bons brasileiros, capazes de dar á nossa patria aquillo de que ella mais precisa — o trabalho honesto e intelligente.

Vocês todos são brasileiros, quer sejam desta ou de outra escola, desta ou de outra cidade, deste ou de outro Estado e, por isso antes de tudo, devem amar-se como irmãos.

Devem luctar, não com a força bruta, mas com a força da intelligencia e com a força do coração.

Bem sei que vocês são ainda muito crianças para comprehender todo o alcance d'isto, mas desde já devem ir-se habituando a trabalhar pela paz e pelo amor, tendo sempre em mira o futuro do nosso bello Brasil.

Biblioteca Nacional de Maestros

Não castigarei a ninguem.

Eu quero dar o exemplo do modo como se perdoam offensas, porque vocês offenderam esta escola, sujeitando-a a um feio descredito, si se realisasse o seu intento. Mas como disse, não castigarei ninguem. Desejo apenas que me entreguem as *armas* com que se estavam preparando para brigar...que palavra horrivel!... com os seus irmãos da outra escola. Quero que vocês luctem, sim, mas como já disse, com outras armas differentes das do odio e do rancor.

Depois de amanhã iremos todos á escola da rua da Liberdade, afim de saudar os seus professores e alumnos. Arranjem, pois, flôres, muitas flôres, para atirar sobre os collegas de lá.

Agora vão para suas classes, mas, antes, deixem sobre a minha mesa as armas destinadas á lucta.

Os alumnos que esperavam um castigo forte, ficaram conhecendo mais uma vez a grandeza d'alma daquelle velho professor cujas severas palavras não empanavam todavia a amizade que dedicava ás crianças.

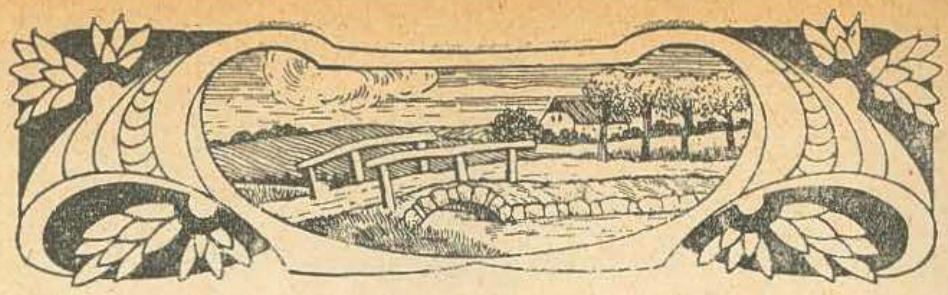
Quando os alumnos acabaram de sahir o director verificou que suas armas constavam

Biblioteca Nacional de Maestros

de quatro côtos de cacetes, dous canivetes de folhas quebradas; pregos grandes; pedaços de arco de barril; uma lima sem cabo; uma folha de tesoura; facas de pau; e, finalmente, um garfo enferrujado.

E entretanto, pensou o director de si para comsigo, estas ridiculas armas poderiam produzir tanto mal!

Biblioteca Nacional de Maestros



A festa da fraternidade

Sabbado! Abençoado sabbado aquelle em que as crianças, ha poucos dias ainda formando planos de luctas e brigas, se iam reunir sob o mesmo tecto, cheias de riso, flôres e alegria, para solennisar a festa do coração, a festa da fraternidade.

Desde cedo, viam-se chegar pelas ruas que conduziam á escola, meninos e meninas garridamente trajados, aquelles com as suas roupinhas domingueiras, e estas de vestidos brancos, trazendo todos a alegria nas faces, e flôres, muitas flôres nas mãos.

A's dez horas já estavam formados para partir. Esperava-se só a ordem do director, que ainda não tinha sahido do gabinete, e a quem preparavam uma surpreza...

O sr. Peixoto, na ante-vespera, fizera notar aos seus alumnos toda a belleza da attitude do director naquelle incidente da briga, em que

Biblioteca Nacional de Maestros

se iam atirar a uma aventura de perigosas consequencias; e, quando se compenetraram de que as suas palavras foram generosas e justas, a sua acção nobre e bôa, sopitaram a sua irreflexão e transformaram em sympathia a rivalidade que lhes enfeiára por instantes o coração. Agora, cada qual, com o mesmo afan com que dias antes procurava armas, se munia de flôres, immersa a alma na mais sincera alegria. A gratidão por aquelle que os desviára da má trilha por onde iam enveredar, se debuxára, crescera e se lhes enraizára fundamente n'alma.

Queriam manifestal-a a elle de um modo ou de outro. Pediram então ao sr. Peixoto que os aconselhasse.

Este prometteu-lhes uma saudação em versos. Isto suggeriu-lhes a lembrança de offertarem ao seu bom director uma bella cesta de flôres, que effectivamente compraram, sendo Donato o incumbido de lh'a entregar.

E alli estavam agora formados, á sua espera, para levar a effeito a bella surpreza.

Instantes depois elle appareceu, ordenando que se puzessem a caminho; mas Donato, dando um passo ao seu encontro, offereceu-lhe a cesta de flôres, dizendo:

Biblioteca Nacional de Maestros

Flôres

Flôres que, na frescura da corolla,
guardaes subtil aroma e bellas côres;
flôres, mimosas flôres,
dizei o sentimento
que destas almas candidas se evola
aqui, neste momento,
ao contemplar em festas toda a escola!

Dizei que neste ninho de esperanças,
neste formoso templo,
as maximas mais puras
não podem egualar ao vivo exemplo
que, dia a dia,
aos olhos nossos fúlgido irradia.

Dizei que um coração palpita em nossos peitos,
um coração que sabe, agradecido,
repleto de respeitos,
corresponder a quem tem conseguido,
por uma vida inteira
de luctas, de labores,
demonstrar que comprehende a verdadeira,
a sagrada missão dos professores.

O director recebeu a cesta, abraçando-o commovido, ao som de palmas e vivas enthusiasticos.

Biblioteca Nacional de Maestros

II

Depois de mais uma pequena demora, começou a mover-se o alegre prestito.

A' frente ia o batalhão infantil, com o pavilhão auri-verde desfraldado ao vento; em seguida os alumnos e alumnas em duas filas, ladeados por professores e professoras; e, finalmente, o estandarte da escola, carregado pelas alumnas do quinto anno.

Pelas ruas onde passava a bandeira nacional, as senhoras apinhavam-se ás janellas e os homens tiravam respeitosamente o chapéu.

Ao surgir o préstito na rua da Liberdade, onde estava situada a outra escola, ouviu-se um toque de corneta. Era um alumno de lá que, postado á esquina do edificio, annunciava a approximação dos visitantes.

Immediatamente outro préstito semelhante ao primeiro, sahiu vagarosamente pelo portão e estendeu-se em duas longas alas.

Uma banda de musica, collocada dentro do jardim, rompeu uma marcha enthusiastica.

De toda a cidade havia affluido o povo, formando alli uma consideravel massa. E, ao comtemplar aquelle bellissimo espectaculo, prorompeu em palmas estrepitosas.

Biblioteca Nacional de Maestros

Ao entrar o préstito pelo meio das duas filas, só se viam flôres aos punhados voando por sobre as cabeças das crianças confraternisadas. Os meninos, então em um verdadeiro delirio, agitavam no ar os seus chapéus e bonets, emquanto os estandartes e as bandeiras dos batalhões infantis se abraçavam e se cruzavam em continencia militar, debaixo das mais ruidosas acclamações.

A banda de musica tocou os primeiros compassos do Hymno Nacional. Nesse instante, a bella bandeira auri-verde, hasteada na sacada da escola, veiu descendo vagarosamente, e envolveu nas suas amplas dobras, como si fôra uma mãe cingindo ao peito dois filhos estremecidos, os estandartes das duas escolas, despertando em todos os corações uma alegria indescriptivel.

A' entrada, modificou-se a disposição dos préstitos: cada alumno de uma escola seguia ao lado de cada alumno da outra. Os batalhões escolares, porém, obedecendo ás praxes militares, seguiram, um apoz outro na mesma ordem em que estavam antes.

Em seguida, fechando o préstito das crianças, entrou a enorme massa de povo, desordenada, curiosa, invadindo o edificio todo.

Biblioteca Nacional de Maestros

III

O grande salão da escola estava repleto. Abafava-se de calor. A festa, a vista disso, não podia ser muito prolongada.

Os alumnos visitantes entoaram em coro unisono o hymno « Deus te salve Brasil. » Em seguida, D. Henriqueta, levantando Luizinha, collocou-a sobre uma cadeira. Era ella a oradora.

Alçando então com uma das mãosinhas um ramalhete de flôres, com a outra fez uma mesura, e começou assim o seu discurso em prosa rimada:

« Muito mal Luiza faz, em vir falar-vos nesta hora, pois devêra estar agora, em casa gozando a paz! Pois não acham? Mas, ha dias, sae-se o director com esta: - Meninas vamos ter festa, com discursos e poesias, na escola da Liberdade. A festa é no dia sete, e, ao que parece, promette alegrar toda a cidade. Por isso ensaiem uns hymnos, arranjem fitas e flôres para dar aos professores, ao director e aos meninos!

Que reboliço isto fez, entre as collegas na sala! Noutra cousa não se fala, desde o principio do mez!

Biblioteca Nacional de Maestros

Mas a alegria em que fico, começou por ogeriza, quando a colleguinha Eliza disse, em voz de tico-tico, e um ar de riso na face:

— Eu voto que, nesse dia, faça o discurso a Maria, ou a Luiza pela classe!

— Quanto quer por suas graças? retruquei *encalistrada*... Pensam que eu sou deputada? Pois nunca falei ás *massas!*

O director, não obstante, as razões não attendeu, e alli mesmo me elegeu da escola a representante.

Ora, eu que nisto sou leiga, preferia, com franqueza! em casa ficar á mesa, na paz do pão com manteiga.

Quando isso esperava? Quando?... Comtudo, é bom declarar que não receio falar, e a prova é que estou falando!

Mas acho uma cousa extranha, um facto tão exquisito, pôr, num peito pequenito, uma alegria tamanha! E mesmo merece historica referencia esta lembrança: mandar-se que uma criança colha flôres de rethorica!

Quasi morri de cançada em busca das ditas flôres!... Imaginem só os senhores que formidavel massada! Procurei pela campina, procurei pelas florestas... Todos diziam: Menina, nós aqui só temos destas!

Biblioteca Nacional de Maestros

Pois que ninguem me sabia dar qualquer noticia dellas, pensei que o melhor seria trazer-vos flôres singelas.

São estas! Murcham? Que importa? si mal nenhum nisto vae! Têm a candura que exhorta, têm a belleza que attrae.

Flôres, agora attenção! Que o vosso aroma suave, faça o papel de uma chave e abra a porta ao meu pulmão! Avante! lindas flôrinhas, dae-me inspiração ardente, para radiosa e contente, saúdar meus colleguinhas.

Mas, continuar como acima, é cousa difficultosa; por isso, abandono a rima, p'ra gritar agora em prosa:

— Viva a escola da Liberdade!

— Vivam os professores!

— Viva o Sr. Director!

— Viva a fraternidade escolar!»

Um viva geral correspondeu ás ultimas palavras, emquanto a oradora entregava o ramalhete ao director.

Nesse momento, do meio da multidão de alumnos, um pequenito, enthusiasmado, levantando os bracinhos para o ar, gritou ainda, risonho e commovido:

— Viva a collega D. Luizinha!

O povo riu-se, mas commovido.

Biblioteca Nacional de Maestros

Era de mais o calor; por isso o director, agradecendo em breves palavras, mostrou mais uma vez a bella significação moral, daquella festa. Cantou-se o «Hymno á Paz», e as crianças passaram todas para os pateos de recreio, onde a festa continuou ao ar livre. Cada qual procurava um meio de ser agradavel ao outro. Seria impossivel, para quem não o soubesse, advinhar que todo aquelle encanto nascera de uma futil rivalidade de escolas.

E' que os bons sentimentos vicejam com muita facilidade no coração das crianças.

Biblioteca Nacional de Maestros

Hymno á Paz

Das guerras na nossa historia
Encontro dias de gloria,
De uma gloria sem rival.
O soldado brasileiro
Demonstrou ao mundo inteiro
Que é bravo, forte e leal.

Mas a lembrança da guerra
Com todo o horror que ella encerra,
A mim não me satisfaz.
Prefiro prestar meus cultos
Aos inolvidaveis vultos
Das conquistas pela paz.

Quaes sementeiras de odios,
Ha nas guerras episodios
Bellos, sim, mas tão brutaes,
Que o patriota deseja
Que tal ardor na peleja
Não se repita jámais!

E' na paz que se trabalha!
Dos combates sem metralha
As glorias nunca têm fel!
Levantemos monumentos
Aos guerreiros incruentos
Da enxada, pena e cinzel.

Biblioteca Nacional de Maestros

UM 12

A R. Puiggari

O pobre operario andava desempregado.

Uma *gréve* estupida, uma *parede* determinada por motivo futil, fizera-lhe perder o logar de contramestre que occupava na fabrica de chapéus.

Elle bem se oppoz ao movimento, aconselhou particularmente seus companheiros, procurando acalmar os animos, mas não obstante a auctoridade que lhe davam o emprego e os annos, tudo foi baldado.

Então o contramestre, sempre generoso e bom, para evitar excessos e mostrar solidariedade com seus companheiros de officina, tambem se metteu na *gréve,* embora a contra-gosto, forçado pelas circumstancias, e tornou-se um dos cabeças.

O resultado foi ser despedido da fabrica, emquanto os outros voltaram ao trabalho, mediante concessões illusorias.

Sem encontrar trabalho, e com uma familia não pequena, o pobre homem

Biblioteca Nacional de Maestros

foi gastando suas parcas economias, que mal chegariam para alguns mezes.

Entretanto, não descurava da educação do filho, que estava matriculado no Grupo Escolar.

A mãe vestia-o como podia, desmanchando roupas velhas, de modo que o menino comparecia á escola muito pobremente vestido, mas sempre muito limpinho.

Magrinho e pallido, que fazia dó, era muito applicado ao estudo e muito estimado pelos collegas, graças á sua meiguice e ingenuidade.

Um dia o pobre menino não levou seu lanche habitual, e via com olhos comprimidos, no recreio, seus companheiros devorarem avidamente bellas maçãs vermelhas ou *sandwiches* de presunto ou de queijo.

No dia seguinte, deu-se a mesma cousa, o que chamou a attenção dos bondosos collegas.

—Então, Joaquim, você não trouxe merenda hoje?

E o menino, corando um pouco, abanou tristemente a cabeça.

Um, deu-lhe a metade de sua maçã; outro, um pedaço de queijo; outro, um doce.....

Biblioteca Nacional de Maestros

Mais animado pela espontanea generosidade de seus bons amiguinhos, Joaquim contou ingenuamente o que se passava em casa:

— Que o pae estava sem trabalho, que a miseria lá tinha entrado pela porta a dentro, que só comia uma vez por dia, e que muitas vezes, iam dormir mais cedo, para illudir a fome.....

Alguns meninos enchugaram lagrimas silenciosas.

No outro dia, Paulo pediu á mãe que, na sua lata do lanche, lhe puzesse ração dobrada.

— Que é isso, menino, estás tão glutão assim?!

— Não, mamãe, é cá uma coisa...

A boa senhora não interrogou mais, e satisfez a vontade do menino.

Outros tiveram a mesma generosa idéa, de modo que o pequeno Joaquim se viu na escola assaltado por numerosos collegas, que vinham trazer-lhe, qual uma fructa, qual um pão, qual um pedaço de assado, qual um doce ou um nickel.....

E assim foi todos os dias, e o menino, ao voltar á casa, levava sempre alguma coisa com que pudesse entreter o estomago das pessoas da familia, de

Biblioteca Nacional de Maestros

modo a permittir que se *deitassem mais tarde.*

Afinal o pae de Joaquim encontrou collocação em outra fabrica, e, sabedor da generosidade daquellas crianças, foi ao Grupo á hora do recreio e, com licença do director, com lagrimas nos olhos, deu publico testemunho de sua gratidão aos seus pequeninos bemfeitores, e retirou-se depois de abraçar um por um a todos os alumnos da classe.

Dahi a pouco, apresentou-se na aula o director e falou commovido:

— Meus filhos, não sei que notas alcançareis no fim do anno, porque não sei qual será, no correr delle, o grau de vossa applicação e de vosso aproveitamento; mas, o que é certo é que não haverá *zero* nem notas baixas que possam annullar o DOZE, que Deus registou no seu livro, pela generosa acção praticada por vós para com o Joaquim.

Deus vos abençôe!

Jenny Maya.

Biblioteca Nacional de Maestros

Impertinencias de velho

Como caseiro da chacara do capitão José, era o sargento quem dirigia os criados, fiscalisava os serviços, e determinava as necessarias compras.

Não obstante a sua habitual alegria, havia momentos em que estava de uma engraçada impertinencia.

Isso se dá, aliás, com todos os velhos, e é preciso desculpal-os e soffrel-os em taes momentos com toda a paciencia.

A edade, os desenganos, os soffrimentos, formam-lhes lá dentro do coração certas tempestades, que nem sempre elles têm força para conter, e as descarregam ora sobre este, ora sobre aquelle.

No dia de que se trata, era sobre o criado Jeronymo, ou Jerômo, como lhe chamavam por abreviatura, que estava armada a borrasca.

Biblioteca Nacional de Maestros

O Sargento, de volta do mercado, tinha encontrado fechada a porta da rua. Batera uma vez; batera outra vez... Assim que o Jerômo abriu a porta, começaram a fuzilar os relampagos...

— Oh! com mil canhões! Fazes-me bater á porta quasi duas horas seguidas!

— Eu estava no fundo do jardim; mas, logo ás primeiras pancadas, vim correndo tão depressa que até cahi no caminho!

— E' pena que não quebrasses as costellas, moleirão! Porque não deixas a porta aberta?

— Mas foi o senhor mesmo quem ainda hontem me recommendou que a conservasse sempre fechada. Eu fico sem saber o que fazer. Si a deixo aberta, o senhor ralha; si fica fechada, tambem ralha!...

— Não sabes o que has de fazer? Deixa estar que eu te ensino!

— Então faça favor de me dizer como quer que a deixe de ora em diante. Quer que deixe aberta?

— Não.

— Quer que a conserve sempre fechada?

— Não, não, não!

— Mas, senhor...

Biblioteca Nacional de Maestros

— Não, não, não, já disse: nem aberta, nem fechada!

— Mas...

— Querem vêr que te permittes a liberdade de fazer perguntas a toda hora? Cala-te... nem pio...

— Eu quero cumprir ordens, senhor; e desejava saber como preferia, porque uma porta só póde estar em um destes dous geitos: ou fechada ou aberta...

— Pois eu já te não tenho dito tantas vezes! Eu a quero... eu a... mas não é que este maroto está a me fazer perguntas! Ah! si te pego, patife, eu te direi como a quero! exclamou o Sargento, batendo colerico com a muleta no chão.

— Desculpe-me, sr. Benedicto, eu julgava que...

— Julgava! Julgava! Fique o senhor sabendo que essa palavra *julgava* - não é digna de um homem sensato! Já varreste a escada?

— Já, sim senhor, de alto a baixo.

— E o pateo?

— Si o senhor lá encontrar um cisquinho, póde deixar de me pagar o ordenado deste mez.

— Déste agua aos animaes?

Biblioteca Nacional de Maestros

— Sim, senhor; não ha meia hora que os levei ao rio. Póde perguntar aos visinhos que me viram passar.

— Déste-lhes capim?

— Guilherme estava presente, e poderá attestal-o.

— Mas não levaste as garrafas vasias onde mandei!

— Levei-as, sim senhor; e a prova é que as trouxe cheias de vinho e as puz na adega.

— E as cartas do capitão, foram para o correio, hein?

— Pois não haviam de ir? O troco do dinheiro para os sellos está sobre a sua mesa.

— Por diversas vezes já te prohibi tocares violão aqui em casa; entretanto esta manhã ouvi...

— Não é possivel, sr. Sargento! O senhor não se recorda que ha mais de oito dias o reduziu com a sua muleta a um montão de ruinas?

— E estás muito sentido disso, hein?

— Eu? Não, senhor.

— Pois julguei! E a lenha que se comprou hoje? Aposto que anda por ahi espalhada;

Biblioteca Nacional de Maestros

— Não, senhor; está bem empilhadinha na cosinha. Depois disso, ainda ajudei o cozinheiro a carregar agua, a varrer as ruas do jardim, a serrar quatro taboas para uma prateleira, e ia começar a serrar a quinta, quando o senhor bateu...

O Sargento, não achando motivo para reprehender o creado, afastou-se, e, ao subir a escada, ia pensando:

— Não; é preciso despedir este maroto! Nunca creado algum me fez desesperar como este; e numa destas raivas é capaz de me matar de uma molestia do coração. Hei de pôl-o na rua!

Meia hora depois, sentado serenamente em sua rêde, a chupar o inseparavel cachimbo do Paraguay, nem mais se lembrava do creado, nem de molestias do coração.

Biblioteca Nacional de Maestros

O protector (*)

(FABULA)

Liberta-me, dizia uma roseira
A' sua jardineira,
Deste incommodo encosto sem belleza;
Não preciso mais d'elle: estou crescida.

— Si eu o colloquei, minha querida,
Foi só para amparar tua fraqueza!

— Amparar? Não preciso mais de amparo,
Não ha necessidade;
Vê como sósinha, erecta, paro;
Sou grande e forte: quero a liberdade.

Ouviu a jardineira este pedido,
E libertou a flôr
Do galho resequido
Que lhe fôra, em pequena, protector.

Mas veio um pé de vento
E a pobre foi ao chão.

E' sempre assim: é rapido o escarmento
De dispensar a justa protecção.

(*) Traduzido de RATISBONNE.

Biblioteca Nacional de Maestros

Em viagem

O trem apitou, annunciando a partida.

A locomotiva, dando então um arranco, que se transmittiu de vagão a vagão, começou a arrastar vagarosamente a immensa cauda de carros.

Dentro em pouco, deixando atraz de si o borborinho da estação e da cidade, resfolegando como um animal monstruoso, e esguichando agua guente para um e outro lado da estrada, o comboio tomava a sua marcha normal e rompia por entre campinas e florestas, atirando para o ar baforadas de fumo, que ficavam por alguns instantes ennoveladas no ar, como a marcar o itinerario percorrido...

Em um vagão de primeira classe achavam-se o Dr. Silva Ramos, Victor, Paulo e Donato.

Victor ia em caminho de um dos seus mais bellos sonhos: viajar...

Biblioteca Nacional de Maestros

Completára o curso gymnasial, e antes de escolher a profissão a que se deveria dedicar, seu pae, satisfeito com o esforço que elle revelára, como uma justissima recompensa, consentira em satisfazer-lhe o grande, o tão sonhado desejo!

Mas para onde iria Victor?

Esse foi um assumpto de longa discussão na familia. Iria á Europa ou viajaria sómente pelo Brasil?

O Dr. Silva Ramos era de parecer que elle fosse visitar o velho mundo; que percorresse as grandes cidades européas—Lisbôa, Madrid, Paris, Roma, Vienna, Londres, Hamburgo, etc.; que se demorasse algum tempo na bella Suissa, estudando, emfim, os grandes centros da civilisação. Tio José e D. Julia tambem opinavam por esse roteiro.

O Sargento, sempre teimoso em questões de patriotismo, discordava de todos.

— Olhem, na minha fraca opinião, o que o rapaz deve fazer é percorrer este immenso Brasil, e conhecer tudo o que de bello e grandioso nelle se amontôa! Que vá vêr a cachoeira de Paulo Affonso, a grandiosa bocca do Amazonas, a pittoresca entrada da Victoria, as arvores gigantescas das nossas

Biblioteca Nacional de Maestros

florestas, os rios que parecem mares... E era um nunca acabar na numeração das maravilhas do Brasil!.

Victor era do mesmo parecer.

E, por uma circumstancia puramente casual, foi justamente este projecto que ficou vencedor, apezar de uma ligeira modificação: Victor tinha o olhar sempre voltado para o norte; a viagem ia ser dirigida para o sul.

E a razão fôra que um cliente do Dr. Silva Ramos, negociante abastado, estivera com um filho ás portas da morte, da qual o arrancára a tenaz dedicação do pae de Victor.

Tendo elle de fazer agora uma viagem ao sul, embora estivesse o filho em franca convalescença, repugnava-lhe deixal-o. Leval-o comsigo para longe, tambem seria difficil, pois, tendo de entregar-se a negocios nos portos em que tocasse, doia-lhe abandonal-o sósinho, nos tristes quartos dos hoteis, aos cuidados dos extranhos.

Estava nesta indecisão, quando soube dos projectos de Victor. Pediu então ao Dr. Silva Ramos que lhe confiasse o filho. Faria companhia ao convalescente, de quem Victor se tornára amigo, e habituar-se-ia á

Biblioteca Nacional de Maestros

vida de bordo, para mais tarde levar avante o projecto de visitar o velho mundo. O Dr. Silva Ramos acquiesceu, satisfeito.

E agora lá iam, naquelle vagão de primeira classe, ao Rio de Janeiro, onde Victor deveria juntar-se aos seus companheiros de viagem, a bordo de um dos vapores nacionaes de transito para o sul.

II

O trem continuava a sua marcha accelerada, colleando, como uma serpente, pelas encostas das montanhas e pelas campinas verdejantes.

As crianças não sahiam um instante das janellinhas do vagão, empolgadas pelas bellas paizagens que se succediam.

Agora em uma fazenda que lhes attrahia a attenção, com seus cafezaes estendidos em linhas parallelas, a subir pela montanha acima, cobrindo-a toda de um avelludado tapete verde-escuro; depois, succediam-se fabricas, em plena actividade, vomitando, pelas suas altas e esguias chaminés, baforadas de fumo; agora, surgia um alegre cannavial, destacando-se do verde geral da paizagem pelo matriz

Biblioteca Nacional de Maestros

mais claro das suas folhas laminadas e compridas; de tempos em tempos, aos seus olhos apparecia um capoeirão de matto emmaranhado, cujo aspecto rude e tristonho, era, entretanto, amenizado pelo regato que despenhava murmurante e cheio de espuma pelas pedras abaixo.

A' tarde quando o crepusculo já se mostrava nas faixas escarlates, desenhadas no azul do horizonte, espalhando um tom de suggestiva melancholia pela natureza, já não eram apenas as crianças que se debruçavam ás janellas; todos os passageiros para ellas accorreram a gosar do bellissimo espectaculo.

O comboio atravessava agora a Serra do Mar. Um apito prolongado annunciou a chegada ao primeiro tunnel.

De repente fez-se subita escuridão, e todos recolheram-se aos seus bancos, depois de abaixarem as vidraças das janellas, para impedir a entrada da fumaça.

Ouvia-se perfeitamente o arfar da possante machina e o estalido secco das rodas dos carros a atravessar as juncções dos trilhos.

Logo depois, outro tunnel; depois, mais outro, mais outro ainda, succedendo-se com pequenos intervallos de tempo.

Biblioteca Nacional de Maestros

O scenario mudava de instante a instante.

Umas vezes a paizagem era completamente agreste: mattas, pedras e correntes d'agua eram os elementos que se casavam, produzindo effeitos de uma belleza magestosa e imponente! Depois, era a impressão do abysmo que predominava; o olhar do passageiro media espantado os horriveis barathros que se cavam ao lado do leito da estrada, e dos quaes surgem, como si fossem a rama de arbustos rasteiros, as copas de colossaes palmeiras, de jequitibás e de perobeiras. Outras vezes, emfim, ao sahir do tunnel, era um vasto horizonte que se descortinava atravez de immensos campos lavrados, onde se avistavam manadas de gados a pastar, e a casaria branca das fazendas, construidas nas proximidades dos rios e ribeirões espraiados, que lhes moviam os moinhos e monjolos...

O trem, entretanto, arquejando sempre, ia a serpentear pela encosta abaixo, ora fazendo curvas apertadas, ora contornando collinas, furando pelos tunneis, atravessando pontilhões, abeirando-se de rochedos, ou ladeando corregos, que se despenhavam, fragorosos e espumejantes, em irisadas cascatas.

Biblioteca Nacional de Maestros

III

A noite cahiu de todo.

Ainda estavam longe do destino, mas aos nossos pequenos viajantes afigurava-se-lhes haverem já chegados á Capital; de um lado e de outro da estrada iam surgindo casas illuminadas.

De momento a momento o trem cruzava-se com outros repletos de passageiros.

Eram os empregados e os operarios que moravam nos suburbios e que regressavam da Capital aos seus lares.

Fileiras de luzes estendidas em grande extensão, davam a illusão de seguirem correndo em sentido opposto ao comboio, que avançava arfando sempre.

O aspecto da cidade grande accentuava-se agora, cada vez mais.

Já se avistavam os bondes a passar rapidamente, e carros e carroças em movimento; depois, casas de commercio com as portas escancaradas e confeitarias a jorrar ondas de luz....

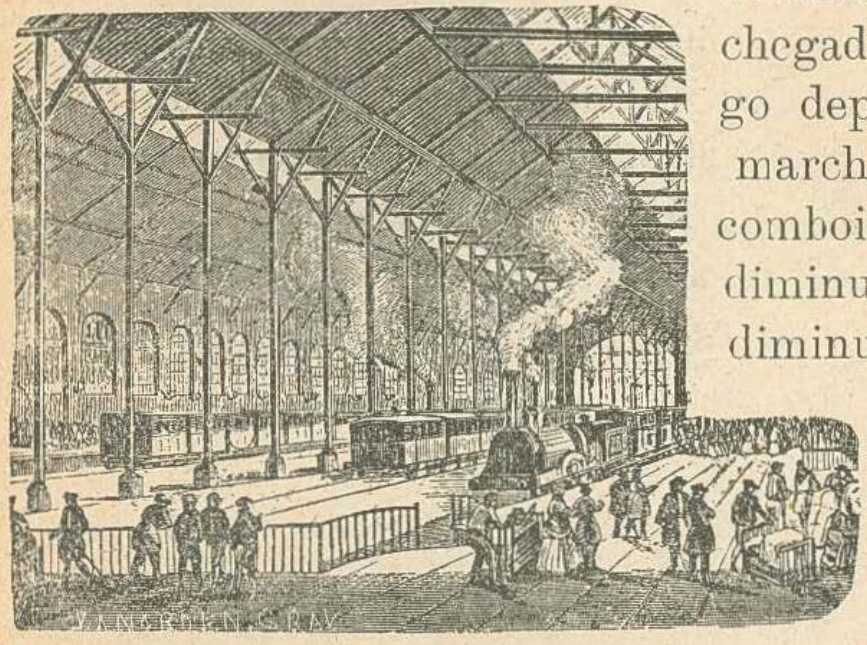
Beirando a linha, revezavam-se grandes armazens e depositos de mercadorias, interceptando a vista das ruas vizinhas.

Biblioteca Nacional de Maestros

Dentro do vagão os passageiros aprestavam-se para a chegada, sacudindo o pó das roupas e ageitando as malas de mão.

De vez em quando a machina atirava para o ar um silvo rouco e prolongado.

A sineta da machina poz-se a tocar annunciando a chegada; logo depois a marcha do comboio foi diminuindo, diminuindo até que o trem entrou na plataforma, uma plataforma vasta e longa. Empregados atarefados passavam ligeiros, empurrando carrretas vazias.



Assim que o trem parou, bufando, uma multidão confusa de carregadores, numerados, arrojou-se para as janellas dos vagões, annunciando o numero que traziam na jaqueta de brim pardo, a efferecer os seus serviços, insistentes, importunos.

Biblioteca Nacional de Maestros

Grupos de familias aguardavam alguns dos viajantes.

Abriram-se as portinholas e em pouco tempo o trem esvasiou e ficou silencioso.

Tinham chegado á Capital Federal.

Atravessaram difficilmente a immensa abobada da estação central, acotovelados e empurrados de todos os lados pela immensa multidão que alli se achava. Chegando finalmente ao vestibulo com as suas bagagens, tomaram um carro e partiram, atravez de ruas rutilantes de luz, para um hotel situado á rua do Passeio Publico, dando vista para o mar.

Biblioteca Nacional de Maestros

Scena nocturna

Depois da ceia, cada um se dirigiu para o seu quarto, e o vasto hotel entrou pouco a pouco em profundo silencio.

Victor, que occupava sósinho um dos aposentos com janellas para a rua, despiu-se e deitou-se.

Fatigado da viagem e agitado por um sem numero de recordações que lhe revoluteavam no cerebro, elle virava-se de um e outro lado da cama, luctando debalde com a insomnia rebelde.

Ia partir para terras desconhecidas, sósinho, sob a guarda de pessoas que, pelo pouco tempo que conhecia, lhe eram quasi extranhas. Pela primeira vez se afastava do seio tão calmo, tão feliz da familia! Que lhe iria acontecer nessa viagem? Seria feliz? Teria de soffrer dissabores?

Biblioteca Nacional de Maestros

Fechou os olhos. A imagem de sua mãe, porém, que lá se ficára em casa, talvez cheia de angustias pela saudade, não o abandonava um só instante, com o seu olhar sempre tão bom, tão carinhoso. Parecia-lhe vel-a claramente, nitidamente, como quando a deixára sentada á sua frente, á mesa do almoço, preenchendo solicita os seus deveres de bôa dona de casa. Absorvia-se nessa recordação, commovido, com uma enorme saudade a opprimir-lhe o coração. Afigurava-se-lhe ainda ouvir as suas ultimas palavras de despedida segredadas quasi ao ouvido á hora de o abraçar: Vae, meu filho, e que os anjos do céu te protejam!

Uma onda de ternura humedeceu-lhe os olhos, condensando-se em duas lagrimas, que lhe deslisaram silenciosas pelas faces, indo molhar o travesseiro! Agora, era a imagem de Tio José que lhe surdia com as suas cuidadas barbas brancas, sentado a um canto da sala de jantar, na rede cearense, com um jornal aberto sobre os joelhos, a fital-o demoradamente, atravez dos vidros dos seus oculos de ouro.

Depois, succediam-se outras visões: a Luizinha sobraçando a sua boneca, e risonha

Biblioteca Nacional de Maestros

e corada como um pecego maduro; o Sargento sempre alegre e brincalhão, arrimado ás suas muletas; o seu quartinho azul, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição a contemplal-o docemente, numa immensa tristeza resignada, da parede fronteira ao seu leito...

Num esforço masculo de attenção, tentou reter mais tempo na imaginação este quadro que lhe despertava tão gratas recordações do tempo de sua primeira infancia. Pouco a pouco, porém, imperceptivelmente quasi transformavam-se os traços da Santa, sumiam-se-lhe as serenas lagrimas, e um outro vulto com a physionomia de sua avósinha, sorrindo, insinuava-se na moldura envernisada, vestida com a capa azul-celeste marchetada de estrellas d'oiro... E dormiu, mas o somno fôra entremeiado de sonhos analogos.

II

Sobre a madrugada estremeceu. Chegou-lhe aos ouvidos um ruido como de alguem que estivesse a raspar com as unhas as folhas da porta...

As imagens melancholicas dos sonhos, coincidindo com aquelle arranhar na madeira,

Biblioteca Nacional de Maestros

produziram-lhe um calafrio. O coração constrangiu-se-lhe. Ficou immovel, attento, escutando, a respiração suspensa

Não ouvia mais nada... Continuava o silencio, apenas quebrado pelo bater rapido e forte de seu coração assustado, e pelo tic-tac monotono e meio abafado do relogio suspenso da sala de jantar.

Soergueu-se na cama, apoiando-se de flanco num cotovello, para ouvir melhor.

Permaneceu assim por algum tempo.

O ruido recomeçou, a principio fraco, medroso, depois mais forte, furiosamente.

— Raque! raque! raque! distinguiu Victor, claramente.

— Eram ratos. Tranquillisou-se, e seu coração como a sensitiva que os raios do sol acariciam calidamente, desopprimiu-se pouco a pouco.

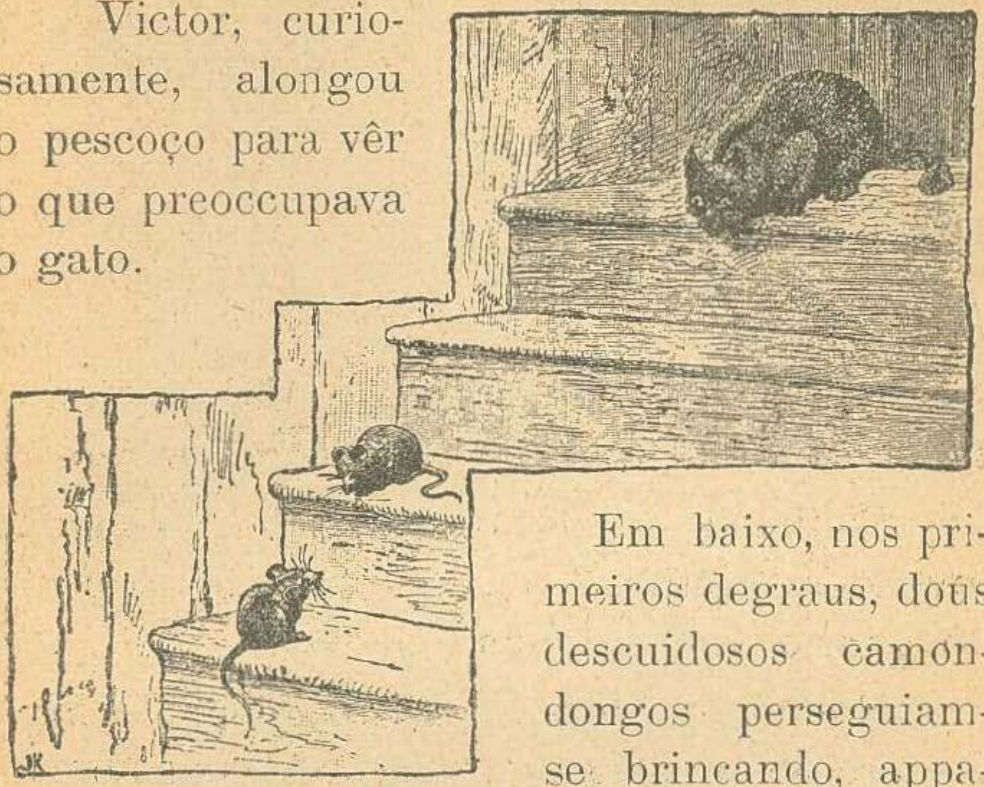
Accendeu a vela, que pousou sobre a mesa; desceu da cama, abriu a porta do quarto e sahiu de mansinho, nas pontas dos pés, para o corredor, parando perto da escada.

A' semi-claridade que se escapava de seu quarto, avistou um gato rajado, nédio, immovel sobre o patamar, na attitude aggressiva

Biblioteca Nacional de Maestros

de dar um salto e olhando fito, com as dilatadas pupilas phosphorescentes faiscando na penumbra, para os degráus inferiores da escada.

Victor, curiosamente, alongou o pescoço para vêr o que preoccupava o gato.



Em baixo, nos primeiros degraus, dous descuidosos camondongos perseguiam-se brincando, apparecendo e desapparecendo na penumbra.

De repente o gato encolheu-se mais, arqueou o dorso abanando a cauda molle e preguiçosamente, numa indolencia nervosa; chammejaram-lhe os olhos, e sem que Victor pudesse abarcar com a vista toda a scena, arremessou-se de um salto impetuoso sobre os camondongos, desapparecendo na escuridão...

Um guincho desesperado, um gemido afflicto subiu das profundezas da escada.

Biblioteca Nacional de Maestros

Instantes depois, tudo recahiu de novo em pesado silencio.

Victor escutou ainda um momento; depois voltou ao seu quarto.

Batiam cinco horas no relogio da varanda. Começava a clarear.

III

Não podia mais deitar-se. A's sete horas tinha de tomar a lancha para ir a bordo.

Banhando então o rosto pallido e os olhos inchados, vestiu-se e sahiu a bater á porta do quarto onde dormia seu pae.

Emquanto o Dr. Silva Ramos, Paulo e Donato se preparavam, Victor voltou ao seu aposento e sahiu curiosamente á janella.

A bella capital brasileira acordava tambem de seu somno. Carros, carroças, quitandeiros, peixeiros, operarios apressados, passavam sob a sacada do hotel. Vendedores de jornaes apregoavam, correndo pelos passeios, as folhas diarias.

Em frente, lá ao longe, destacava-se o perfil do Pão de Assucar de um lado, e do outro a casaria agglomerada de Nictheroy,

Biblioteca Nacional de Maestros

surgindo do mar azul que se estendia tranquillo, chamalotado de ouro pela brisa perfumada e pelos reverberos do sol.

Chamaram para o café.

Na sala de jantar já se achavam sentados á mesa o Dr. Silva Ramos e as duas crianças.

— Então, tens coragem? perguntou o medico ao avistar Victor.

— Tenho, meu pae.

— Então apressa-te, que não temos muito tempo. Os teus companheiros de viagem já devem estar á nossa espera no caes Pharoux.

Tomado o café, desceram as escadas e entraram no carro que, naquelle momento, acabava de parar á porta do hotel.

No caes Pharoux encontraram effectivamente o Sr. Moreira e o filho convalescente, que os cumprimentaram muito alegres.

A lancha já alli estava. Embarcaram-se, e vinte minutos depois estavam a bordo do *Pelotas*.

A bahia do Guanabara já estava áquella hora em pleno movimento: botes, lanchas, escaleres percorriam-na em todas as direcções.

Biblioteca Nacional de Maestros

As barcas Ferry passavam repletas. Dois ou tres vapores despediam das chaminés grossas baforadas de fumaça, annunciando a proxima partida.

Silvos estridentes cruzavam-se no ar. Lá no alto passava um bando de gaivotas.

Eram sete horas e dez minutos da manhã. O *Pelotas* tinha só mais vinte minutos de espera.

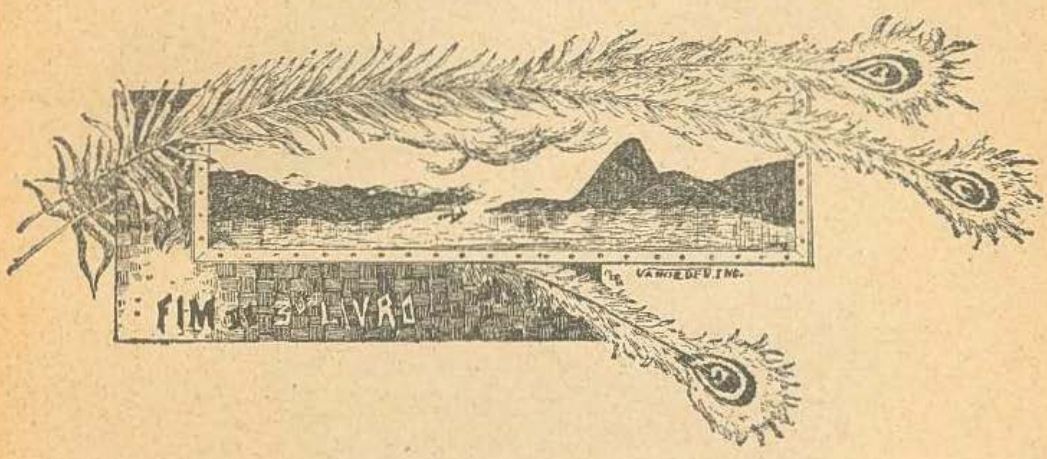
O Dr. Silva Ramos abraçou commovido o filho, recommendando-lhe coragem, despediu-se do seu amigo e do rapaz, e mandando a Donato e Paulo que tambem se despedissem de todos, desceu á lancha, que logo se afastou.

— Adeus! adeus! sejam muito felizes!

Ouviu-se um apito prolongado e rouco; as possantes helices do *Pelotas* começaram a

Biblioteca Nacional de Maestros

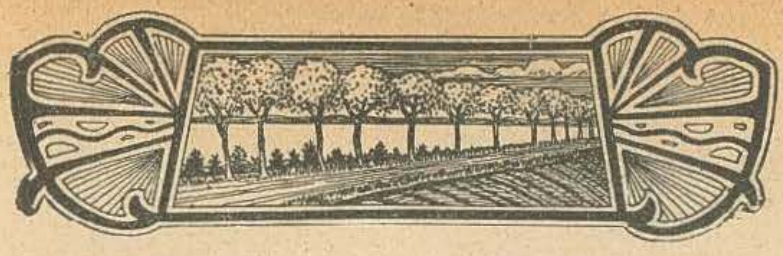
mover-se batendo a agua e dalli a pouco só se percebia, na superficie azulada do mar, um rastro de espuma que ia marcando a passagem do bello vapor brasileiro, ao afastar-se rapidamente para o lado do Pão de Assucar.



BIBLIOTECA NACIONAL
DE MAESTROS

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros



INDICE

		Pags.
I	— Palestra util	5
II	— A missa do gallo	10
III	— A matricula	16
IV	— Preparativos	22
V	— Os amigos condiscipulos	26
VI	— Tio José	32
VII	— A primeira pagina do Album	35
VIII	— O concurso de recitação	37
IX	— O Ratinho	41
X	— O mais digno	43
XI	— Em casa de tio José	47
XII	— O rei justo (Album de Paulo)	53
XIII	— Uma heroina	55
XIV	— Solução exquisita	65
XV	— Minha lyra (Album de Paulo)	69
XVI	— As historias do sargento	71
XVII	— Injustiça reparada	77
XVIII	O grillo (Album de Paulo)	82
XIX	— Tristezas	84
XX	— Pelos netinhos	87
XXI	— Mais um fogão	89
XXII	— O sonho de Luizinha	97
XXIII	— Mudança	101
XXIV	— A melhor composição	109
XXV	— Coração de pae (Album de Paulo)	112
XXVI	— Margarida	117
XXVII	— Bumba!	119
XXVIII	— A mentira	123
XXIX	— Surge a verdade	127
XXX	— A modestia (Album de Paulo)	131

Biblioteca Nacional de Maestros

		Pags.
XXXI	— A doença de Luizinha — I —	134
XXXII	— » » » » — II —	138
XXXIII	— Amigos... amigos (Album de Paulo) . . .	142
XXXIV	— De mal a peior	145
XXXV	— Maledicencia	148
XXXVI	— Recordações da guerra	150
XXXVII	— A bicycleta	154
XXXVIII	— O desastre	158
XXXIX	— De cama.	161
XL	— Fumando.	164
XLI	— Os passeios de tio José.	170
XLII	— A amiga de Zilda.	175
XLIII	— O baptizado	179
XLIV	— Nuvens tempestuosas	184
XLV	— A festa da fraternidade.	190
XLVI	— Flôres	192
XLVII	— Hymno a Paz	199
XLVIII	— Um 12 (Album de Paulo)	200
XLIX	— Impertinencias de velhos	204
L	— O protector	209
LI	— Em viagem	210
LII	— Scena nocturna	219
LIII	— Adeus! adeus (III)	224

Por mais cuidada que fosse a revisão, ainda assim nos escaparam alguns erros que, por tão visiveis, logo cáem na corrigenda do leitor. Dispensamo-nos, pois, de annotal-os, pedindo entretanto, nos sejam relevados, que não foi por incuria nem por ignorancia nossa que elles ahi se nos insinuaram por essas modestas paginas.

BIBLIOTECA NACIONAL DE MAESTROS

ESPINDOLA & CA S. PAULO

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

FRANCISCO ALVES & COMP. — Editores

Rio de Janeiro — S. Paulo — Bello Horizonte

SÉRIES DE LIVROS DE LEITURA

PUIGGARI-BARRETO

Primeiro livro . . .	1$500	Quarto livro	3$000
Segundo livro . . .	2$000	Quinto livro	4$000
Terceiro livro. . . .	2$000		

ARNALDO BARRETO

Cartilha analytica . .	1$500	Primeiras leituras . .	2$000
Cartilha das Mães . .	1$000	Leituras Moraes. .	1$500

JOÃO KÖPKE

Primeiro livro . . .	1$500	Quinto livro	4$000
Segundo livro. . . .	2$000	Fabulas	1$500
Terceiro livro. . . .	2$000	Leituras Praticas . .	1$500
Quarto livro	3$000		

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia .	$500	Terceiro livro . . .	2$000
Segundo livro. . . .	1$000		

FELISBERTO DE CARVALHO

Primeiro livro . . .	1$500	Quarto livro.	3$000
Segundo livro. . . .	2$000	Quinto livro	3$000
Terceiro livro. . . .	2$500		

MARIO BULCÃO

Vida Infantil —	Primeiro livro	1$500
» » —	Segundo livro	2$000
» » —	Terceiro livro	2$000
» » —	Quarto livro	$

FRANCISCO VIANNA

Leituras Infantis —	Leitura Preparatoria (de collaboração com M. Carneiro Junior) . . .	1$500
» » —	Primeiro livro	1$500
» » —	Segundo livro	2$000
» » —	Terceiro livro	2$000
» » —	Quarto livro	(em preparação)

Biblioteca Nacional de Madrid